



**Escola de Tecnologias e Arquitetura
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Mestrado Integrado em Arquitetura**

Margarida Fezas Vital Macieira Condeixa

Trabalho de projeto submetido como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura

Interiores de quarteirão, uma perspetiva de um novo espaço público em Lisboa

Orientadora:

Doutora Arq. Gabriela Gonçalves, Professora Auxiliar, ISCTE-IUL

Aglomerados Habitacionais na Castanheira do Ribatejo

Tutor:

Doutor Arq. Pedro Pinto, Professor Auxiliar, ISCTE-IUL

Outubro, 2018

Agradecimentos

À professora Gabriela Gonçalves, pela orientação, objetividade, acompanhamento e aprendizagem que advieram das críticas construtivas desde o início da minha fase acadêmica até ao fim da mesma.

Ao professor Pedro Pinto, pelo apoio constante, pelo entusiasmo transmitido e por todos os seus ensinamentos ao longo deste ano.

A todos os meus amigos, que me acompanharam ao longo destes cinco anos. Por toda a força, animação motivação e ajuda para que nunca baixasse os braços.

À minha prima Mariana, por ser quem é, por estar sempre presente, pronta para me ajudar, motivar e apoiar.

À minha família, por me terem aturado, suportado e ajudado ao longo destes anos em tudo o que precisei.

Pelas aventuras e experiências, que pude viver ao longo destes anos.

Índice Geral

-Introdução geral

Vertente Teórica

-Introdução

- Da forma do quarteirão ao espaço público

-Estudo de Lisboa

-Casos de Estudo

- Zona Sinistrada do Chiado, Alvaro Siza

- Quarteirão Império, Gonçalo Byrne

-Considerações Finais

Vertente Prática

- Local de Intervenção

- Estratégia de Grupo

-Proposta Individual

Introdução geral

A complementaridade da vertente prática com a vertente teórica ao longo de todo o processo e desenvolvimento leva-me a salientar diversos pontos de interligação que pretendi aqui abordar após uma breve descrição do conteúdo principal de cada uma destas vertentes.

Na vertente teórica, desenvolvi um estudo sobre os interiores de quarteirão e os aproveitamentos e benefícios que novas funções neles podem ser implementadas, tal como a abertura dos mesmos à cidade, que pode valorizar a mesma, ou a população que nela reside.

Na vertente prática desenvolvi, a construção de aglomerados habitacionais. Esta surgiu no seguimento de uma proposta de grupo que visa melhorar toda a área envolvente à Vala do Carregado em Castanheira do Ribatejo bem como a chegada ao rio, de forma a usufruir dos benefícios que a proposta de elevação da linha férrea e o aparecimento das plataformas logísticas, trazem a este território.

A abordagem feita ao estudo caso Barcelona (na vertente teórica) no qual Ildefonso Cerdá, engenheiro urbanista responsável pelo plano de expansão do mesmo, tem como grande preocupação a interligação de espaços rurais com espaços urbanos, com o intuito de equilibrar e unir o melhor de ambos, é bastante visível na parte prática, na medida em que Castanheira do Ribatejo (local da intervenção) se trata de uma área maioritariamente composta por campos agrícolas, na qual foi incorporada uma área urbana.

Ao longo do desenvolvimento destes aglomerados habitacionais, uma das grandes preocupações, foi que essa ligação e vivência que se tem com o espaço rural já existente não só não se perdesse, como se tornasse ainda mais evidente e direta. Desta forma, encontra-se adjacente a

cada propriedade, um lote exterior privado, que pode ser utilizado por cada proprietário para o fim que este pretender.

Esta relação habitação-espço exterior continua a ser visível na própria organização do aglomerado habitacional. Este desenvolve-se como um quarteirão invertido, na medida em que o acesso às habitações é feito pelo interior, por uma rua que interliga todos estes edifícios, e os espaços exteriores ficam virados para o exterior. O quarteirão desenvolvido tem uma organização oposta aos tradicionais quarteirões citadinos, mencionados na vertente teórica, nos quais o cheio do quarteirão se encontra nas periferias e o vazio no centro, encerrado.

Outro ponto também muito referido na vertente teórica diz respeito aos benefícios que a abertura do quarteirão ao exterior pode trazer para todos os seus utilizadores. No caso específico deste projeto, esta organização, permite o acesso ao quarteirão por várias direções facilitando bastante a circulação do peão, não só em redor do mesmo, mas também em percursos de longa distância.

Por vezes de uma forma evidente e outras de uma forma subentendida que a relação entre a vertente prática e teórica está presente ao longo de todo o trabalho desenvolvido abrangendo várias abordagens, de desenho e espaço público, contribuindo assim para que o trabalho seja mais rico a completo.

Parte I

Vertente Teórica

Abstract

This dissertation is about demonstrating that in a city composed of various layers which are representative of the experiences and organizations that have been occurring in the city throughout its existence is still possible to overlap another layers. On this specific case, we are dealing with a layer that arises from the remaining voids of the construction of all other existing layers, mostly found in the interior of the blocks. This layer, which carries the value of the unknown by the city to the extent that they have always been closed and privatized to its local inhabitants, is increasingly beginning to be thought and viewed as intermediate spaces between public and private use. Thus, they can be considered collective spaces that allow to create a network of public space capable of covering an ever-larger area by linking the street, the garden, the square and the interior of a block.

In order to prove that these spaces have great potential not only for the space itself but also for the quality of life of all the inhabitants of the city, two projects were analyzed in the historical center of the city of Lisbon. The study of these spaces was born on the will of understanding which objectives and intentions had led to their construction, as well as comprehending basis for the noticeable successes and absences. In order to make this analysis even more thorough, going beyond a simple visit to the site and study of the work, an interview was also conducted with one of the architects responsible for one of these projects. Eventually, it was possible to understand better the concerns necessary for the creation of a space of this type, as well as everything that can influence or be influenced in these spaces.

Keywords

Courtyard | Collective Spaces | Rehabilitation | New Functions

Resumo

Esta dissertação trata de demonstrar que numa cidade composta de variados "layers" representativos das vivências e organizações que nela foram ocorrendo ao longo da sua existência é ainda possível sobrepor mais layers. Neste caso, tratamos de um layer que surge dos vazios sobranes da construção de todos os outros layers existentes e que, maioritariamente, se encontra nos interiores de quarteirão. Este layer, acarreta o valor do desconhecido por parte da cidade, na medida em que estes espaços sempre foram encerrados e privatizados aos seus habitantes locais. No entanto, cada vez mais começam a ser pensados e visualizados como espaços intermediários entre o público e o privado, podendo assim serem considerados espaços coletivos que permitem criar uma rede de espaço público capaz de abranger uma área cada vez maior, desde a rua, ao jardim, à praça, ao interior de quarteirão.

De forma a comprovar que estes espaços têm grandes potencialidades não só para o espaço em si como também para a qualidade de vida de todos os habitantes da cidade, foram analisados dois projetos no centro histórico da cidade de Lisboa, no sentido de perceber quais os objetivos e intenções que levaram à sua construção bem como os sucessos e ausências de cada um. Para que esta análise fosse ainda mais aprofundada, indo além de uma simples visita ao local e estudo da obra, foi também realizada uma entrevista a um dos arquitetos, autor de um desses projetos, para que fosse possível entender as preocupações necessárias para a criação de um espaço deste tipo, bem como tudo o que pode influenciar ou ser influenciado nestes espaços.

Palavras-Chave

Interior de quarteirão | Espaços coletivos | Reabilitação | Novas funcionalidade

Índice

Introdução	1
1. Da forma de quarteirão ao espaço público	4
1.1. Plano de Cerdá, Barcelona	4
1.1.1. História e necessidade de Expansão	4
1.1.2. Plano de Cerdá	6
1.1.3. Enfoque nas características do quarteirão e relação com espaço público	12
1.2. Espaço Público	16
2. Casos de estudo	22
2.1. Enquadramento na cidade de Lisboa	22
2.1.1. Antes terramoto - cidade medieval	22
2.1.2. Após terramoto – baixa pombalina	23
2.2. Recuperação da Zona Sinistrada do Chiado, Álvaro Siza	36
2.3. Quarteirão Império	46
2.4. Casos de estudo na atualidade	52
3. Considerações finais	56
4. Índice de Imagens	66
5. Referências	69
6. Anexos	71

Introdução

Sendo o interior de bairro da cidade de Lisboa, os poucos e quase únicos espaços vazios ou mal ocupados da cidade, visto estarmos perante uma cidade bastante sobrecarregada de edificado e de infraestruturas, os objetivos deste trabalho centram-se na tentativa de perceber como os poderíamos aproveitar da melhor maneira para a cidade, atribuindo-lhes funções que mais falta lhe fazem e que visem melhorar o funcionamento e a qualidade de vida da sociedade.

Perceber as mais valias que a abertura de alguns destes espaços ocultos da cidade, de grande potencialidade, por vezes de grandes dimensões e maioritariamente mal aproveitados podem trazer à sociedade, não só através do melhoramento de ligações sociais entre vizinhos, mas também a possibilidade de atravessamento criando assim percursos alternativos aos habituais, evitando a constante relação carro-homem e impondo mais bairro-homem (natureza-homem).

Esta dissertação vai-se desenvolver com primeiro enfoque no plano de recuperação de Barcelona realizado por Cerdá, sendo este aquele que mais se relaciona com o tema a ser desenvolvido, pois foi através de Cerdá que se deu a conhecer o bairro como algo mais que habitação. Transformando o interior de bairro de algo que servia apenas para ventilação e serviço, por um espaço de convívio, foi também por isso que neste plano vimos uma relação mais direta entre habitação e espaço público, sendo que até o limite do bairro deixou de ser o limite do espaço público, pois em alguns destes bairros até a sua forma é incompleta de maneira a que o espaço público se integre de melhor forma. Tenciono por isso entender se este tipo de relação entre o bairro e o seu interior, pode ser uma forma de qualificar e reabilitar as cidades históricas dotando-as de espaços públicos mais qualificados e à escala da vida contemporânea, sem com isso danificar o seu carácter. Queria ainda entender se esta relação entre os dois pode também ser transposta para a cidade de Lisboa, de forma a que a relação pessoa-bairro seja mais vivida.

De seguida serão apresentados os casos de estudos já no centro histórico de Lisboa, mais precisamente na área do Chiado, sendo aqui possível uma relação mais próxima com o objetivo final desta dissertação, uma vez que estes quarteirões fazem parte da cidade em que a dissertação se foca. De maneira a entender a razão pela qual estes projetos foram realizados, será feito um apanhado de toda a evolução e crescimento da malha urbana da cidade e conseqüentemente todas as catástrofes e vantagens que estas trouxeram ao longo dos anos a Lisboa.

Através dos casos de estudos, que integram interiores de quarteirão como enfoque principal vai ser possível a realização de uma análise mais próxima, visitando o local e entrevistando um dos arquitetos, tentarei perceber se os objetivos de recuperação bem como a melhoria de ligações entre espaços foram concretizados. Por ter como casos de estudo, exemplos presentes na cidade estudada, conseguirei perceber como é que os habitantes responderam a estas novas intervenções realizadas, e conseqüentemente entenderei se a possibilidade de os interiores de quarteirão se transformarem em espaços públicos são uma opção viável e benéfica para todos na cidade de Lisboa.

1. Da forma de quarteirão ao espaço público

1.1. Plano de Cerdá, Barcelona

1.1.1. História e necessidade de Expansão

No séc. XVIII, no reinado de D. Carlos III, Barcelona mostra a intenção de se expandir, mas isto apenas podia ocorrer caso fosse fora das muralhas existentes. Esta área, que era até então uma área de subúrbios, desvalorizada, que incluía apenas espaços agrícolas, matadouros, hospícios, passou a ser uma área de futuro desenvolvimento. Anos mais tarde foi então tomada a grande decisão da cidade como o autor afirma *“The realization of the Eixample- the large scale expansion of Barcelona- represented the decisive step in the city’s history”* (Montaner, 1997, p. 21) e para tal, o governo de Madrid fez uma proposta de expansão realizada por Ildefonso Cerdá. Esta interligava a zona histórica com uma nova malha proposta, contudo esta não foi bem aceite *“Barcelona’s councillors were not, however, disposed to having the development of their city laid down from on high”* (Montaner, 1997, p. 23) pois queriam que a proposta fosse realizada por alguém da cidade. Deu-se então início a um concurso com o intuito de encontrar o mais habilidoso e respeitado arquiteto de Barcelona, apto para a realização deste projeto. Deste foi retirado Antoni Rovira I Trias como vencedor, considerado um perito em urbanismo e sensível a todos os requisitos que lhe eram pedidos. Contudo o plano proposto por Antoni (“concentric circles with radial “spokes””) não agradava ao Governo, sendo que este procurava algo que se adaptasse ao longo dos anos e que tivesse uma vertente mais moderna.

Regressou-se então ao plano indesejado e dificilmente aceite pelos habitantes de Barcelona, o plano de Cerdá, uma vez que este preencheu todos os requisitos do governo, por parte, através das suas preocupações pelo *“tratamento holista de la complejidad, la busqueda de unos objetivos*

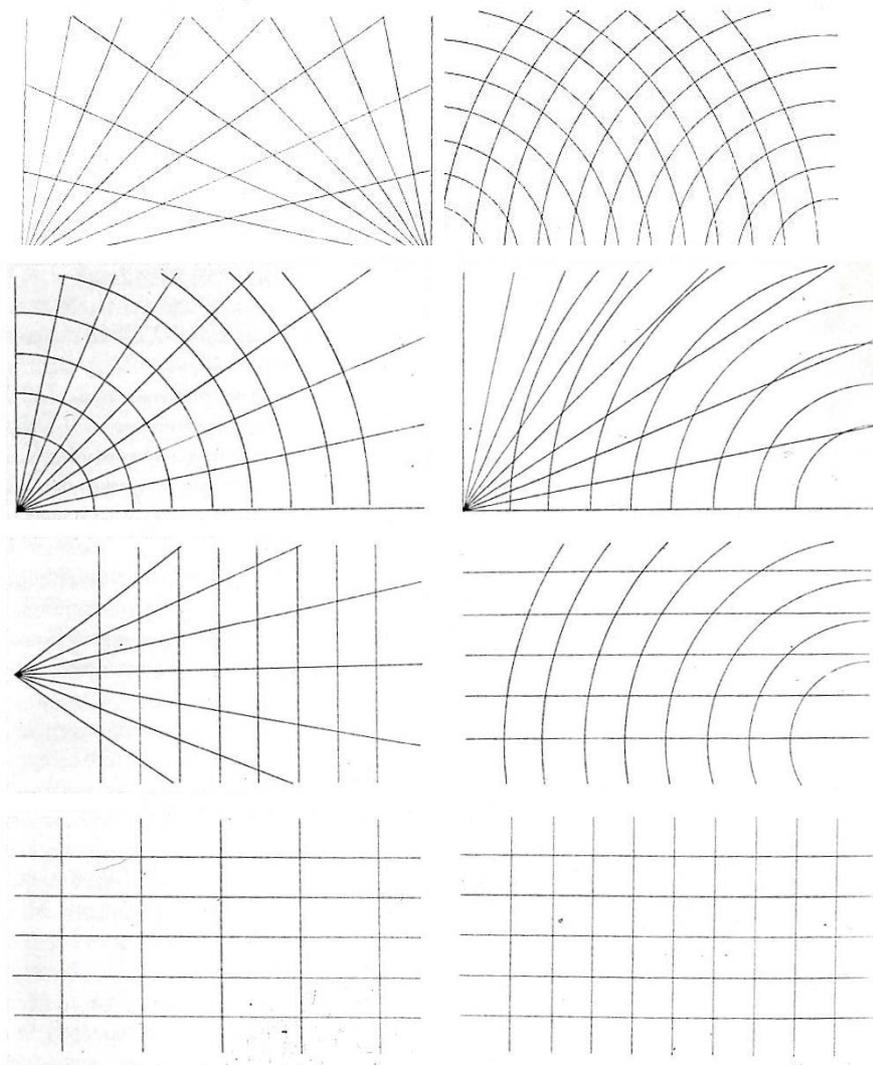


Imagem 1- Variados tipos de malha urbana estudados por Cerdá: puros (radial, anular, retangular e quadrangular) e cruzados.

coherentes y explícitos, la lucha para compatibilizar requerimientos contradictorios, la flexibilidad ante los cambios, el respeto a la dignidad y libertad de todas las personas.” (Puig, 1999, p. 14).

Os barcelonenses devem toda a sua expansão, que permitiu o crescimento da população de 150.000 de habitantes (1859), para 1.7 milhões (1991) numa área urbana de 8.000 hectares, mas também a sua nova aparência a Cerdá que criou um plano tão flexível que no mesmo estilo de blocos, podemos encontrar edifícios de maior importância e outros de grande extravagância e intemporais visto que ainda hoje a nível viário cumpre todas as suas funções sem nenhuma dificuldade (Montaner, 1997, p. 25).

1.1.2. Plano de Cerdá

Cerdá inicia então o seu trabalho em dois campos distintos: teórico e prático. Daí que se segue um trabalho urbanístico que é ao mesmo tempo um projeto e uma teoria. A nível teórico surgiram dois livros: *La Teoría de la Construcción de la Ciudades*, 1859 e *La Teoría de la Viabilidad Urbana*, 1861 (Cerdá, 1991, p. 18). Neste livro, Cerdá utiliza Barcelona como terreno de comprovação da sua tese, analisando o território em quatro vertentes, topográfica, histórica, geográfica e o estudo da mobilidade.

A nível de Projeto, Cerdá inicia com um estudo das várias malhas possíveis, de maneira a que, através da perceção das vantagens e desvantagens de cada uma, seja possível alcançar a malha ideal, tendo em conta as suas teorias. As várias malhas possíveis são: radial, anelar, retangular e quadrangular, bem como as várias combinações possíveis, radial com anelar, radial com retangular, anelar com retangular (Imagem 1). Relativamente ao sistema radial puro, este apresenta mais desvantagens que vantagens uma vez que forma quarteirões irregulares e não é possível alcançar igualdade ao longo da malha. A única vantagem que este resolve por completo é a rapidez com que se chega do centro a qualquer ponto da cidade.

Este sistema foi considerado caricato e impossível de aplicar, daí nunca ter sido implementado em nenhum local. Já a sua combinação com o sistema radial é mais admissível e até possível para cidades de onde a partir do centro saiam ruas de grande comunicação em todas as direções. Como por exemplo, as teorias de Cidade Jardim nos finais do séc. XIX projetadas por Ebenezer Howard, onde é visível este sistema (Puig¹, 1999, pp. 118–121).

Após o estudo das duas anteriores e do entendimento de que nenhuma era aplicável ao caso que tinha em mãos, restavam-lhe apenas a retangular e quadricular, ambas de malha ortogonal. Numa primeira aproximação (Anteprojeto 1855) desenha a malha retangular, que segue o modelo de exemplos observados como o Plano de Boston e Filadelfia, (estes estudados e descritos por Cerdá no seu livro, Teoría de la Construcción de la Ciudades, 1859) este que era o sistema mais utilizado na altura. Numa segunda aproximação (1859), acrescentando o pensamento acerca da circulação e distribuição uniforme ao longo da cidade passa então para uma malha quadricular, na qual se elimina a única desvantagem do sistema retangular: a distribuição irregular ao longo dos quarteirões.(Puig, 1999, p. 125;132) O sistema quadricular é considerado o “más higiénico, el más moral, el más justo, el más económico, el más político, el más favorable a la circulación, a la expansión, a la buena administración y gobierno de toda gran ciudad.” (Puig, 1999, p. 132).

Apesar de todas as vantagens já enumeradas, este sistema vem quase sempre com uma crítica associada de monotonia, visto ser uma quadrícula homogénea, quase interminável. Mas Cerdá vence essa crítica através da implantação de “intervias” (palavra inventada por Cerdá) abertas que “hacen desaparecer, con la variedad de sus combinaciones, la monotonia que por lo general acompaña a todas las ciudades construídas por ele sistema cuadrículado” (Puig, 1999, p. 283). procurando assim

¹ Aturo Soria y Puig urbanista, construtor e jornalista conhecido pelo desenvolvimento da cidade linear de Madrid com base nos ideias de Cerdá.

implementar uma certa irregularidade no meio de uma malha urbana regular na qual é possível incorporar uma grande variedade de soluções edificadas (Puig, 1999, pp. 280–281).

A necessidade da descoberta de um novo termo para designar “manzana” quarteirão foi algo que Cerdá considerou bastante necessário sendo que “manzana” não lhe fazia nenhum sentido. Inicialmente surge a palavra ilha, esta fazendo já mais sentido, sendo que as ruas criam espaços isolados. Contudo este termo não era o melhor sendo que era uma tradução figurativa de um espaço de terra rodeado por água. O que levou a continuação da procura, até ao termo ideal: “intervias”. Este que é entendido sem que justificações sejam necessárias.

A partir deste termo podemos também perceber que a relação com as “vias” é algo constante. A rua é por isso considerada um conjunto de estrada e edifícios, dentro de uma rede que inclui todas as ruas de uma cidade e que possibilitam uma circulação contínua na mesma. A esta são lhe atribuídas duas funções: distribuir e permitir acesso aos edifícios. Contudo a sua função inicial era apenas o acesso a habitações de carácter privado, não sendo por isso possível considerar que sempre foi um elemento público (Puig, 1999, pp. 103–229).

Essa relação é muito visível no pensamento de Cerdá, sendo que este desenvolve uma fórmula a partir do comprimento do lado do quarteirão, em função da largura da rua, da profundidade do terreno, do comprimento da fachada, do número de metros quadrados por habitante. Esta formula não é sempre a mesma, estando sujeita a alterações caso o quarteirão seja aberto ou fechado e inclua ou não os cantos cortados.

Alcança-se assim o traçado final, qualificado por Cerdá como “mixto de radiado y cuadricular” (Puig, 1999, p. 131) (Imagem 2). Este que une as vantagens dos dois sistemas, do sistema radial (alcançar rapidamente qualquer ponto da cidade a partir do centro) sendo que o centro

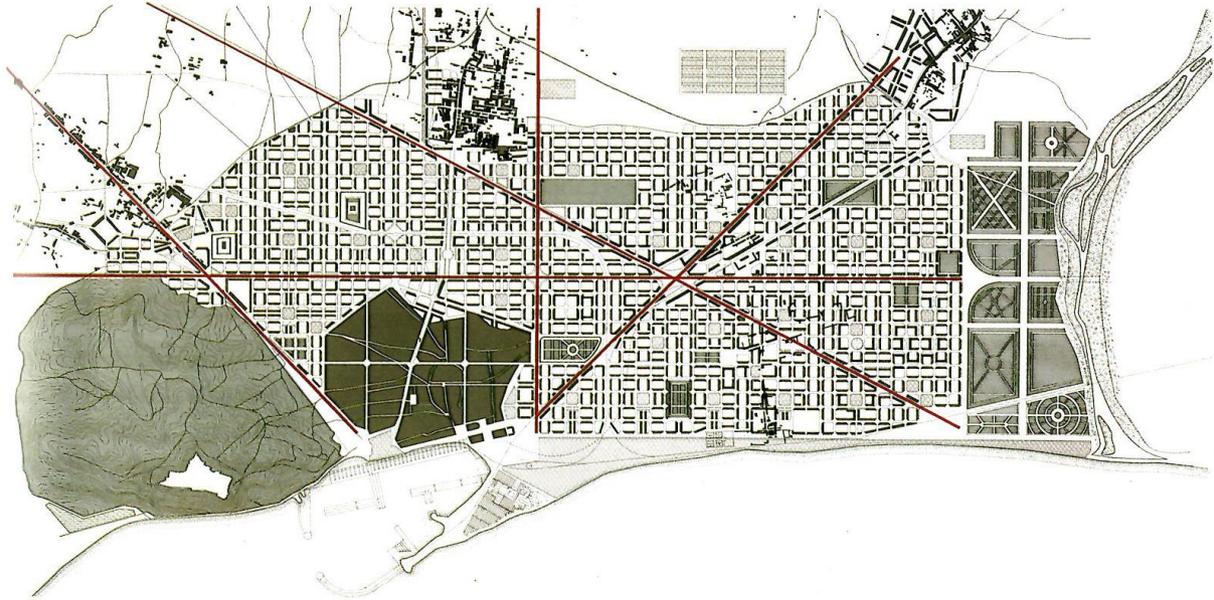


Imagem 2- Traçado final cruzado de radiado com quadrangular

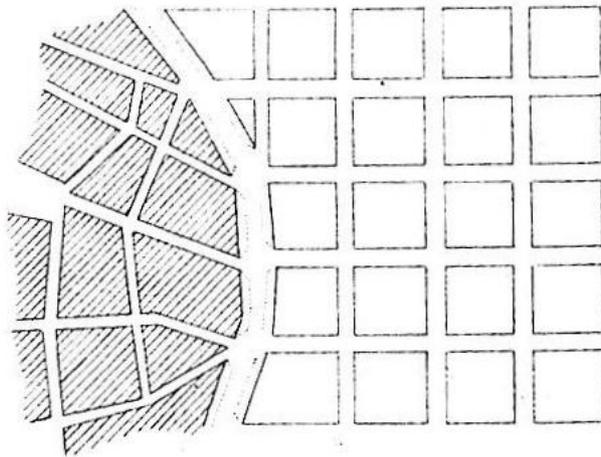


Imagem 3- "plazas de articulación"

deste sistema é a cidade histórica, e do sistema quadricular (igualdade não só a nível de distribuição como também de valorização das ruas adjacentes) (Puig, 1999, p. 131). Este traçado tinha como principais características e preocupações as seguintes:

“1º Cuadrado, por razones de equidade en el tratamiento de los derechos de los pietarios y en el reparto tanto del asoleamiento como de la circulación que entonces era, no se olvide, de tracción animal...; 2ºAchaflanado, en atención a la primera ley de la viabilidad que consiste, según Cerdá, en la continuidad del movimiento(...), formando así en cada cruce una plaza octagonal de 20m de lado (Barcelona- City and its architecture)” (realizado também com a intenção futura de que a cidade iria ser composta de carris e iria ser facilitada a sua circulação. Apesar dessa intenção, esta infraestrutura acabou por nunca ter sido implementada); “3ºAjardinado, como medio de rurizar la ciudad; 4ºAbierto, para preservar el aislamiento, la independencia del hogar en la urbe y su adecuada ventilación, así como evitar la monotonía de la cuadrícula; 5ºOrientado en dirección NE-SO y NO-SE, para repartir equitativamente el asoleamiento; 6ºDe 113metro de lado, por razones múltiples: de circulación, economía, densidad, etc.” (Puig, 1999, pp. 280–281). Após analisarmos todas estas características, podemos concluir que nenhuma delas, por si só, é original. A novidade surge apenas com a conjugação de todas elas.

Nunca esquecendo que toda esta nova malha que estava a ser proposta, tinha de ter uma ligação constante com a malha antiga, de maneira a que houvesse continuidade entre as duas e não um espaço de quebra, foi necessário um pensamento especial acerca do mesmo. Isto foi resolvido não só através do sistema escolhido misto radial quadrangular, como já antes foi referido, como também foram propostos para alguns desses espaços intermediários praças que se acercam das da nova malha, estas chamadas “plazas de articulación” que situadas perto umas das outras, formam uma, grande e ampla rua também de articulação (Imagem 3). Desta forma, foi introduzida a regularidade e continuidade da malha nova para a antiga (Puig, 1999, pp. 224–226).

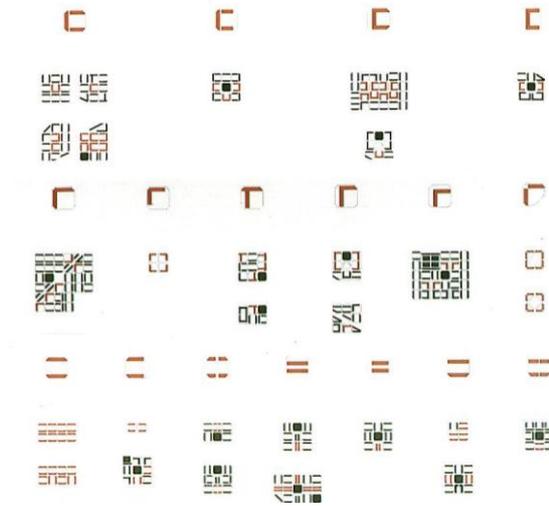


Imagem 4- Blocos de quarteirão tipo

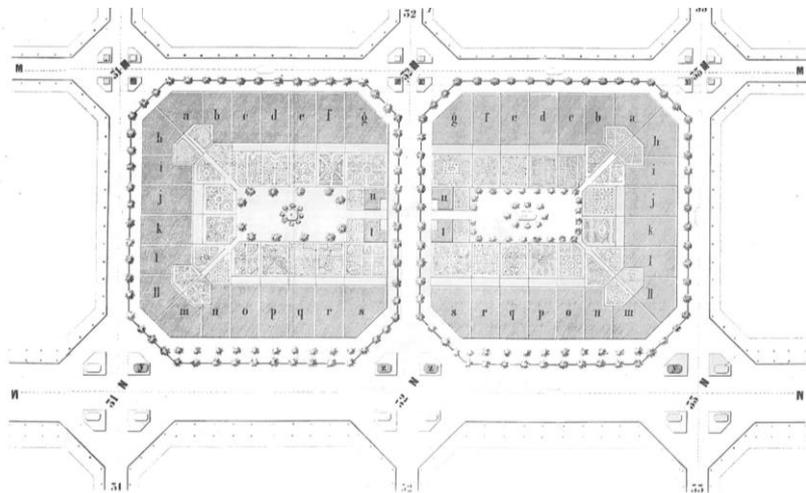


Imagem 5- Folheto divulgativo da sociedade " El Fomento del Ensanche de Barcelona" onde é visível o espaço ajardinado destinado a cada habitação.

1.1.3. Enfoque nas características do quarteirão e relação com espaço público

Após a escolha do sistema ideal, quadricular, que não revelava nenhuma informação que não fosse já antes conhecida, mas que apesar disto foi considerado o melhor sistema que podia ser utilizado, *“No es sorprendente que el sistema ortogonal se haya impuesto, ya que es el tipo de proyecto más económico de trazar, más rápido de construir y más fácil de comprender”* (Cerdá, 1996, p. 205). Para além de tudo este sistema tinha a grande vantagem de valorizar igualmente todos os lados da quadra, bem como a igual distribuição populacional ou viária ao redor do mesmo.

Aquilo que torna o caso de Cerdá diferente dos outros é a consideração que este revela em relação ao espaço construído dedicado à habitação e o dedicado a vias. Para além deste aspeto, importa ainda referir que Cerdá pensa um quarteirão assente em 3 pontos: no ar respirável, na densidade e nos jardins.

A nível do ar, para que o quarteirão possa usufruir totalmente dele, foi proposta a decomposição de alguns quarteirões, em forma de “u” ou mesmo lineares. Desta forma, foi possível criar habitações mais saudáveis, mas também uma malha urbana mais dinâmica, que permite uma circulação pedonal muito menos monótona (Imagem 4).

A densidade é um ponto muito importante no estudo do plano de expansão, visto que os valores de número de habitantes por hectares, noutras cidades eram menos de metade, daquilo que tínhamos dentro da cidade amuralhada. Foi por isto e pela falta de condições que ali existiam que preocupações a nível higiénico e de salubridade foram necessárias para o desenho não só das habitações como também no estudo do saneamento realizado. Por fim, outra grande preocupação de Cerdá relaciona-se com a necessidade de em toda e qualquer unidade territorial haver sempre um prédio urbano e um prédio rural (Imagem 5), de maneira a ruralizar o urbano ou urbanizar o rural, (estas duas palavras criadas por Cerdá).



Imagem 6- Interiores de quarteirão totalmente preenchidos



Imagem 7- Pátio interior da Torre de les Aigües antes da renovação



Imagem 8- Pátio interior da Torre de les Aigües após a renovação



Imagem 9- Biblioteca Sant Antoni- Joan Oliver

Neste caso de maneira a “ruralizar” a grande cidade de Barcelona, através não só da implantação de pequenas áreas verdes, em cada casa, quarteirão ou bairro, mas também através da compatibilidade da quietude e isolamento próprio do campo, com a agitação e a sociabilidade própria da cidade. Cerdá procura assim ligação e compromisso entre os opostos (Puig, 1999, p. 27-231).

No entanto, nem tudo se manteve ou foi concretizado como Cerdá propunha, pois devido a forças maiores, neste caso políticas, as necessidades eram outras, daí que muitos dos quarteirões viram todos os seus lados da quadra a serem preenchidos e a perder os seus espaços verdes interiores, como podemos verificar na (Imagem 6). Contudo, anos mais tarde, o pensamento de Cerdá voltou a ser alcançado aos poucos, através da alteração do pensamento da população acerca da necessidade de espaços públicos. Estes reconheceram a sua importância, o que levou à realização de um plano nos finais do séc. XX: “*Ordenanza de Rehabilitación y Mejora del Eixample*”. Este tinha como principal objetivo o aproveitamento dos interiores de quarteirão. Desde então mais de 46 pátios internos do Eixample foram recuperados, como podemos ver o antes e depois através da (Imagem 7) e (Imagem 8) apesar de muitos deles serem espaços coletivos (horários restritos), uma vez que este plano tinha a intenção de conservar ao máximo as fachadas existentes. (Saboya, 2015) Estas recuperações tem sido implementadas com as mais variadas funções, uma delas e bastante reconhecida mundialmente devido ao prémio Pritzker recebido o ano passado pelos arquitetos espanhóis Rafael Aranda, Carme Pigem e Ramon Vilalta, do estúdio catalão RCR, onde um dos seus projetos de destaque é a , Biblioteca Sant Antoni - Joan Oliver, trata-se da ocupação de uma parte do quarteirão bem como o seu interior para a concretização de uma biblioteca e composto também por algum espaço livre aberto ao público (Imagem 9).

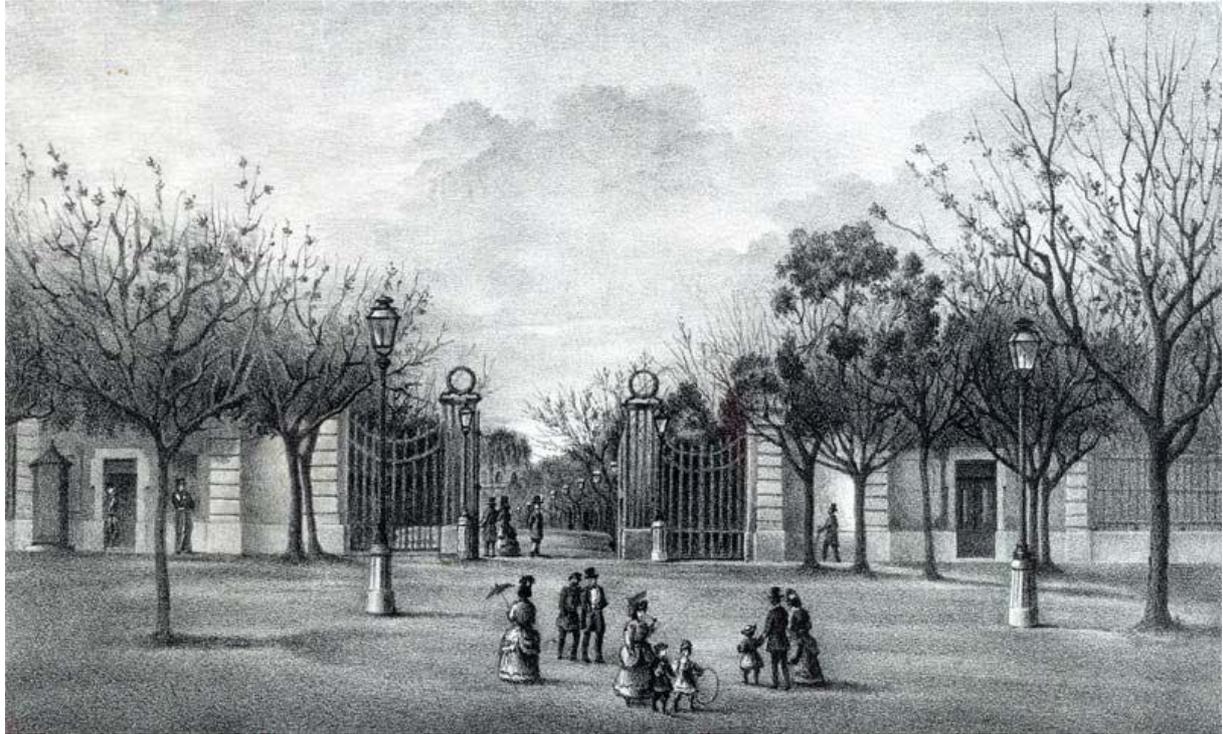


Imagem 10- Passeio público do Rossio

1.2. Espaço Público

O espaço público define a qualidade da cidade. É este que indica a qualidade de vida das pessoas e a qualidade da cidadania dos seus habitantes. Este tem como principais características dar forma e sentido ao conjunto da cidade, garantir percursos e elementos de continuidade e dar destaque às diferenças entre edifícios, quarteirões e áreas urbanas. No entanto, para que esta seja utilizada por todos é necessário, em primeiro lugar, que haja diversidade, tanto de funções como de usuários. É também importante que estes se sintam pertencentes aos espaços, sendo por isso necessário dar-lhes qualidades estéticas, espaciais e formais, bem como manutenção, iluminação, acessibilidade e a presença de serviços e atividades, facilitando assim as relações sociais (incluindo diferentes culturas) dentro do mesmo espaço e fornecendo-lhes, simultaneamente, segurança (Borja and Muxi², 2003, pp. 25–109). Lees dizia “(...) *el espácio publico no es homogéneo. Los espacios públicos se diferencian según su funcion social, cultural, económica y simbólica y lo que es más importante es que dependen de los significantes, retos y negociaciones que los diferentes públicos coloquen sobre ellos.*” (Lees, 1998, p. 40). É também através do uso e da dinâmica que é dada pelos habitantes a certas áreas da cidade que nascem espaços públicos que não foram concretizados com esse valor, estes muitas vezes integrados em espaços vazios ou em edificado (Borja and Muxi, 2003, p. 46).

Contudo, o espaço público não teve sempre as mesmas características, uma vez que estas foram sendo valorizadas e foram sofrendo alterações ao longo dos tempos. Isto é possível constatar em Lisboa. Como exemplo temos o Passeio Público, criado em 1764 por Reinaldo Manuel, atual Avenida da Liberdade (Imagem 10). Neste exemplo é visível como o crescimento de uma cidade pode afetar as necessidades, bem como qualidade de vida das pessoas, sendo que o Passeio

² Jordi Borja e Zaida Muxi ambos urbanistas. Responsáveis pelo livro: El espácio público: ciudad y ciudadanía que aborda a importância do espaço público como eixo condutor da vida social de uma cidade.

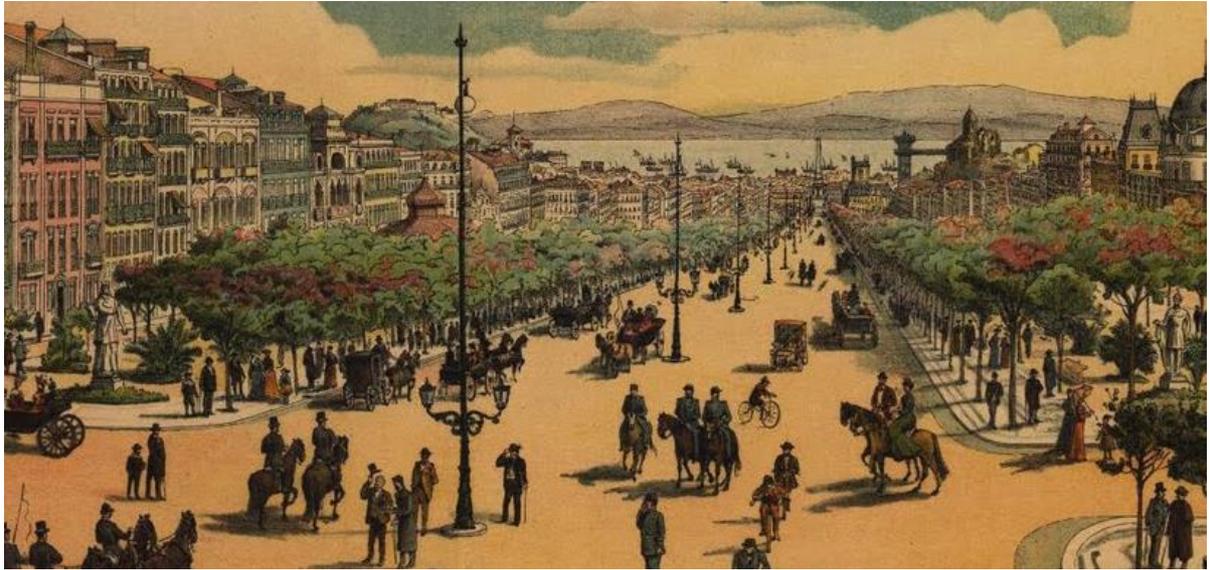


Imagem 11- Avenida da Liberdade, 1905



Imagem 12- Espaço público partilhado, Nantes

Público, aquele que era o jardim de excelência de Lisboa foi demolido em 1879 para que a expansão a norte da cidade pudesse ser realizada. Surgindo, assim a Avenida da Liberdade, esta que se encontra como hoje a conhecemos: grande dimensão, com espaços verdes circundados por vias.

Nos finais do séc. XIX este espaço era frequentado da mesma maneira pelos peões bem como as carroças, todos estes circulavam no mesmo espaço, não sendo necessária uma divisão (Imagem 11). Com o passar dos anos isto foi-se perdendo para uma valorização do automóvel, passando a haver uma maior separação entre os dois espaços, separação esta que se apoderou de toda a cidade. Consequentemente, a relação entre espaços bem como o usufruto das ruas como espaço de estar foi-se perdendo. Este é atualmente um espaço predominantemente viário e não pedonal.

Atualmente, com uma visão mais crítica a todas as intervenções que têm sido realizadas e alcançando uma perceção de que o que muitas dessas intervenções fizeram foi não mais do que romper o tecido urbano, tem-se vindo a concertar a cidade através de um pensamento numa cidade que alberga, tenta solucionar e é acessível a todos os que nela circulam. Isto tudo, em união com um pensamento mais preocupado com a sustentabilidade e o futuro de todos, tendo-se alcançado uma valorização do peão e os seus percursos na cidade bem como transportes públicos, tentando assim alcançar uma cidade menos caótica a nível de tráfico e de poluição. Como exemplo de uma solução para o que pode ser feito em Lisboa, temos várias outras cidades que já iniciaram a conjugação destes dois aspetos. Temos como exemplo a cidade de Nantes onde se procurou um equilíbrio entre os vários meios de transporte e os bairros adjacentes (Imagem 12). Foi então diminuído o espaço dedicado aos automóveis e o espaço dos peões passou a ser partilhado com aquele que os move na cidade, o elétrico, permitindo assim uma ligação mais forte ao longo da cidade (Borja and Muxi, 2003, pp. 85–87).

Contudo, apesar do esforço que se tem vindo a fazer para que as cidades tenham melhor qualidade de vida, a falta de espaços públicos é ainda um ponto negativo (Borja and Muxi, 2003, p.

85;87). Os espaços públicos de antigamente, as ruas largas, passaram de espaços de estar e de convívio, a zonas pequenas de passagem. Como resultado, os habitantes passaram a estar cada um dentro do seu próprio mundo, perdendo-se a comunicação entre diferentes classes sociais e diferentes culturas, já o Alexander Torres dizia, que havia *“A necessidade de voltar aos tempos em que as pessoas estavam umas com as outras, existe falta de comunicação, convivência. (...) As pessoas raramente param para conversar na rua. Há outras pessoas a querer circular nos passeios estreitos. Há o barulho ensurdecedor dos portugueses ao volante do seu carro. (...) Assim, não se pode dizer que a rua é um espaço verdadeiramente público. Logo vai-se para os cafés conviver (...) Se os cafés são as praças (...) porque não trazer essa lógica para o interior de quarteirão?”* (Torres, 2006, p. 6).

A cidade é construída pela sociedade, pois esta é o seu reflexo, é através daquilo que o Homem valoriza e as suas necessidades que a cidade cresce e se desenvolve. Desde Aristóteles que se defende que Cidade não é cidade se a população nela integrada for muito semelhante entre si. Esta apenas é considerada uma cidade se for composta por pessoas de diferentes classes sociais e culturas. Também Louis Wirth no seu texto *Urbanismo como forma de vida* afirmava que *“La ciudad se caracteriza por la heterogeneidad social”* (Borja and Muxi, 2003, p. 34). Fazer cidade hoje é utilizar as tramas e a malha urbana existente e produzir sobre ela as novas intervenções, nunca esquecendo os pontos de contacto entre o tecido histórico e o novo criando estes uma continuidade e não uma rotura. Mas não só, é também essencial refletir sobre as intervenções anteriormente realizadas e perceber se foram uma mais valia para a comunidade que nela vive ou apenas para o seu desenvolvimento. Como por exemplo a diminuição dos espaços de circulação/convívio, as ruas, foi uma decisão tomada com o intuito de valorizar o automóvel e a sua circulação na cidade, contudo o pensamento do Homem inverteu-se novamente, havendo assim novas alterações necessárias na cidade (Borja and Muxi, 2003, p. 75).

Pretende-se, nos dias de hoje, que o espaço público seja a cidade, que se dê mais importância aos peões e às relações entre eles, bem como às relações entre espaços. Pretende-se criar espaços

flexíveis que se adaptem a diferentes usos, à medida que a cidade se vai desenvolvendo, mas preservando-se sempre útil ao longo do tempo e sempre com características que atraiam e estimulem a população de maneira a torná-los espaços de estar e não apenas de passagem, em horário diurno e noturno (Borja and Muxi, 2003, p. 59;65). Como afirma o diretor de planeamento da cidade de Londres, *“a mercadoria mais importante que se troca numa cidade é a conversação, a informação cara a cara, o murmúrio... Em consequência são muito necessários o bar e o restaurante. (...).”* (Borja and Muxi, 2003, p. 77). Mas para que novas intervenções façam sentido em cidades com uma trama histórica já presente deve seguir-se alguns pontos, como por exemplo: i) Nenhum projeto deve ser realizado, se apenas houver a intenção de solucionar um problema; ii) Desenhar primeiramente o espaço público e articular eixos de continuidade física e simbólica entre as novas intervenções e a cidade existente; iii) Habitação, esta deve estar sempre presente em qualquer projeto urbano que se realiza e deve integrar população de diferentes culturas e classes sociais; iv) Respeitar a história e a trama existente, bem como as tradições culturais de urbanismo de cada lugar. Também os acidentes topográficos devem ser encarados como oportunidades e não como obstáculos para o desenvolvimento da cidade e a qualidade de vida. É também necessário olhar para a cidade e ver o que nela falta e o que mais sentido faz, nela implementar. Como já foi anteriormente referido, porque não olhar para os interiores do quarteirão, como uma oportunidade de espaço de convívio, visto que fora deles, isso quase não é possível, devido às ruas estreitas e o espaço existente ser quase todo ocupado para circulação. Com esta possibilidade eram aproveitados muitos dos poucos espaços permeáveis ou mal ocupados da cidade, por algo que realmente faz falta e que iria melhorar não só a circulação na cidade como a qualidade de vida dos habitantes (Borja and Muxi, 2003, p. 77;89).

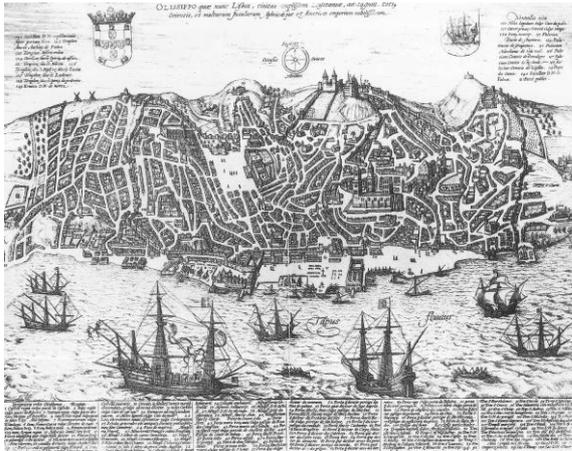


Imagem 13- Lisboa, cidade medieval, 1ª metade do séc. XVI



Imagem 14- Área da Baixa antes do Terramoto, 1718

2. Casos de estudo

2.1. Enquadramento na cidade de Lisboa

2.1.1. Antes terramoto - cidade medieval

Antes do terramoto, Lisboa era uma cidade amuralhada (ainda que no fundo grande parte em desuso) e que estava concentrada na zona ribeirinha e nas colinas junto desta. A sua morfologia era constituída por uma malha desigual, típica de uma cidade medieval (Imagem 13). A meio do séc. XVI esta era já composta por 80 mil habitantes, 432 ruas e travessas, 89 becos, que foram subindo de *“estatuto de meio rural, para sítios e depois bairros”* (França, 1997, pág. 16) A zona da Baixa, era já na altura considerada o coração da cidade, era formada *“por um labirinto de ruas estreitas e irregulares, travessas e becos, semelhante à das zonas mais antigas como o Castelo e Alfama”* (Ribeiro Santos³, 2000, p. 29) (Imagem 14).

Ainda no séc. XVI Lisboa surge com algo bastante moderno para a época, um bairro planeado composto por ruas mais largas, e um traçado regular, este bairro, mais conhecido por Bairro Alto (Ribeiro Santos, 2000, p. 30), era *“uma bastante cidade”, de ruas “belas”, “o mais gabado”, de “traça moderna” e “romana”, em tudo dignos de “fidalgos ilustres” que passavam a habitá-lo.* (França, 1997 pág. 19), este pensamento arquitetónico chegou até nós por parte dos espanhóis aquando da sua ocupação, este que era o tipo de arquitetura a ser utilizada por eles na altura “Siglo D’Oro”(França, 1997, p. 19). Este Bairro é ainda hoje possível encontrar na cidade de Lisboa, com as mesmas características de quando foi construído (Ribeiro Santos, 2000, p. 30).

³ Maria Helena Ribeiro dos Santos, doutorada em urbanismo na Universitat Politecnica de Catalunya, principal enfoque do seu trabalho: Baixa Pombalina.

Há medida que os anos foram passando a cidade foi evoluindo várias freguesias foram surgindo, tais como Rato, Amoreiras, Campolide, Graça, São Vicente, Santa Apolónia, Santos-o-Novo, Alcântara, Arroios e São Sebastião da Pedreira, estes dois últimos considerados na altura os extremos da cidade com espaços rurais adjacentes (França, 1997, p. 32). Consequentemente, também a sua população e os seus edifícios, que cresceram em altura. Muitos destes edifícios continham “*pátios murados, pomares e hortas nas traseiras ou junto à rua. (...) davam a Lisboa um carácter rural.*” (Ribeiro Santos, 2000, p. 30).

2.1.2. Após terramoto – baixa pombalina

Séculos depois, mais precisamente a 1 de novembro de 1755, acontece uma das maiores tragédias ocorridas em Lisboa: um terramoto seguido de incêndio que durou diversos dias. Por essa altura, Lisboa era já habitada por 250 000 habitantes e calcula-se que 10 000 faleceram nesse dia (Ribeiro Santos, 2000, p. 53) onde, devido à festividade que se vivia nesse dia, dia de Todos-os-Santos muita gente se encontrava em igrejas, agravando a situação. Para além desta grande perda populacional houve também a nível arquitetónico e artístico uma grande perda, uma vez que grande parte das igrejas, conventos e palácios não sobreviveram a esta catástrofe (Ribeiro Santos, 2000, p. 32). “*El terremoto y el tsunami afectaron de forma muy intensa el centro de la ciudad y la zona ribereña. Pero el incendio que siguió fue todavía más catastrófico, consumiendo las riquezas y bienes de las iglesias, conventos, palacios, almacenes, y ocasionando muchos muertos. Allí donde el fuego llegó, todo se quemó completamente, sin que hubiera posibilidad de combatirlo por entre las ruinas de la ciudad destruída.*” (Ribeiro Santos, 2012, p. 33).

Viviam-se, por isso, tempos de terror devido à grande destruição que foi consequência do terramoto, o que levou à maioria dos sobreviventes a fugirem não só para os subúrbios, como para fora do país.

“La mayor parte de los habitantes, que por altísimo destino escaparon del triste golpe en aquel día, desampararon la ciudad; sus campos y contornos hacia donde se refugiaron, se vieron ampliados de tal suerte que, cómo si Lisboa hubiera tenido la calidad de Hidra, o la naturaleza del Fénix, por cada barrio que se extinguió, crecieron muchos; por cada casa, y calle que se abrasó, renacieron multiplicadas: casas y calles en el campo do Curral; casas y calles en el campo de Santa Clara; casa y calles en la cotovia; en Campolide; en Belém; en el sitio del Rato; y todo lleno y poblado com bastante gente” (Castro, 1763, p. 88).

De seguida surgiu a necessidade de algumas intervenções urgentes, como a publicação de um decreto para controlar os roubos na cidade, estes que implicavam castigos imediatos, a limpeza da cidade, dos escombros de maneira a possibilitar não só a saída das águas como também a circulação dentro da mesma e ainda a necessidade da publicação de um Aviso, que informava a população de que não era permitida a construção fora dos limites criados ao redor da cidade, com o intuito assim, de remediar o que estava a ocorrer, que a população divergisse (Ribeiro Santos, 2012, p. 43; 53).

Prosseguiu-se então para um pensamento acerca da reconstrução de Lisboa e *“Destacámos a importância que tinha para Lisboa refazer uma imagem de cidade capital moderna, questão já tentada, sem êxito, no reinado de D.João V (...) Só a desvastação permitiria avançar na intituionalização.”* (Ribeiro Santos, 2012, p. 252). Lisboa era na altura *“(…) la ciudad capital de un imperio que se extendía por los cinco continentes. El comercio marítimo, el oro, los diamantes, el azúcar del Brasil, los esclavos de Africa, proporcionaron una época de gran riqueza y prosperidade. En consecuencia, el rey d.Joao V deseó transformar Lisboa, reformarla y monumentalizarla. Hubo preocupaciones de dos órdenes: edificar un nuevo Palacio Real y la Iglesia Patriarcal, y mejorar y embellecer la ciudad.”* (Ribeiro Santos, 2012, p. 55). Contudo, é visível nos planos de D.João V propostos para a expansão da cidade em direção a Belém que estes não faziam justiça ao “embelezar da cidade”, na medida em que estes permaneciam com uma malha desorganizada e sem planeamento. Até que, a 13 de Abril *“se publicó un decreto donde se invoca el “real servicio” y el “bien público” para*

justificar las nuevas medidas destinadas a alcanzar “mejor acomodo, simetria y adorno de la ciudad evitando la deformidad de las nuevas calles y barrios” y se imponen condiciones para las zonas que se urbanizan: las calles y los passajes públicos deberán tener como mínimo 5 varas o 25 palmos [5,5m]; las calles principales com mucho movimiento, debrán tener la anchura de las Ruas dos Ourives [45/50 palmos, que equivalen a 9,9/ 11m] (medida pela escritora da tese através do levantamento de Manuel da Maia); se ubicarán algunas plazas com capacidade adecuada para las comodidades públicas; se constrirán cloacas o alcantarillas, principalmente en las calles principaless que tengan una rasante insuficiente, y se encaminarán los desagues hacia las playas.” (Ribeiro Santos, 2012, p. 58).

Contudo, estes planos para a parte ocidental e noroeste da cidade nunca chegaram a ser concretizados, mas o que facto de terem sido pensados anteriormente à necessidade da recuperação do centro da cidade mostrou que havia já uma preocupação pela organização e o urbanismo da cidade (Ribeiro Santos, 2012, p. 61). *“Se puede constatar como lo que en tiempo de D. Joao V se estaba planteando en cuanto a planificación y ensanche de la ciudad, permitió el desarrollo de instrumentos, conocimientos y métodos de intervención, que se concretaron en la elaboración de los estúdios para la reconstrucción de Lisboa”* (Ribeiro Santos, 2012, p. 61).

Manuel da Maia (coordenador da reconstrução da Cidade de Lisboa), que tinha um grande conhecimento acerca de Lisboa, teve em conta várias preocupações aquando do projeto de reconstrução da cidade. Era sua intenção reconstruir/renovar a cidade tendo em conta a proteção antissísmica e contra incêndios, de maneira a que os mesmos erros do passado não voltassem a ocorrer. Ao mesmo tempo, era impensável para o arquiteto/engenheiro não aproveitar a destruição da cidade para criar algo melhor e solucionar problemas que esta continha. E foi através da constatação desses problemas e análise do existente que foi possível criar regras para aplicar no plano futuro (Ribeiro Santos, 2012, p. 65). Surgiram então duas alternativas possíveis, de onde dentro destes surgem diversos planos. Uma primeira, mais complexa, que consistia em reconstruir sob solo destruído

e uma segunda que consistia em criar uma nova cidade na zona ribeirinha de Belém. Os planos consistiam em:

1º reerguer a cidade como era, aproveitar os escombros para reconstruir as casas com as mesmas alturas, e as ruas com as mesmas larguras, evitando assim gastos em remover tudo o que ali existia. Era assim uma reconstrução fácil e rápida (Imagem 15).

2º melhorar o existente, os edifícios reconstruí-los com as mesmas alturas albergando o mesmo número de pessoas, as ruas seriam mais largas, criando assim espaços mais amplos e de melhor circulação, e abria-se a cidade ao rio, mais precisamente ao terreiro do Paço, local marítimo de maior importância (Imagem 16).

3º é uma alternativa do anterior, onde a única variante é as alturas dos edifícios, sendo esta uma preocupação antissísmica, onde apenas eram permitidos dois pisos (Imagem 17).

4º plano onde é proposto contruir sobre terreno destruído, o terreno é tratado de maneira a criar um desnível constante e suave, do interior da cidade até ao mar. Os edifícios não podiam exceder a largura das ruas. Este que foi o plano escolhido, por ser aquele que contem mais vantagens para a cidade e seu desenvolvimento (Imagem 18).

5º menciona também a possibilidade de mover e criar um novo centro da cidade em Belém, deixando assim as casas arruinadas nas mãos dos proprietários, podendo eles construir como quisessem. *“esta hipóteses tiene varias ventajas bien evidentes: no hay que tratar de las ruinas y de su desescombro; el terreno quedará libre, y no será necesario evaluar el estado de los edificios, caso a caso, para derribarlos o conservarlos, y negociar con los propietarios eventuales indemnizaciones o imposiciones; por otro lado el sitio de Belém siempre fue considerado apacible y*



Imagem 15- Planta nº1, Gualter da Fonseca e Pinheiro da Cunha

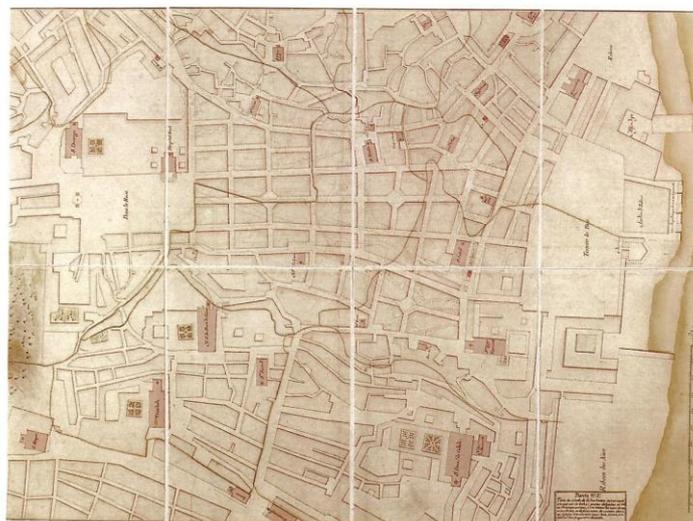


Imagem 16- Planta nº2, Sebatião e Domingos Poppe



Imagem 17- Planta nº3, Eugénio dos Santos e Carlos Andres



Imagem 18- Planta nº4, Gualter da Fonseca

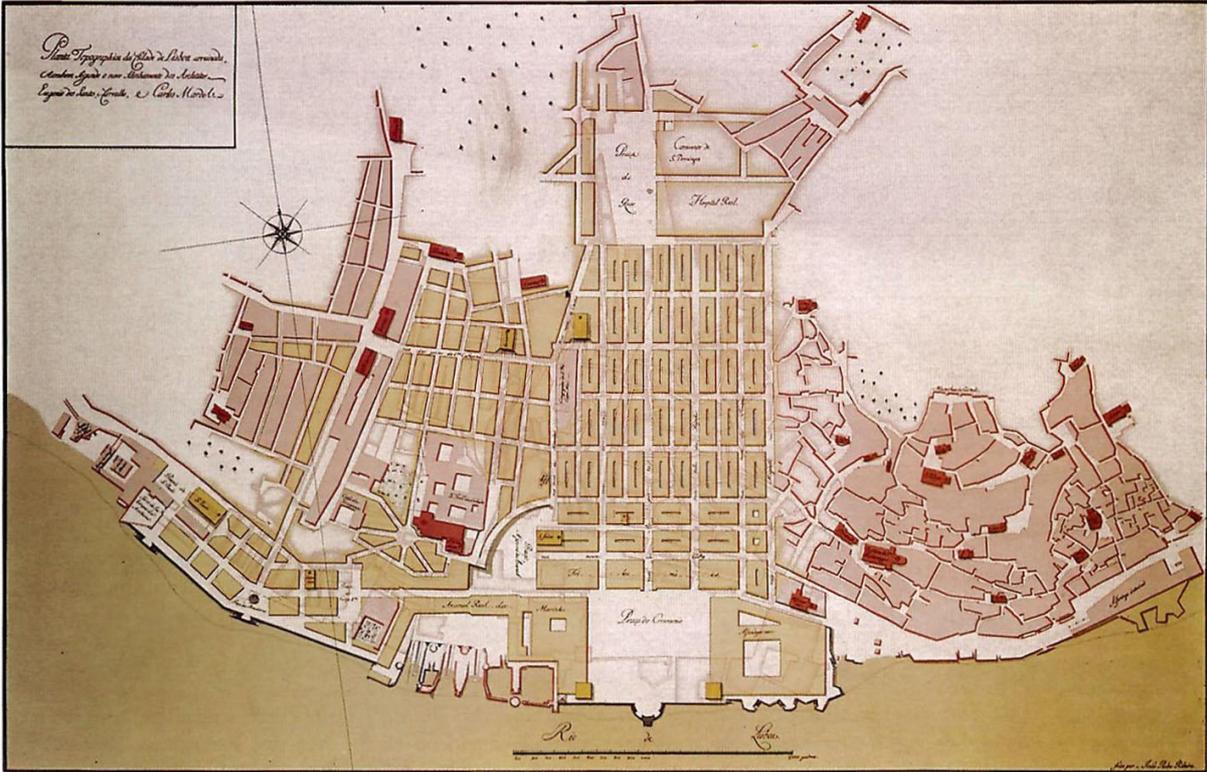


Imagem 19- Planta final, Eugénio dos Santos e Carlos Mardel

tiene un relieve más suave, lo que permitiría abandonar una ubicación ya tantas veces martirizada por terremotos anteriores” (Ribeiro Santos, 2012, pp. 66–67).

Todos eles continham vantagens e desvantagens, o que dificultou a escolha do mais adequado *“Queda por hacer elección de alguno de los cinco de lo cual no pueda seguirse arrepentimiento, en lo que encuentro gran dificultad, y para poder salir de ella, se me está ocurriendo, que sólo la elección que su Majestad haga de la localización para su Real Palacio podrá hacer pesar la opinión que le sea más apropiada” (Ribeiro Santos, 2012, p. 68).*

Foi então após a escolha da localização do Palácio Real entre São João dos Bem-Casados e o Convento Nossa Senhora da Estrelas, bem como o reconhecimento de Manuel da Maia de que *“criar uma cidade de raiz, sem fazer caso de que não seja a própria a uni-la a outra antiga será mais divertimento do que trabalho, dado que a correspondência entre o antigo e o moderno é o ponto onde se encontram as maiores dificuldades” (Siza Vieira, 2000, p. 10)* que se decide construir o centro da cidade no mesmo terreno, ou seja, no vale entre colinas, havendo por isso uma preocupação dentro dos vários planos propostos com a interligação entre a malha nova e a medieval, que permaneceu nas colinas adjacentes, bem como com a presença de um trabalho minucioso, inteligente e de grande rigor arquitetónico (Colegio Arquitectos, 1994, p. 9;17). A escolha do plano ocorreu em 1758 e o plano escolhido foi o plano elaborado por Eugénio dos Santos (Imagem 19), arquiteto responsável pela reconstrução de Baixa Pombalina segundo as indicações de Manuel da Maia (Ribeiro Santos, 2000, p. 53) e para este pudesse ser implementado era necessário:

- “para que se pudiera liberar el terreno, se haría una evaluación previa de cada uno de los edificios en su actual estado de deterioro, obteniendo así su valor total, y el rey tomaría posesión de todos ellos.

-Calcular el total de las áreas edificables obtenidas en el nuevo plano

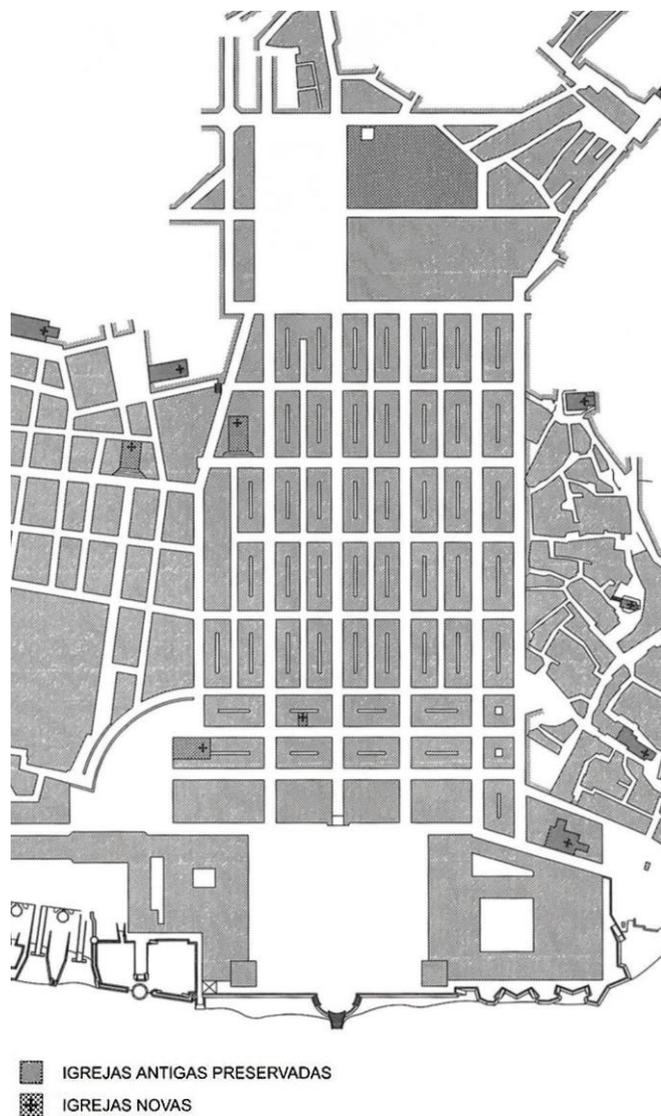


Imagem 20- Planta representativa das Igrejas preservadas e novas bem como as duas praças a manter, 1756

-Dividir el valor de las propiedades antiguas por el área de los edificios del nuevo plano, o sea dividir 1 por 2, para saber qué valor atribuir a cada unidad de área nueva.

-La equivalência sería hecha dividiendo el valor de cada edificio antiguo por la cuantía encontrada en 3, donde se obtendría el área de la nueva parcela que le correspondería, a la cual el propietario tendría derecho.

-En caso que el dueño prefiera recibir el valor en dinero, otra persona podría comprar el terreno, pagándole el valor correspondiente; en el caso de que no hubiera interseados en algún terreno el rey lo edificaría, recibiendo después su rendimiento após tudo isto foram utilizados os escombros para realizar uma nivelamento do terreno.” (Ribeiro Santos, 2012, p. 72).

Neste plano “*são preservadas as duas principais praças tradicionais, mas com um novo desenho regular, e uma malha em quadrícula é criada para ligar e articular estes dois espaços. A Praça do Comércio adquire o seu carácter monumental e mantém o seu diálogo com o rio.*” (Ribeiro Santos, 2000, p. 63) (Imagem 20). Esta malha em quadrícula permitiu a formação de quarteirões longos e estreitos que incorporavam dentro deles elementos já antes existentes onde apenas foi necessária alguma recuperação / reabilitação. “*Observe-se como ele absorve e incorpora no seu desenho as antigas memórias e vestígios dos lugares destruídos, as dificuldades topográficas, e aproveita o cenário envolvente que os bairros antigos proporcionam, para criar uma realidade urbana nova.*” (Ribeiro Santos, 2000, p. 86).

Um dos pontos importantes deste plano foi também a hierarquização das ruas nele presentes, entre ruas principais secundárias e travessas (com um tipo de fachada a elas destinado), sendo que esta hierarquização não influencia o facto de todas elas serem privilegiadas devido aos pontos que ligam: as ruas principais (mais largas) eram as longitudinais que faziam a ligação entre as praças, uma a norte “popular” e outra situada junto ao rio “nobre”; as travessas (mais estreitas) eram transversais que faziam a ligação entre colinas; as secundárias (tinham a mesma dimensão das travessas) eram as

restantes longitudinais também ligadas às praças a norte. Estas ligações ao traçado já existente era um dos pontos fortes deste Plano, não só presente na relação com as praças, como também com as colinas adjacentes, sendo que o acesso ao Chiado foi retificado e melhorado, suavizando a inclinação de algumas ruas bem como a criação de um acesso direto à Praça do Rossio. As fachadas foram desenhadas segundo a hierarquia realizada. Os edifícios nas ruas principais continham varandas no primeiro andar e decoração nas cantarias, nas vias secundárias e nas travessas as construções eram todas elas mais simples e não existiam varandas.

Este plano teve uma adaptação bastante favorável, na medida em que anos mais tarde começaram a notar-se bastantes melhorias na cidade, talvez devido a Manuel da Maia ter aproveitado a fase da construção para resolver outros problemas que eram também já visíveis antes do terramoto, como a implementação de esgotos, abastecimento de águas aos edifícios, recolha de lixos e a colocação de bocas de incêndio. Para além disso, talvez também devido ao que se ia alcançando e realizando como o fim da construção do último Torreão da Praça do Comércio, um edital que obrigava a população a fazer as reconstruções em falta às suas propriedades, melhorias na iluminação, o aparecimento do Passeio Público e outros jardins públicos, novos teatros e espaços comerciais, tudo isto tornou a área do plano de reconstrução juntamente com o Chiado e Rossio, o centro da cidade, visto que este continha tudo o que era necessário para que convívios políticos e culturais nele ocorressem.

Este plano, embora distante no tempo, assemelha-se um pouco aos pensamentos traduzidos no Plano de Barcelona de Cerdá, na medida em que ambos foram feitos a pensar no futuro e na evolução da cidade. Também este satisfaz as necessidades da cidade / população à medida da sua evolução, ocorrendo isto não só a nível de tráfego como também de comércio e habitação.

Ao nível do pensamento de Cerdá podemos aqui comprovar o antes dito acerca das possíveis malhas a ser utilizadas. Cerdá dizia que os quarteirões retangulares apenas faziam sentido ser utilizados se a

intenção fosse dar mais importância a um dos lados do mesmo. É precisamente o que neste caso ocorre, sendo que na planta de Lisboa as ligações a que se quer dar mais destaque são as que ligam as praças ao rio e daí o lado maior do quarteirão estar nessa direção (Ribeiro Santos, 2000, pp. 42–114).



Imagem 21- Incêndio no Chiado, 1988

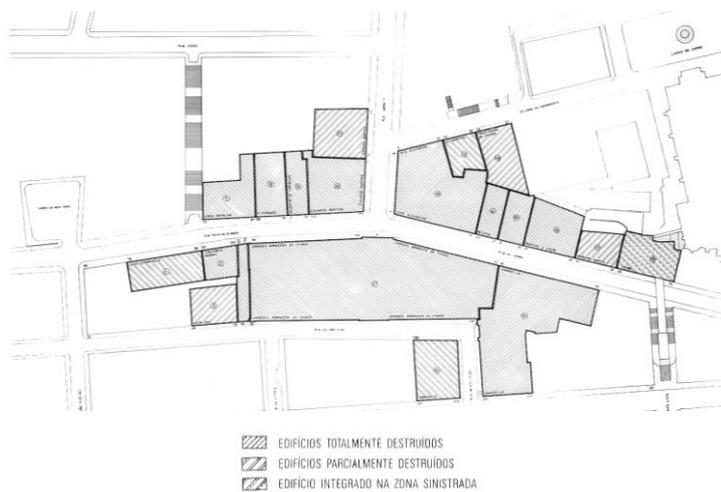


Imagem 22- Edifícios afetados pelo incêndio

2.2. Recuperação da Zona Sinistrada do Chiado, Álvaro Siza

Na década de 80 do século XX vivia-se no Chiado um período de decadência. Segundo Siza, *“O Chiado teve períodos gloriosos; na altura em que aconteceu o incêndio estava realmente decadente e em resultado do próprio percurso da cidade”* (Siza Vieira, 2013, p. 22). Não só o facto do uso de habitação ter-se ido mudando para outras áreas da cidade que ofereciam outro tipo de condições e espaços públicos, o aparecimento de grandes áreas comerciais noutras zonas da cidade e as dificuldades que se viviam em melhorar os espaços comerciais na área mencionada, levavam o Chiado a um progressivo empobrecimento.

Ocorreu então um incêndio, no Chiado, no coração de Lisboa, em agosto de 1988. Este ocorreu na colina onde se encontra a transição da Baixa para o Bairro Alto, no espaço mais público e comercial da Cidade Histórica (Siza Vieira, 2000⁴, p. 40) (Imagem 21). O incêndio teve início naquele que era e permanece até hoje como Armazéns Grandella devido a um curto-circuito elétrico. Contudo este incêndio afetou mais do que apenas este edifício, como por exemplo o diretamente ao lado, atuais armazéns do Chiado apesar de esta não ter sido a sua primeira função. Inicialmente era o Convento do Espírito Santo da Pedreira, que sobreviveu ao terramoto de 1755, de seguida na altura da extinção das ordens religiosas perdeu a sua função de Convento e passou a ser um palácio que sofreu um grande incêndio em 1880, mais tarde foi vendido e tornado num hotel de luxo e por fim em 1894 foi transformado num grande armazém de retalho. Com este incêndio e devido à imensa destruição que este causou foram possíveis observar muitos vestígios do antigo Convento, mais precisamente nos pisos inferiores (Ribeiro Santos, 2000, pp. 117–118). Para além destes dois grandes edifícios, muitos dos outros adjacentes sofreram também totais ou parciais destruições (Imagem 22).

⁴ Álvaro Siza Vieira, arquiteto contemporâneo mais premiado de Portugal, responsável por recuperar a zona sinistrada do Chiado.

Casos semelhantes a este podiam já anteriormente ter sucedido devido à rápida propagação que vários fatores permitem, *“As instalações de distribuição de eletricidade e de gás estão velhas e deterioradas. O uso dos andares superiores como armazém de mercadorias das lojas, muitas vezes com produtos altamente inflamáveis, incluindo mesmo botijas de gás. O lixo e o pó acumulam-se nos sótãos. São frequentes as aberturas de vãos nas paredes meeiras, sem que existam portas corta-fogo. Não há detetores ou extintores automáticos de incêndios. Estes fatores aumentam os riscos de incêndio e a sua rápida difusão de edifício a edifício, alcançando temperaturas muito altas.”* (Ribeiro Santos, 2000, p. 119).

Outro caso que também ajudou ao desenrolar de tudo isto, foi o facto de os interiores dos quarteirões estarem quase totalmente preenchidos, não só a nível do piso térreo, mas também em alguns casos no primeiro andar. Apesar destes inicialmente serem ocupados para implantação de sanitários, muitas das ocupações sucessoras preencheram quase por completo este espaço interior que juntamente com os tubos de drenagem existentes (maioritariamente danificados) fizeram destes espaços interiores, espaços de constante acumular de sujidade e humidade. Esta ocupação impediu o total acesso para qualquer tipo de manutenção necessária e qualquer tipo de ventilação nos pisos inferiores (Ribeiro Santos, 2000, p. 120;140). Porém este incêndio podia ter sido mais controlado se a deteção do mesmo tivesse sido feita precocemente, sendo que para isso era necessária mais população ali a viver e que houvesse livre acesso ao interior dos quarteirões para que os bombeiros os pudessem utilizar como forma de resolver o problema.

Uns dias mais tarde, Álvaro Siza foi o arquiteto convidado para projetar a recuperação dos edifícios do Chiado (Siza Vieira, 2000, p. 32;34). *“Depois de um tempo silencioso de estudo, maturação e trabalho, o plano de recuperação que apresentou procurou caminhos que não eram nem evidentes nem fáceis. (...) potenciou-os com uma conceção ousada e inovadora do que é recuperar um lugar histórico desta importância e envergadura, quando se está, ao mesmo tempo, perante um património insubstituível e a destruição de parte dele por uma catástrofe.”* (Siza Vieira, 2013, p. 13).

Apesar disto ter sido um fator que destruiu o coração de Lisboa, em parte pode-se dizer que foi um ponto positivo, pois permitiu à cidade ver o estado lastimável em que se encontrava o Chiado. O facto de não ser habitado contribuiu para que apenas morresse uma pessoa nesta tragédia, mas levou também a perceber que os edifícios como se encontravam não eram seguros, que era necessária uma maior manutenção dos mesmos, mais medidas de segurança e ainda que os interiores do quarteirão como estavam a ser utilizados não podiam permanecer assim. Estava por isso a ser dada uma oportunidade ao Chiado de se reerguer e de se tornar novamente o centro da cidade, sendo que para que isto acontecesse fossem necessárias condições mínimas e atividades que atraíssem a população (Siza Vieira, 2000, p. 42) (Gonçalo Byrne, 2018, Anexo). Havia então duas opções viáveis: criar um novo edifício e acreditar que este um dia se poderia enquadrar harmoniosamente no local ou seguir com a reconstrução do edifício já existente, ou seja, realizar uma réplica do estilo arquitetónico presente ao longo de toda a baixa pombalina. Esta última foi a opção selecionada (Ribeiro Santos, 2000, p. 118), sendo que a procura por manter aquilo que faz parte da história da cidade é um fator cada vez mais importante no pensamento arquitetónico.

Siza trabalha com base no Plano de Pormenor elaborado para a Recuperação da Zona Sinistrada do Chiado, este que continha de raiz vários objetivos e intenções, das principais seria a tentativa de recuperar ou reconstruir todas as fachadas que tinham sido demolidas. Os objetivos passavam por responder às necessidades de todos os habitantes fossem estes residentes, trabalhadores ou empresários e ao mesmo tempo reerguer todo o território afetado de maneira a transformá-lo numa área para viver, trabalhar, repouso e entretenimento. Este plano incluía por isso todos os edifícios que iriam ser intervencionados, áreas entregues ao espaço público, áreas a ser demolidas entre outras (Imagem 23). Contudo, para que tudo isto fosse possível era também necessário ter em atenção vários elementos como: a implementação de 30% - 40% habitação em cada edifício, introdução de comércio local de abastecimento diário, de equipamentos de hotelaria, lazer e cultura, alguns com horário noturno com



Imagem 23- Planta definitiva de Zoneamento e usos da área sinistrada, 1990

a intenção de evitar o período de decadência que se viveu anteriormente e a falta de elementos que proporcionem ao Chiado a vitalidade que ele merece. Outras questões mais práticas que foram também tidas em atenção foi a relação com o metropolitano que estava a ser projetado (que iria transformar bastante esta zona), introdução de parques de estacionamento abrangentes aos residentes e visitantes, bem como a melhoria da circulação viária e pedonal (Siza Vieira, 2013, pp. 47–49). A pedonal foi um elemento de grande relevância neste projeto, sendo que para Siza a criação de novos percursos é um fator bastante importante ao longo de todo o projeto de recuperação. Aliás, a sua intenção era tornar os Armazéns do Chiado⁵ numa plataforma de distribuição, melhorando a ligação entre a Baixa e o Bairro Alto. Isto seria realizado através da criação de uma escadaria que ligava a rua Nova de Almada e a rua do Crucifixo, bem como ligação do pátio B no interior do quarteirão circundado pela Rua do Carmo e a Calçada do Sacramento, através de rampas até ao largo da Igreja do Carmo, e ainda a abertura do pátio A no interior do quarteirão circundado pelas ruas Garrett, Ivens, Calçada de São Francisco e rua Nova de Almada (Siza Vieira, 2000, p. 66).

A abertura destes dois pátios nos interiores de quarteirão ao público surgiu da ideia de Siza de *“que o principal não reside nas fachadas, mas antes no interior dos quarteirões, onde em boa parte as fachadas são novas, reduzindo a profundidade construtiva a catorze metros para abrir ao público pátios interiores em ligação com as ruas periféricas. Esta operação que usa a perfuração urbana em pequena escala gera uma nova porosidade valorizando um particular microambiente propício a outros usos mais serenos.”* (Siza Vieira, 2013, p. 16). Porém, apesar da sua certeza da potencialidade destes espaços, os donos da obra tinham algumas dúvidas em relação ao sucesso e vitalidade que estes podiam trazer.

⁵ Álvaro Siza tinha como principal intenção tornar os Armazéns do Chiado num hotel. Contudo, os proprietários não concordavam. Ficou então um centro comercial com um hotel nos últimos dois pisos, beneficiando da vista sobre Lisboa. É com esta função atual que é muito mais visível a plataforma de distribuição que era tencionada (Siza Vieira, 2013, p. 19).



Imagem 24- Interior do quarteirão aproveitado pelos espaços de comércio



Imagem 25- Acesso ao interior do Pátio A pela rua Garrett

O quarteirão do pátio A circundado pelas ruas Garrett, Ivens, Calçada de São Francisco e rua Nova do Almada como já acima mencionado, é composto por habitação, espaço de escritórios e comércio (restauração). Para que fosse possível a realização do pátio aberto ao público no seu interior, bem como a extensão do comércio para o mesmo (Imagem 24), foi necessária a demolição de todas as construções ilegais lá presentes. Isto permitiu a criação de uma certa continuidade também imposta pelos três acessos existentes realizados por entre os edifícios (sendo que atualmente nem todos permanecem abertos). Estes encontram-se na Rua Garrett, Ivens e Calçada de São Francisco onde podemos encontrar da fachada exterior as aberturas tradicionalmente pombalinas. O acesso da Rua Garrett é considerado a entrada principal bem como aquele que contém maior visibilidade para o seu interior (Imagem 25). Neste interior podemos encontrar um espaço maioritariamente caracterizado pela arquitetura pombalina, recuperado após o incêndio. Contudo, este espaço não é totalmente público sendo que os acessos ao mesmo não estão abertos o dia todo. Tudo isto permitiu alcançar o sucesso que Siza tinha imaginado para este espaço.

O quarteirão do pátio B circundado pelas ruas do Carmo, Garrett e Calçada do Sacramento que fazia também parte do Plano de Pormenor de Recuperação da zona Sinistrada do Chiado, não foi construído de imediato. Contudo, fazendo também este parte de um pensamento conjunto e de uma lógica urbana, sentiu-se a necessidade de o desenvolver. Este tem como principal intenção vencer as cotas que separam a rua do Carmo da lateral das ruínas do Carmo (Imagem26), valorizando assim este espaço patrimonial e criando também a ligação aos terraços do Carmo, com uma grande vista sobre Lisboa)O acesso ao seu interior é feito pela rua do Carmo bem como pela rua Garrett, o acesso feito por esta é à semelhança do pátio A enquadrado na fachada pombalina do edifício (Imagem 27) ao contrário do acesso feito pela rua do Carmo onde o vão de acesso se destaca pela sua grandiosidade e forma (Imagem 28), não obstante ambas nos direcionam ao seu interior onde podemos também encontrar alguns espaços de comércio que se direcionam e estendem para o mesmo (Imagem 29).



Imagem 26- Interior de quarteirão, diferença entre cotas até às Ruínas do Carmo



Imagem 27- Acesso ao Pátio B pela Rua Garrett



Imagem 28- Acesso ao Pátio B pela Rua do Carmo, destaque do acesso na fachada



Imagem 29- Interior do Pátio B, espaços de comércio estendidos para o mesmo

2.3. Quarteirão Império

Neste projeto finalizado em 2001 estão incluídos 8 edifícios circundados pela Rua Garrett, Serpa Pinto, Travessa do Carmo, Rua Almirante Pessanha e a Calçada do Sacramento. Estes edifícios eram anteriormente destinados a um hospital de ortopedia da Companhia de Seguros Império e que albergava no seu logradouro um jardim pertencente ao Turf Club e uma Torre Sineira da Igreja Paroquial do Santíssimo Sacramento (esta restaurada pela seguradora, devido ao seu estado lastimável, visto nunca antes ter sofrido obras) (Byrne, anexo A) Por fim, aquilo que o assemelha aos pátios interiores anteriormente estudados de Siza Vieira é que o restante espaço continha variados anexos e expansões do hospital construídos sem nenhuma organização temporal ou espacial (Byrne, 1998, p. 108).

Os objetivos de Gonçalo Byrne, arquiteto responsável por este projeto, eram a *“(re)introdução de uma complementaridade funcional na zona, obtida essencialmente pelo reforço das componentes para habitação e comércio, em paralelo com a implementação de estacionamento e a manutenção de alguma presença de escritórios; O redesenho das áreas sem qualidade no interior do quarteirão, ordenando o logradouro e potenciando os seus elementos significativos; o jardim e a cabeceira torre sineira da igreja; e ainda a recuperação da memória dos percursos pré-pombalinos, permitindo o atravessamento interior do quarteirão.”* (Byrne, 1998, p. 108).

Este projeto está por isso a oferecer mais um espaço à cidade, na medida em que torna o seu interior de quarteirão num espaço de uso público, com acesso a partir dos dois eixos possíveis de circulação ao longo do mesmo, estes que surgiram através da “memória dos percursos pré-pombalinos”, como é visível na planta de Filipe Folque de 1856-58 onde encontramos os dois eixos, bem como toda a sua permeabilidade anterior à sua total densificação (Figueiredo, 2008, p. 48) (Imagem 30). O eixo principal liga a Travessa do Carmo à Rua Garrett (estas duas ruas a cotas distintas) e o eixo secundário, perpendicular ao anterior, na direção da Rua Serpa Pinto e Rua

Almirante Pessanha (este que mais tarde foi encerrado). Neste local, aquilo que está a ser oferecido à cidade é não só um espaço de circulação, mas também um espaço de comércio. Este está distribuído ao longo de todo o piso térreo do quarteirão e virado também para o seu interior, para onde é até possível a sua extensão.

As funções destinadas a este quarteirão, como a qualquer outro que aqui fosse recuperado, teriam de seguir as normas dirigidas pela Câmara de Lisboa aquando da recuperação do Chiado após o incêndio de 1988. Nesta altura, foi redigido que era necessário 1/3 de habitação, 1/3 de escritórios e 1/3 de comércio, devido à necessidade que se sentiu de que a agitação que aqui se vivia não ocorresse apenas em algumas partes do dia e não resultasse apenas do comércio, dos serviços ou de pessoas que vão trabalhar, mas também da população que aqui residisse, de maneira a que fosse algo constante (Byrne, 1998, p. 108). Contudo, o arquiteto Gonçalo Byrne conseguiu que essas funções fossem distribuídas pelos vários edifícios, em vez de estarem todas elas condensadas em cada um deles. A distribuição foi feita de forma a que o comércio ficasse nos pisos térreos, tanto para o exterior como para o interior do quarteirão, a habitação nos edifícios mais resguardados, ou seja, virados para a Travessa do Carmo e os escritórios direcionados para as ruas mais movimentadas e agitadas - Rua Garrett e suas perpendiculares. Esta organização foi feita de forma a que não houvesse um cruzamento constante entre residentes e trabalhadores. Os cinco pisos subterrâneos, não faziam parte da proposta original, surgiram apenas por indicação da Câmara. Estes pisos eram destinados a estacionamento, três deles públicos, e os restantes restritos a residentes e trabalhadores, oferecendo assim algo que nesta zona de Lisboa é bastante escasso e que faz deste quarteirão um espaço de grande procura a nível habitacional. Contudo, este projeto foi sofrendo algumas alterações à medida da sua construção e da falta de procura pelos espaços de comércio e escritórios nos anos seguintes o que acabou por influenciar o total funcionamento do interior de quarteirão proposto originalmente. Por exemplo, foi pensada uma primeira escada mecânica que ligava a Rua Garrett ao interior do futuro centro comercial que se destinava a uma parte dos



Imagem 31- Espaços de comércio estendidos para o interior de quarteirão

edifícios voltados para esta mesma rua. Mais tarde, devido à falta de interessados no espaço bem como os preços elevadíssimos que estavam a ser praticados, levaram a que escada mecânica nunca chegasse a ser implementada. O espaço foi dez anos mais tarde comprado por uma sociedade de advogados que o converteu em escritórios e por consequência levou ao encerramento de um dos eixos “públicos” para seu uso privado. Tudo isto fez com que este interior perdesse grande parte do espaço de comércio que lhe estava destinado, bem como a possibilidade de ser atravessado em múltiplas direções.

Segundo Ana Vaz Milheiro (crítica de arquitetura no jornal Público), num artigo escrito em 2001, este projeto tinha muito mais potencialidades e podia ter chegado mais longe se houvesse uma certa harmonia entre os proprietários e os vizinhos, uma vez que se tal acontecesse era possível que tudo o que está por trás do grande muro lá presente fosse visível, como a divisão entre os lotes, os saguões, o entendimento da cabeceira da Igreja e ainda o grande jardim privado Turf Club, também aqui presente no seu interior. *“Um jardim que se mantém alheado do resto, que concede aos outros apenas a sombra das copas das suas árvores e não se vê. Mas que inevitavelmente ficará vulnerável, porque no seu interior ecoarão novos sons de conversas animadas ou música, terá novos cheiros de gente e de comida, recordando-lhe que existem mundos de gente comum. Deixará de ser um segredo e todos saberão que depois daquele muro há um jardim inacessível e proibido.”* (Vaz Milheiro, 2001). Uma vez que este projeto foi sofrendo algumas alterações e foi reconstruído ainda em período de abandono do Chiado, a sua valorização ocorreu apenas anos mais tarde, quando a população se apercebeu que a procura e movimento nesta parte da cidade começava a ser bastante elevada. Por esta razão, podemos, nos dias de hoje, usufruir de um espaço calmo, sossegado, com espaços de comércio que se estendem para este novo logradouro comum semipúblico (Imagem 31), onde podemos ainda encontrar um jardim do Turf Club (apesar de este ter um novo desenho devido à construção do parque de estacionamento), onde se pode vivenciar um micro clima no centro de Lisboa onde se ouvem os pássaros e se vêem as estrelas (Byrne, 2018, Anexo).



Imagem 32- Vista par ao Interior do quartirão Império

2.4. Casos de estudo na atualidade

Atualmente, vivendo nós numa época em que Portugal é considerado um dos melhores destinos turísticos e sendo por nós possível confirmar isso através da abundância de turistas que encontramos ao longo da cidade, podemos dizer que graças a isso a economia portuguesa se tem vindo a erguer aos poucos. Estando os casos de estudo aqui apresentados situados em plena cidade histórica, Chiado, podemos também neles detetar algumas influências.

Por exemplo, no caso do Quarteirão Império, podemos constatar que houve uma maior aposta a nível comercial, sendo que apesar dos acessos ao interior do quarteirão terem sido reduzidos a apenas três, dois através da Travessa do Carmo e um principal pela Rua Garrett, o comércio que se distribui ao longo dos mesmos está totalmente ocupado. Isto permitiu que este espaço se conseguisse erguer novamente, na medida em que este estava dependente da agitação e da circulação que aqui se vivia que, estando o espaço de comércio desocupados, era pouca. O comércio aqui presente está não só virado para o exterior como também para o interior sendo por isso possível albergar algumas esplanadas, criando também assim uma maior visibilidade interior/ exterior.

Contudo, o facto de este quarteirão ter de vencer um grande desnível, permite que as pessoas que circulam pela rua principal, Rua Garrett, apenas consigam ver um grande lance de escadas ao olhar para este interior (Imagem 32). Isto faz com que este interior não seja um espaço muito chamativo a pessoas que não conhecem o que lá dentro podem encontrar. Contudo, penso que isto está a tentar ser contrariado devido ao aparecimento de uma loja de comércio diário, Go Natural, com esplanada adjacente.



Imagem 33- Visibilidade para o interior do Pátio B a partir da Rua do Carmo



Imagem 34- Visibilidade para o interior do Pátio B a partir da Rua Garrett

No caso de estudo de Siza, mais precisamente no Pátio A, esta enchente de turistas, apenas veio evidenciar o sucesso do mesmo. Aquilo que é possível ver da rua Garrett para o interior do quarteirão é o suficiente para fazer com que as pessoas se desloquem até ao mesmo e se deslumbrem não só com as esplanadas circundadas de verde prolongadas dos restaurantes adjacentes, como também com as fachadas e varandas dos pisos superiores.

No caso do pátio B, este mais recente, apesar de cumprir as funções exigidas por Siza, vencer várias cotas e fazer a ligação às ruínas do Carmo é, à semelhança do Quarteirão Império, um espaço pouco chamativo às pessoas que circulam pelas ruas adjacentes e que desconhecem as intenções que este acarreta, sendo que, pela Rua do Carmo, apenas é visível uma grande escadaria (Imagem 33) e pela Rua Garrett um espaço estreito e desocupado (Imagem 34). À medida que se vai circulando neste interior vai-se encontrando alguns espaços de comércio, como por exemplo, dois cabeleireiros e uma livraria. No entanto, penso que estes apenas são visitados por visitantes habituais, que ou vão lá de propósito ou os conhecem devido à utilização deste espaço como espaço de circulação. Para além disso a sua função não é algo que vá direcionar para ali pessoas propositadamente (o facto de os cabeleireiros não serem comércios diários). Contudo, a vista que se adquire dentro deste interior de quarteirão é algo bastante bonito, na medida em que a certa altura nos deparamos com as fachadas traseiras onde podemos encontrar as tubagens à vista que, de certa maneira, dão também um aspeto histórico a este quarteirão e ainda a visibilidade sobre as ruínas do Carmo a uma cota superior, que nos apresenta o ponto final deste percurso.

3. Considerações finais

Estamos hoje num período de preocupação com a melhoria da qualidade de vida dos habitantes, reabilitação da cidade e melhoria dos espaços que interligam ambos, o espaço público. Segundo o arquiteto Gonçalo Byrne este é, nos dias de hoje, o espaço prioritário de requalificação, uma vez que *“hoje em dia sabe-se que investir no espaço público é uma das armas principais para reabilitar tecidos, pedaços de cidade que estão decadentes”* pois isto vai *“desencadear um processo de reabilitação quase espontâneo da cidade que está à volta”* e muitas vezes este *“investir no espaço público”* não passa só por requalificar os já existentes, mas também criar novos, em zonas mais densificadas e degradadas da cidade. Hoje em dia, é necessário aproveitar não só os vazios da cidade, mas também todas as oportunidades que possam melhorar a sua vivência, sejam estes, recuperações, demolições ou apenas um projeto, podendo assim pouco a pouco, melhorar a cidade onde vivemos. Assim como podemos afirmar que o terramoto e o incêndio do Chiado foram uma *oportunidade* para a cidade, a mesma oportunidade é dada ao arquiteto em cada projeto, sendo que um incêndio ou um terramoto é um cenário mais drástico, uma vez que com isso existe perda de património e danos sociais.

Contudo, as prioridades da população nem sempre foram as mesmas. Anteriormente, a valorização dada ao automóvel contribuiu para uma descaracterização de muitos bairros da cidade, na medida em que espaços anteriormente destinados somente ao peão tiveram de ser adaptados a uma utilização maioritariamente viária. No entanto, a evolução da mentalidade das pessoas para uma preocupação pelo bem-estar do Homem bem como pela partilha de transportes (bicicletas/ motas e carros) levou a que melhorias ao longo da cidade fossem realizadas, desta vez com uma política diferente de espaço urbano visto que, atualmente, os espaços estão a sofrer adaptações para utilizações partilhadas mas bem divididas.

Também nos dias de hoje, *“Na cidade contemporânea um dos maiores recursos para a sua reavaliação reside nos lugares degradados, “obsoletos” ou marginais, que encontramos disseminados desde o tecido urbano consolidado às periferias. Formam uma verdadeira rede de hipóteses que, quando avaliadas em conjunto, podem produzir um profundo impulso reformados da cidade.”* (David, 2007, p. 13). Estes espaços “degradados e obsoletos” muitas vezes considerados vazios urbanos, contêm várias escalas dentro da própria cidade, vão por exemplo desde a escala do interior de um quarteirão até zonas industriais obsoletas passando por muitos outros, no entanto todos estes *“(..).vazios urbanos são hoje áreas preciosas, seja pela óbvia raridade, seja pela implícita oportunidade”* (David, 2007, p. 23) da criação de novas intervenções e estratégias para a cidade.

Em Lisboa, o aproveitamento do interior de quarteirão para uso coletivo não surgiu apenas no projeto do Siza no Chiado. Era já visível na altura da expansão da cidade para norte, aquando da realização das Avenidas Novas nos finais do séc. XIX e primeira metade do séc. XX no plano de urbanização de Alvalade, um pensamento urbano moderno e uma preocupação com os interiores do quarteirão. Estes acartavam já uma preocupação pelo peão e contêm por isso espaços desenhados para seu total usufruto. Assemelhavam-se a uma cidade a uma escala menor, composta por espaços ajardinados e percursos com o intuito de melhorar e facilitar a ligação dentro da cidade e possibilitar um mais rápido acesso entre espaços. A requalificação do Chiado, causada pelo incêndio, já anteriormente explicado, foi apenas um “abrir de olhos” e um relembrar de que a cidade (habitantes) os tinham tornado (interiores de quarteirão) em espaços perigosos e danificados e que estes não estavam a ser usufruídos da melhor maneira. Foi por isso um re-interesse pela potencialidade dos espaços interiores de quarteirão e daí que esse projeto tenha sido um dos casos de estudo a serem apresentados.

Estes projetos são das melhores formas de reaproveitamento de espaços interiores de quarteirão não só em zonas históricas da cidade, onde a intenção de preservar o existente e o carácter do mesmo é bastante pensado que *“A valorização do património arquitectónico nos centros*



Imagem 35- Planta de cheios e vazios, representativa da conexão dos espaços coletivos (interiores de quarteirão, elevadores, centro comercial) com o restante espaço público

urbanos é um elemento chave na manutenção da cultura e identidade das cidades, fazendo a ponte entre a história que lhes deu origem e o futuro que as espera.” (Martins, 2008, p. 7) mas também em áreas da cidade onde esta é já muito densificada. Assim, aproveitam-se os espaços vazios ou mal aproveitados presentes na cidade, espaços estes que se encontram maioritariamente nos interiores de quarteirão, visto que o resto da cidade está bastante densificada. Contudo, deve haver uma “(...) ocupação seletiva e prudente dos vazios urbanos pressupõe não só a colmatação do espaço urbano, mas também a sua requalificação e o reforço das redes de infraestruturas e equipamentos coletivos, ou mesmo a criação de novos espaços verdes e públicos, em detrimento da urbanização, criando uma estrutura urbana coerente e hierarquizada, que garanta um desenvolvimento urbano equilibrado” (David, 2007, p. 250).

Porém, apesar de estes interiores de quarteirão serem maioritariamente particulares e muitas vezes totalmente encerrados ao exterior, penso que seria de grande potencialidade para a cidade a Câmara Municipal elaborar um plano para a cidade de Lisboa no qual estivessem presentes todos os becos e edifícios, estrategicamente situados ao longo da cidade, onde se pudessem intervir e que permitissem criar cortes por entre a malha urbana da cidade, facilitando não só a ligação entre espaços e cotas, mas também criando uma rede cada vez maior de espaço urbano (Imagem 35). Como exemplo, temos os dois elevadores que tinham como principal intenção facilitar a ligação entre a cota baixa da cidade (Baixa Pombalina) às colinas adjacentes (Bairro Alto e Castelo). O elevador de Santa Justa inaugurado em 1903, que apesar de ainda funcionar como ponto de distribuição, atualmente tem uma vertente muito mais turística e é muitas vezes utilizado como miradouro sobre a cidade. O mais recente, que se encontra na colina oposta - Elevador do Castelo inaugurado em 2013, do arquiteto Falcão de Campos (Imagem 36)-, que partiu do aproveitamento de um edifício devoluto é utilizado muito mais como um ponto distributivo do que o acima mencionado. Outro exemplo, este a nível internacional, são as escadas mecânicas implementadas em Toledo, junto das muralhas, realizadas com a intenção de melhorar a mobilidade na zona histórica. Aqui podemos ver a

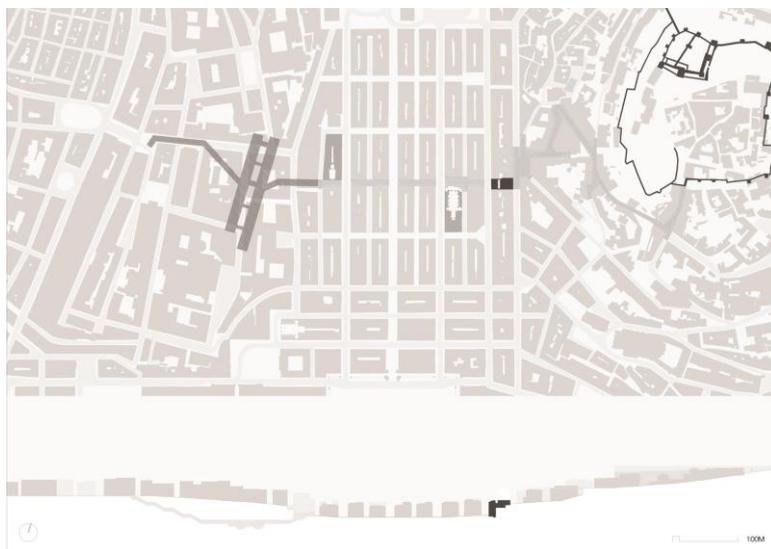


Imagem 36- Ligação da colina do Chiado ao Elevador do Castelo na colina oposta, visível no corte as cotas que esta liga



Imagem 37- Intervenção na zona histórica de Toledo

conjugação perfeita entre o histórico e o contemporâneo e ver como é possível adaptar a cidade às necessidades da população que nela habita (Imagem 37).

Nestes interiores de quarteirão a intenção é incorporar funções e percursos que visem melhorar o dia-a-dia e a vida das pessoas dentro da cidade, oferecendo assim aquilo que nessa área está em falta. Estas funções que lhes são atribuídas têm de ser pensadas ao pormenor, pois são essas que vão decidir o sucesso ou insucesso do espaço. Em Lisboa, as funções atribuídas em interiores de quarteirão são muito variadas, pois para além das aqui estudadas - estacionamento, espaços de comércio ou apenas percursos (que permitem não só fazer corta matos, mas também muitas vezes solucionar os desníveis que temos na cidade) -, podemos também encontrar ao longo do resto da cidade, jardins, ginásios, edifícios culturais, entre muitos outros. *“Tudo, portanto, se baseia nessa ideia de trazer vida urbana aos corações dos quarteirões, aproveitando os vazios, esses negativos não construídos, dotando-os de um carácter autónomo”* (Vaz Milheiro, 2001).

Uma potencialidade da intervenção destes interiores de quarteirão, é também o facto de poder recuperar um pouco da história da cidade, sendo que esta é composta por variadas camadas representativas das vivências e organizações que nela foram ocorrendo ao longo da sua existência. Num desses *layers*, podemos observar uma cidade maioritariamente composta por quintas e muitas vezes no estudo desses interiores de quarteirão é possível reaver e recuperar esses espaços verdes e por vezes até mesmo os edifícios da mesma. Alguns desses espaços verdes ainda se podem encontrar intactos e com grande vivacidade, ou até mesmo ocorrer como no caso do projeto do Siza no Chiado, onde trouxe de novo ao espaço público uma rua que estava encerrada por um edifício (escadinhas do Santo Espírito da Pedreira), é por isso como o arquiteto Gonçalo Byrne diz *“desentupir coisas que com o tempo se foram entupindo e que portanto cria situações que são tudo menos urbanas becos ruas sem saída, que antes se passavam e deixaram de se passar, porque quando se perde conectividade urbana, para a vida urbana isso não é bom, criam se muitas vezes pequenos núcleos de marginalização de espaços, espaço residuais e por isso a reabilitação urbana tem a ver com o espaço*

público eu diria mesmo que a reabilitação urbana começa na reabilitação do espaço público.” Contudo, a abertura destes interiores de quarteirão ao público, nunca se deve sobrepor ao bem-estar, à qualidade de vida e à privacidade destinada aos residentes, daí que muitos destes espaços já existentes na cidade sejam semipúblicos e tenham horários de encerramento.

Sendo que a intenção é melhorar a porosidade da cidade para usufruto de todos, juntamente com a vivacidade destes espaços é para isso sempre necessário a existência de habitação com a intenção de que a abertura destes espaços não seja afugentar os residentes devido ao barulho que este possa conter. Devem por isso ser espaços pensados e controlados, satisfazendo tudo e todos.

Outras potencialidades destes espaços são também as suas dimensões, que influenciam a relação com a luz natural e de poderem ser espaços semipúblicos que permitem uma certa vivacidade e movimento durante o dia e que se transforma num espaço calmo à noite, “*onde até é possível ver as estrelas*” (que foi uma das intenções do arquiteto Byrne). No entanto, uma das maiores potencialidades é, sem dúvida, o facto de estes espaços se resguardarem do caos da cidade, de podermos encontrar coisas diferentes quando estamos numa rua, numa praça ou num interior de quarteirão, cada um com as suas características e potencialidades.

Esta é, por isso, uma grande forma de aproveitamento e melhoramento das cidades, beneficiando daquilo que elas nos fornecem. Contudo, este tipo de intervenções não são novidade e muito menos os primeiros a ocorrer, visto que por exemplo por toda a Europa é bastante visível este tipo de intervenções. Por exemplo, na Alemanha estes espaços são muitos famosos. Conhecidos por *Höfe*, diz-se ser a cidade por trás da cidade de Berlim. Não explorar os interiores de quarteirão de acesso público seria perder muitos dos tesouros escondidos da cidade (Braun, 2011). Em Paris também já acontece o mesmo e todos eles com a mesma intenção: criar um espaço escondido, longe da confusão e agitação das ruas da cidade.

Contudo, outra vertente de espaços vazios tem sido aprofundada. Talvez devido aos espaços vazios no solo já não serem muitos, em conjunto com a procura de usufruir ao máximo das potencialidades que a cidade oferece, o interesse por coberturas que possam ser utilizadas tem sido cada vez maior, pois estas oferecem não só o espaço vazio necessário como também, uma nova perspetiva da cidade, de onde podemos observar toda a agitação e desassossego de longe ao mesmo tempo que observamos uma vista deslumbrante sobre a cidade em redor. Isto ocorre não só em Lisboa, mas também em várias partes do mundo, como mostra o documentário “*Nos Telhados do Mundo*” que relata ao longo de cinco países as funções que estão implementadas nestas coberturas, sejam estas para usufruto privado ou público “*Os telhados do mundo são uma autêntica colmeia plena de atividade.*” (Xavier Lefebvre, 2016).

Em suma, o pensamento arquitetónico debruça-se sobre novas perspetivas de como intervir dentro dos limites da cidade. Para isto, espaços anteriormente considerados como secundários podem ser palco para uma melhoria da vivência da cidade.

4. Índice de Imagens

Imagem 1- Variados tipos de malha urbana estudados por Cerdá: puros (radial, anular, retangular e quadrangular) e cruzados, imagem retirada de Puig, A. S. (1999) *Cerdá: las cinco bases de la teoria de la urbanización*. Madrid: Electa, pp. 117-118.

Imagem 2- Traçado final cruzado de radiado com quadrangular, imagem retirada de Puig, A. S. (1999) *Cerdá: las cinco bases de la teoria de la urbanización*. Madrid: Electa, pp. 133.

Imagem 3- “plazas de articulación”, imagem retirada de Puig, A. S. (1999) *Cerdá: las cinco bases de la teoria de la urbanización*. Madrid: Electa, pp.225.

Imagem 4- Blocos de quarteirão, imagem retirada de Puig, A. S. (1999) *Cerdá: las cinco bases de la teoria de la urbanización*. Madrid: Electa, pp.89.

Imagem 5- Folheto divulgativo da sociedade “ El Fomento del Ensanche de Barcelona” onde é visível o espaço ajardinado destinado a cada habitação, imagem retirada de Puig, A. S. (1999) *Cerdá: las cinco bases de la teoria de la urbanización*. Madrid: Electa, pp.171.

Imagem 6- Interiores de quarteirão totalmente preenchidos, imagem retirada de Renato Saboya 2015. Pátios internos em Barcelona [Online]. Urbanidades, disponível em <http://urbanidades.arq.br/2015/04/patios-internos-em-barcelona/> [Acedido 18 Fevereiro 2018]

Imagem 7- Pátio interior da Torre de les Aigües antes da renovação, imagem retirada de Teresa Pazos Ortega 2015. Pátios internos em Barcelona [Online]. Urbanidades, disponível em <http://urbanidades.arq.br/2015/04/patios-internos-em-barcelona/> [Acedido 18 Fevereiro 2018]

Imagem 8- Pátio interior da Torre de les Aigües após a renovação, imagem de Teresa Pazos Ortega, retirada de Renato Saboya 2015. Pátios internos em Barcelona [Online]. Urbanidades, disponível em <http://urbanidades.arq.br/2015/04/patios-internos-em-barcelona/> [Acedido 18 Fevereiro 2018]

Imagem 9- Imagem de Eugeni Pons, Projeto da Biblioteca Sant Antoni-Joan Oliver, imagem retirada de Eugeni Pons 2007. Biblioteca Sant Antoni-Joan Oliver/ RCR Arquitectes [Online]. Barcelona, Plataforma Arquitectura, disponível em <https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/624142/biblioteca-sant-antoni-joan-oliver-rcr-arquitectes> [Acedido 18 Fevereiro 2018]

Imagem 10- Passeio público do Rocio, imagem de Serrano, F. A, [Online]. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, disponível em

http://catalogo.bnportugal.pt/ipac20/ipac.jsp?session=153839C9H961R.46288&profile=bn&uri=full=3100024~!1064374~!1&ri=1&aspect=subtab98&menu=tab20&source=-!bnp&ipp=20&staffonly=&term=passeio+publico&index=.GW&uindex=&aspect=subtab98&menu=search&ri=1&limitbox_2=BBND01+++BND [Acedido 18 Fevereiro 2018].

Imagem 11- Avenida da Liberdade em 1905, imagem de João Cristino [Online] Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, disponível em http://catalogo.bnportugal.pt/ipac20/ipac.jsp?session=1538K29606H9R.48127&profile=bn&uri=full=3100024~!948505~!4&ri=3&aspect=subtab98&menu=tab20&source=-!bnp&ipp=20&staffonly=&term=avenida+da+liberdade&index=.GW&uindex=&aspect=subtab98&menu=search&ri=3&limitbox_2=BBND01+++BND [Acedido 20 Março 2018]

Imagem 12- Espaço público partilhado, Nantes, imagem retirada de Borja, J. and Muxi, Z. (2003) *El espacio público: ciudad y ciudadanía*. Edited by Electa. Barcelona, pp-85.

Imagem 13- Lisboa, cidade medieval 1ª metade do séc.XVI, imagem retirada de Siza Vieira, Á. (2000) *Álvaro Siza a Reconstrução do Chiado Lisboa*. Figueirinha, pp9.

Imagem 14- Área da Baixa antes do Terramoto, 1718, imagem retirada de Ribeiro Santos, M. H. (2000) *A Baixa Pombalina- Passado e Futuro*. 2ª. Livros Horizonte.

Imagem 15- Planta nº1, Gualter da Fonseca e Pinheiro da Cunha, imagem retirada de Siza Vieira, Á. (2000) *Álvaro Siza a Reconstrução do Chiado Lisboa*. Figueirinha.

Imagem 16- Planta nº2, Sebastião e Domingos Poppe, imagem retirada de Siza Vieira, Á. (2000) *Álvaro Siza a Reconstrução do Chiado Lisboa*. Figueirinha.

Imagem 17- Planta nº3, Eugénio dos Santos e Carlos Andres, imagem retirada de Siza Vieira, Á. (2000) *Álvaro Siza a Reconstrução do Chiado Lisboa*. Figueirinha.

Imagem 18- Planta nº4, Gualter da Fonseca, imagem retirada de Siza Vieira, Á. (2000) *Álvaro Siza a Reconstrução do Chiado Lisboa*. Figueirinha.

Imagem 19- Planta final, Eugénio dos Santos e Carlos Mardel, imagem retirada de Siza Vieira, Á. (2000) *Álvaro Siza a Reconstrução do Chiado Lisboa*. Figueirinha.

Imagem 20- Planta representativa das Igrejas preservadas e novas bem como as duas praças a manter, 1756, imagem retirada de Ribeiro Santos, M. H. (2000) *A Baixa Pombalina- Passado e Futuro*. 2ª. Livros Horizonte.

Imagem 21- Incêndio no Chiado, 1988, imagem retirada de Colegio Architectos, delegación en granada (1994) O Chiado, A estratégia da Memória. Granada.

Imagem 22- Edifícios afetados pelo incêndio, imagem retirada de Colegio Architectos, delegación en granada (1994) O Chiado, A estratégia da Memória. Granada, pp.121.

Imagem 23- Planta definitiva de Zoneamento e usos da área sinistrada, 1990, imagem retirada de Colegio Architectos, delegación en granada (1994) O Chiado, A estratégia da Memória. Granada, pp.125

Imagem 24- Interior do quarteirão aproveitado pelos espaços de comércio, Imagem do autor, 2018

Imagem 25- Acesso ao interior do Pátio A pela rua Garrett, Imagem do autor, 2018

Imagem 26- Interior de quarteirão, diferença entre cotas até às Ruínas do Carmo, Imagem do autor, 2018

Imagem 27- Acesso ao Pátio B pela Rua Garrett, Imagem do autor, 2018

Imagem 28- Acesso ao Pátio B pela Rua do Carmo, destaque do acesso na fachada, Imagem do autor, 2018

Imagem 29- Interior do Pátio B, espaços de comércio estendidos para o mesmo, Imagem do autor, 2018

Imagem 30- Planta Filipe Folque, 1856-1858, [Online] Lisboa: Lisboa Interativa, disponível em <http://lxi2.cm-lisboa.pt/lxi/> [Acedido 25 Março 2018]

Imagem 31- Espaços de comércio estendidos para o interior de quarteirão, Imagem do autor, 2018

Imagem 32- Vista par ao Interior do quarteirão Império, Imagem do autor, 2018

Imagem 33- Visibilidade para o interior do Pátio B a partir da Rua do Carmo, imagem do autor, 2018

Imagem 34- Visibilidade para o interior do Pátio B a partir da Rua Garrett, imagem do autor, 2018

Imagem 35- Planta de cheios e vazios, representativa da conexão dos espaços coletivos (interiores de quarteirão, elevadores, centro comercial) com o restante espaço público, imagem do autor, 2018

Imagem 36- Ligação da colina do Chiado ao Elevador do Castelo na colina oposta, visível no corte as cotas que esta liga, João Pedro Falcão de Campos 2013. Percurso Pedestre da Baixa ao Castelo de São Jorge [Online]. Lisboa: Archdaily. Disponível em <https://www.archdaily.com/593697/pedestrian-assisted-path-from-baixa-to-castelo-de-sao-jorge-falcao-de-campos> [Acedido 25 Março 2018]

Imagem 37- Intervenção na zona histórica de Toledo, Imagem do autor, 2017

5. Referências

- Borja, J. and Muxi, Z.** (2003) *El espacio público: ciudad y ciudadanía*. Edited by Electa. Barcelona.
- Braun, S.** (2011) *Made for Minds, In Berlin's courtyards, you're less of a stranger*. Available at: <https://www.dw.com/en/in-berlins-courtyards-youre-less-of-a-stranger/a-15069431>.
- Byrne, G.** (1998) *Gonçalo Byrne: Obras e Projectos*. Lisboa: Editorial Blau.
- Castro, p. . J. B.** (1763) *Mapa de Portugal antigo e moderno*. 2º. Lisboa: Oficina Patriarcal de Francisco Luíz Ameno. Available at: <http://purl.pt/index/geral/purl/PT/index.html>.
- Cerdá, I.** (1991) *Teoría de la construcción de las ciudades: Cerdá y Barcelona*. Ayuntamiento de Barcelona: Ministerio para las admnistraciones públicas.
- Colegio Arquitectos, delegación en granada** (1994) *O Chiado, A estratégia da Memória*. Granada.
- David, A.** (2007) *Vazios Urbanos, Trienal de Arquitetura de Lisboa*. Trienal de. Lisboa: Caleidoscópio.
- Figueiredo, R. M. P.** (2008) *Atalhos urbanos- o exemplo do Chiado*. Instituto Superior Técnico.
- França, J. A.** (1997) *Lisboa: urbanismo e arquitetura*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Lees, L.** (1998) *Images of the Street. Planning, Identity and Control in Public Space*. Edited by N. R. Fyfe. Londres: Routledge,.
- Martins, D. F. B.** (2008) *Renovação e Reabilitação de Interiores de Quarteirão na Baixa Chiado*. Instituto Superior Técnico.
- Montaner, J. M.** (1997) *Barcelona, a city and its architecture*. Koln: Taschen.
- Puig, A. S.** (1999) *Cerdá: las cinco bases de la teoria de la urbanización*. Madrid: Electa.

Ribeiro Santos, M. H. (2000) *A Baixa Pombalina- Passado e Futuro*. 2ª. Livros Horizonte.

Ribeiro Santos, M. H. (2012) *El Proyecto de Manuel da Maia y la reconstrucción de la baixa de Lisboa en el siglo XVIII*. Universitat Politècnica de Catalunya.

Saboya, R. (2015) *Pátios internos em Barcelona*. Available at:

Siza Vieira, Á. (2000) *Álvaro Siza a Reconstrução do Chiado Lisboa*. Figueirinha.

Siza Vieira, Á. (2013) *Chiado em detalhe*. Verbo.

Torres, A. (2006) *Inside Out, o interior de um quarteirão como espaço urbano*.

Vaz Milheiro, A. (2001) 'O quarteirão', *O Público*.

6. Anexos

Entrevista ao arquiteto Gonçalo Byrne | 10 de Maio de 2018

Margarida Condeixa: Como é que que surgiu a encomenda do projeto do quarteirão da companhia de seguros e quais foram os principais requisitos que lhe foram transmitidos para a realização deste projeto? De que forma é que estes requisitos vieram influenciar o sucesso urbano do mesmo?

Gonçalo Byrne: Aquilo como sabe era um hospital, não todos, mas a maioria dos edifícios do quarteirão pertenciam a companhia seguros império que tinha a rua de cima que vai dar ao largo do Carmo. Havia aqui a Igreja do Sacramento, que tinha uma torre sineira que ninguém conhecia porque estava escondida dentro do interior do quarteirão que só se ouvia tocar ninguém sabia de onde vinha e que é uma Igreja pombalina do século XVIII portanto muito antiga, tudo isto teve de ser refeito depois do terramoto, as ruas antes do terramoto não tinham nada a ver com isto, era uma quadrícula... uma malha pombalina que se adapta à topografia que é muito violenta. E o hospital que era um hospital de ortopedia da Companhia Seguros Império ocupava praticamente este quarteirão todo e como eles tinham uma boa parte do logradouro, tinham enchido isto com construções pré-fabricadas de expansão do hospital.

A encomenda basicamente é o hospital vai se embora, tudo o que está dentro do miolo fora, estes edifícios, não eram hospital, mas eram edifícios que tinham apartamentos alugados e queriam transformar isto em escritórios e aquilo também e entretanto, eles metem um estudo de sumário na Câmara, e a Câmara diz ok nos aprovamos a vossa operação, mas têm de meter aqui dentro que a Câmara impõe um estacionamento com cerca de 400 lugares, que eles não tinham no programa original. No meio disto tudo há aqui um jardim, que   propriedade privada do Club Turf, é um clube

interessantíssimo do século passado, de criadores de cavalo. A origem é essa, hoje em dia já não é só mas ainda têm alguns. É um Club meio aristocrata meio.. É um clube que ocupa dois pisos e que tem este jardim, um jardim fantástico, e eles alugam as instalações para casamentos e eventos. O jardim que lá hoje está já não é o original, como calcula quando nos mandam por aqui 400 carros, teve de se fazer um buracão, que tem 5 caves por baixo do jardim, por isso o jardim que lá esta hoje é um jardim desenhado pelo Francisco Caldeira Cabral, é um jardim que sobretudo agora que as árvores já tem um certo tamanho, e têm outra coisa fantástica, o facto de haver aqui este jardim é que cria um micro clima dentro do quarteirão esta cheio de pássaros, não se ouve o barulho da cidade lá de fora e tem... parece que esta.. não digo no campo mas é lindíssimo e então nos dias de sol porque de facto aquele arvoredado chama imensos pássaros, mais até pássaros do que pombos, que é uma coisa interessante e tem outra coisa que é a torre sineira, que estava escondida, que durante o dia ainda tocam os sinos mas que durante a noite, por volta das 10 porque os vizinhos não deixam, mas portanto tem se a ideia que quando se está aqui dentro que se está noutra cidade, isso foi muito importante para o projeto inclusivamente há a questão do programa que vem agarrada ao projeto que ligam um estacionamento muito grande, a ideia da seguradora é os pisos térreos quer na rua Garrett quer na parte de cima continuem a ser comercio ou restauração, bares etc. e admitiam até dois pisos e nos pisos para cima nos estávamos obrigados a seguir as normas que o Siza fez para a reconstrução do Chiado 1/3 de habitação 1/3 de escritórios e 1/3 de comercio e isso foi uma coisa que foi lançada na operação de reabilitação depois do incêndio do chiado e que faz todo o sentido, que é a maneira de misturar usos, sabe porque é que isto e importante? Para as pessoas viverem e circularem neste espaço a todas as horas do dia isso tem uma tradução que são duas coisas, como sabe isto era o centro da cidade de Lisboa, e para uma coisa se chamar centro de cidade, tem de haver duas condições mínimas, uma é que possa haver vida nas 24h do dia e a segunda é que as atividades que se desenvolvem aqui dentro tenham a capacidade de atração. Por isso é que se chama centro. O centro é o aposto de uma periferia porque atrai pessoas. O que acontece é que estas duas características tinham se perdido com o tempo. Quando houve o incêndio do Chiado não morava ninguém nesta zona,

por isso é que só morreu uma pessoa no incêndio, coitadinho era um velhote que quando acordou já estava o prédio todo a arder, o que e que isso quer dizer, que o Chiado foi perdendo...o primeiro problema do Chiado foi que desapareceu a habitação e entraram os escritórios em força e isso quer dizer que a só escritórios e comercio a cidade abre as 7 e fecha as 7, ou seja 12 h sem ninguém, deserto. Segundo problema da Baixa é que portanto o primeiro chama-se monofuncionalização ou seja perder as várias funções a segunda coisa é que a seguir os escritórios também se foram embora e isso chama-se desertificação é ai que eu digo que a cidade perdeu os tais 250 mil habitantes e quando há desertificação há o caminho andado para começar tudo a cair de podre, não havia ninguém, a cidade vivia das pessoas que passavam que são muitas, porque há muita gente que chega de barcos e vai trabalhar para o resto da cidade mas vai ou caminhando, ou seja esses ainda atravessam ainda mantem as lojas do rés do chão porque ainda param para tomar uma bica, mas os andares de cima começam a não ter ninguém ou então apanham o metro ou os autocarros e continuam a passar mas não há vida.

Portanto quando isto arde, a decisão é misturar comercio habitação e escritórios já tenho o mínimo para fechar as 24h porque o que mata é a ausência da noite e para isso ou tenho vida noturna que é o que acontece nos bares à beira rio ou tenho habitação, mas mesmo a vida noturna é mentira porque não é como a habitação, não vive gente. E portanto esta ideia de misturar as 3 coisas veio da reconstrução do chiado e a Câmara impôs aqui e quanto a mim muito bem a única diferença é que no Chiado o Siza dizia que, dizia e fez os 2 primeiros pisos são comércio, uma loja com uma mezanine os dois pisos intermédios são escritórios e os dois pisos de cima são habitação e aqui conseguimos com a Câmara respeitar as normas mas vamos dizer que habitação ficam aqui com comercio em baixo e os escritórios numa proporção de área igual ficam aqui e aqui com comércio por baixo, por isso garantimos o 1/3 de comércio o 1/3 de habitação e o 1/3 de escritórios, no conjunto em bora não misturando habitação e escritórios porque isso aqui no Chiado tem sempre o problema dos elevadores, as pessoas que tem habitação passam a vida a cruzar-se com as pessoas que vão para os escritórios, ou então tem que se duplicar os elevadores e isso foi aceite.

Entretanto a obra começa o IPAR diz que nos já estávamos a espera que as fachadas são pombalinas não se podem mexer, por isso a questão era trabalhar atrás das fachadas. Outra coisa é que se isto é novo isto não pode ter uma profundidade superior a 15m, o Siza também teve de lidar com isso aqui no Chiado, que é uma norma recente, quer dizer que este espaço interior aumentou em relação ao original e sobretudo... isto era uma coisa incrível, porque era tudo cheio de socalcos com desníveis diferentes, porque nada comunicava com nada, por isso a partir do momento que há o estacionamento tivemos de escavar isto tudo quase até ao centro da Terra mantendo isto à volta e depois foi reconstruir a partir do estacionamento até acima. Este nível está a 17 metros acima da Rua Garrett é por isso que há um problema de subida e o nosso projeto original era escadas mecânicas e escadas normais e além disso obviamente elevadores que são públicos, que tem haver com o estacionamento e do estacionamento para poder chegar a esta cota e aquela de elevador ou então chegar diretamente do estacionamento às casas e aos escritórios, portanto isso foi uma coisa que teve de ser gerida no projeto. Uma parte desconhecida toda a parte de infraestrutura, outra coisa foi uma vez que esta aqui a torre sineira que estava num estado lastimável, que nunca tinha tido obras, infestada de pombos e a cair, esta é importante porque é um protagonista fundamental para este espaço, não só pelo som, mas porque é muito bonita, é uma igreja tardo barroca, barroco tardio pombalino, e a companhia seguros império pagou o restauro da torre à igreja porque obviamente é uma peça que quem usa isto usufrui e a Igreja ficou muito agradecida com certeza para eles foi bom e para a companhia seguros império também, bom, portanto agora outra coisa é nos, tínhamos um atravessamento assim que está lá público, e tínhamos outro atravessamento público assim que não esta lá, foi encerrado, porque, porque quando a obra estava quase perto do fim os apartamentos foram todos vendidos, quase antes da obra, incrível, e eram bem caros, devo dizer, até porque tinham uma coisa que na Baixa o Siza tinha tido grandes dificuldades em vender os apartamentos por causa das garagens, não tinham.. e aqui tinham garagens diretamente para as casas, os dois pisos mais baixos são exclusivamente, dos apartamentos, das lojas e dos escritórios, apenas os três de cima são

públicos. Inclusivamente a seguradora império tinha aqui prédio do Siza, não conseguiam vender os apartamentos até dizerem que tinham direito a dois lugares ali e venderam em dois tempos.

A outra coisa é que as lojas não vendiam nem por nada, não ser as que estavam virada para a Rua Garrett mas essas eram praticamente as que já lá estavam, há apenas uma ou duas novas e aqui o programa tinha um pequeno centro comercial em dois pisos, e esta é uma historia engraçada porque nós tínhamos uma escada mecânica aqui, com dois lances, de facto era em três lances se lá for hoje e entrar aqui vai reparar que tem aqui um primeiro lance sem escada mecânica e tinha, só que a certa altura a companhia seguros império trouxe um especialista em shoppings e eu disse estou tramado, e o especialista chegou e os proprietários levaram-no a sério coisa que eu disse para não levarem o homem a sério que se vão arrepender e a primeira coisa que o especialista disse foi oh arquiteto se eu tenho um shopping ali se eu ponho aqui as escadas mecânicas toda a gente passa aqui mas ninguém vai comprar a pior coisa para o shopping é estar a por aqui escadas mecânicas, eu quero que eles passem é ali então obrigou-nos a suprimir o primeiro lance de escadas mecânico e a pô-lo ali dentro porque aqui há um pátio muito bonito, que apanhava isto tudo e vinha ate aqui em dois pisos, ou seja tinha um entrada direta da rua Garrett tinha este pátio bonito, tinha o rés do chão coma escada mecânica e o primeiro andar que agarrava esta galeria também era uma galeria comercial ao longo desta entrada pela rua Serpa Pinto, e que permitia o shopping ter três entradas, a verdade é que nós fomos na treta do especialista e eu disse vocês vão se arrepender e estas escadas que estava ali foi colocada ali dentro, resumidamente e concluindo a companhia seguros império dez anos depois não tinha conseguido aligar nenhuma loja ali no shopping e não sabia o que havia de fazer, os espaço comerciais ninguém pegava neles e preços de aluguer muito altos e mantiveram teimosia até que ao fim de dez anos apareceu uma sociedade uma das maiores sociedades de advogados de Lisboa que lhes fez uma oferta em que diziam que lhes compravam o shopping todo e transformo isto tudo em escritórios de advogados e quando me chamaram para dar esta noticia eu disse, espero que a Câmara não permita isso, por isso quer dizer abdicar desta passagem e disto que era fundamental para o quarteirão todo, enganei-me a Câmara aceitou e o que acontece é que a Sociedade ocupa isto tudo, a

escada mecânica foi para a sucata, porque eles não precisam de escada mecânica para nada e a passagem foi para a sucata e agora é um corredor deles, e há aqui uma porta na ponta que diz, proibido o acesso e daquele lado é uma entrada para os escritórios também, e é uma pena que isso se tenha perdido mas é o que da o mercado é assim, não alugavam, não vendiam... **MC:** também havia aqui ou não? **GB:** Sim sim havia aqui uma passagem, esta havia, mas foi fechada, mas depois, estas não puderam fechar porque eram o atravessamento estas são só entradas para os prédios de cima **MC:** eu tive aqui no outro dia e esta aberta esta passagem **GB:** ah esta está aberta? Ah então é recente, mas aquela estava fechada... quer dizer que esta é mesmo só entrada para os prédios, é que aqui por exemplo esses apartamentos desse lado têm uma entrada aqui lateral, mas como o rés do chão é loja e os pisos de cima são apartamentos e se vir há uma ponte aqui, porque o primeiro andar já são apartamentos portanto esta coluna de escadas serve este edifício mas também serve este. E depois tem uns duplexes, os últimos pisos são fabulosos, com uma vista sobre o rio incrível, e há um fulano que comprou o último piso inteiro juntou duas casas e fez um casarão. Mas o que é incrível é que os apartamentos se venderam caríssimos todos em pouco tempo as lojas e os escritórios é que não... **MC:** e porque é que acha que isso estava a acontecer, problemas de economia? **GB:** acho que eles estavam a pedir valores muito altos e não havia, repare, o Chiado ainda estava no período de abandono não havia apetência para apartamentos... já havia alguma, este projeto do Siza aqui na Rua do Alecrim também caríssimo foi vendido também rapidíssimo, porque de facto os apartamentos no Chiado com uma vista incrível, mesmo no cetro da cidade mas para os escritórios não era ainda a mesma coisa, estes advogados só aparecem para ai 7 ou 8 anos depois de isto estar tudo pronto. **MC:** Entretanto as lojas agora também já estão todas cheias **GB:** sim porque, entretanto, todo o Chiado tem uma procura, hoje em dia já não consegue arranjar, aqui ainda consegue e é por isso que quando ardeu o Chiado o Nuno Portas escreveu um artigo a dizer que pena não ter ardido a Baixa toda, porque obviamente a reabilitação do centro de Lisboa que estava deserto começa depois do incêndio, precisamente porque ardeu.

MC: Apesar do incêndio do Chiado ter sido uma tragédia para a cidade, considera que foi uma oportunidade não só para esta área da cidade como para a recuperação de outros quarteirões da cidade, como por exemplo o quarteirão da Companhia de Seguros Império? Porquê?

GB: Foi porque foi a única maneira que a cidade e a Câmara acordarem e perceberem que tinham um grosso problema de reabilitação e que valia a pena investir forte aqui porque era, porque eles sabiam, toda a gente sabe que estes projetos de abandono de cidade... Paris teve isto à 40 anos as cidades italianas resolveram este problema há 30 anos, um problema de gestão urbana atenta, aqui é que toda a gente andou a dormir e quando acordaram foi preciso um incêndio para acordar e mesmo assim este processo de reabilitação do Chiado o Siza previa que durasse 6/7 anos ele dizia que em 6/7 anos estaria habitado e ocupado e demorou 20 e tal anos eu lembro-me de comemorar aquilo 88 e em 2008 a Câmara organizou um evento num edifício de homenagem ao Siza e houve uma sessão de conferências e de facto foi isso, é impressionante como uma operação destas que é piloto de toda a reabilitação da Baixa mesmo assim tenha demorado 20 anos, hoje em dia a especulação daqui é uma coisa disparada tudo mas mesmo assim o desfasamento entre o Chiado e a reabilitação da Baixa está com um atraso para aí de 15 anos que se acumulam aos que veem de trás.

MC: Sendo o m² tão caro em Lisboa, porque é que deixa tanta área como espaço vazio? Alguma vez surgiu a hipótese de fazer o quarteirão mais construído? Os promotores nunca o pressionaram para isso?

GB: Pelo contrário, o grande sucesso da operação do Siza foi o retirar, limpar o espaço, o grande problema dos quarteirões e que depois é um problema cadastral, que depois está tudo partilhado, que cada prédio tem um logradouro atrás e este espaço era um mundo de diferentes donos e que construíam ainda por cima clandestinamente, que faziam coisas mais incríveis, oficinas, armazéns, quando houve o incêndio percebeu-se que uma das razões de violência do incêndio era por exemplo

neste interior havia armazéns de produtos altamente explosivos, havia uma loja de caça que vendia cartuchos e pólvoras e não sei o que, e ninguém sabia de nada, isso e um aspeto outro aspeto que é muito importante na melhoria de uma cidade é melhorar a porosidade da cidade, há aqui uma historia muito engraçada esta rua, não existia estava tapada, mas quando o Siza começou a trabalhar aqui nos armazéns do Chiado que era um antigo convento que tinha um claustro e que foi sendo adaptado ele descobriu que o convento acabava e havia ali uma azinhaga, havia uma planta antiga que mostrava isto, e começaram a escavar e perceberam que ainda lá estavam os restos da azinhaga, e o Siza propôs e muito bem, é claro que a Câmara teve de negociar, porque aqui houve havia três ou quatro que arderam e por isso esses foi fácil de negociar mas conseguiram negociar e comprar para abrir a rua, o processo histórico de acumulação da cidade quando não há uma gestão urbana, até o espaço público come apropria-se... conhece o museu machado Castro de Coimbra? **MC:** Não não **GB:** é um edifício que tem dois mil anos de historia a fundação do edifício é romana, anos 60 depois de Cristo e era a base do fórum romano e o Deco humanos naquele caso é o eixo nascente poente, e portanto na esquina do Deco humanos estava sempre o fórum das cidades romanas que é o centro da cidade romana, que desce e é onde esta a Sé velha e o bairro da Almedina que é uma colina muito acentuada, e por isso é uma rua zigzagueando para aumentar o perímetro, mas sabe-se que essa rua no período romano tinha três vezes a largura da rua que lá está hoje, que é uma viela medieval gótica que quando se escavou para as obras descobriu-se que a rua romana era três vezes mais larga, o que é que isto quer dizer, quer dizer que entre o período romano e o período gótico as pessoas foram se apropriando do espaço público e a rua coitadinha ainda lá está, esta aqui morreu ou seja e este processo passa-se dentro dos quarteirões também. Um dos processos de reabilitação do urbano é tentar melhorar a conectividade urbana uma questão fundamental que se chama repor a porosidade urbana, tentar melhorar a porosidade urbana porque se sabe que isso normalmente é um tema de espaço público para trazer vida urbana, então hoje em dia nos centros históricos é fatal, no entanto este do Chiado demorou anos a conseguir alugar um bar, anos, as pessoas não reagem e no entanto este é se calhar o melhor sitio para se ter uma esplanada, porque é um sitio sossegado, houve aqui uma tentativa de

por um bar e os vizinhos fizeram logo um baixo assinado porque não queriam barulho, eu percebo, mas isso não quer dizer que não haja aqui um belo.... Como é que se chamam os bares? Os bares calmos com música lounge, é o conceito lounge. **MC:** Isso agora tem lá esplanadas **GB:** e não tem que ser muito ruidoso, mas portanto a resposta é o contrario, um dos problemas da reabilitação urbana é melhorar é o que eu chamo operações de desentupir coisas que com o tempo se foram entupindo e que portanto cria situações que são tudo menos urbanas becos ruas sem saída, que antes se passavam e deixaram de se passar, porque quando se perde conectividade urbana, para a vida urbana isso não é bom, criam se muitas vezes pequenos núcleos de marginalização de espaços , espaço residuais e por isso a reabilitação urbana tem a ver com o espaço público eu diria mesmo que a reabilitação urbana da cidade começa na reabilitação do espaço público, grande sucesso de ocupação de Barcelona nos anos 80/90 sobretudo 70/80 foi começar por investir na requalificação do espaço público porque se o espaço público for bom, a casa mesmo que esteja em ruina ao lado, vai haver sempre alguém que vai dizer, eu compro a casa, hoje em dia sabe-se que investir no espaço público é uma das armas principais para reabilitar tecidos, pedaços de cidade que estão decadentes.

MC: Partindo do pressuposto que não basta abrir um interior de quarteirão ao público para que este tenha sucesso, quais os pensamentos e funções que nele devem ser implementados para que isso aconteça? Acredita que há uma lógica de intervenção na construção dos mesmos?

GB: Claro que há, é fundamental na minha opinião reabilitar porque isso vai desencadear um processo de reabilitação quase espontâneo da cidade que está à volta, e isso porque esse interior, a maior parte das atividades que se faziam nesse interior que eram armazéns, pequenas oficinas, já nem sequer existiam porque hoje em dia não há economia que sirva para isso, quanto muito uma loja teria feito um teto de vidro e tinha se expandido para lá, mas se isso se pudesse transformar numa praça publica era preferível, porque então é um espaço que é de toda a gente, não é privado. **MC:** Mas acha que então esses espaços seriam semipúblicos ou totalmente públicos? **GB:** O que estamos aqui a passar são espaços públicos, o que disse agora também é verdade, esses quarteirões não têm obrigatoriamente

de ser públicos podem ter um uso semi público efetivamente, sobretudo quando são espaços muito pequenos a abertura publica total pode desencadear um fenómeno contrario, pode criar fenómenos de rejeição para que se quer habitar à volta, é um problema de proximidade excessiva, **MC:** até por causa da privacidade **GB:** exatamente o Bairro Alto esta cheio de problemas desses, a vizinhança ao fim de semana, as pessoas querem la viver e queixam-se do barulho e não sei que, eu acho que isso é já um problema real, e que tem de ser enfrentado, por isso vou corrigir o que disse, faz sentido de facto falar de espaço partilhados mas não totalmente públicos, o Nuno Portas usa a expressão espaço coletivos ou seja onde é possível ter um vida comunitária mas com algum controle, alguma filtragem, por isso é que se chama semi.

MC: Na sua opinião, quais os fatores que podem influenciar o sucesso de integração de um interior de quarteirão público? Acha que estes fatores dizem apenas respeito à arquitetura? (economia?)

GB: Não, acho que a arquitetura é importante questões ambientais onde é agradável estar quer dizer... mas acho que também tem haver com uma questão de uso porque por exemplo se aqui dentro tiver, dentro de um espaço pequeno tiver um espaço de recreio, uma creche, dificilmente vai ser público, se quiser ter mesmo um uso público, tem de por programas que chamem o público e isso são as atividades como o comercio, um bar, hoje em dia a ancora primeira para ter como uso público esta muito ligado à comida, um pequeno bar, um restaurante... ou então à noite, o fator noite tem sido um dos motores da reativação da vida urbana.

MC: O que pensa acerca da permeabilidade e do carácter destes interiores? Deve ser preservado ou varia dependendo das funções que forem pensadas para cada interior?

GB: Eu acho que a permeabilidade urbana é uma coisa importante para que a cidade seja viva, agora admito que essa permeabilidade possa ter graus, depois há um problema se tudo é igualmente permeável ou se tudo é igualmente intensamente permeável começa a haver problemas de conflitos,

por outro lado se queremos ser central é necessário que haja habitação, e necessário um misto de usos, e se essa permeabilidade atinge valores muito altos, depois entra em conflitos com a habitação por exemplo. Que já com os escritórios não é tão grave porque há noite não está a funcionar, e durante o dia, o espaço de trabalho pode funcionar com o ar condicionado, eu aqui por exemplo tenho um problema com os ruídos, não é por causa de bares é por causa deste nó de trânsito.

MC: Acredita que a utilização de interiores de quarteirão para criação de espaço público, são uma mais valia para a cidade de Lisboa, porquê? E para que tipo de cidades isto poderá fazer sentido?

GB: O problema da cidade de Lisboa no centro histórico, eu acho que tudo o que se fizer para recuperar a vida é bem vindo, embora agora já estamos num limiar razoável de revitalização urbana e se calhar agora passamos é a ter problemas de saber como é que vamos gerir os excessos e isso tem a ver com os excessos dos airbnb se tudo for aluguer de curta duração depois não vamos ter residentes de longa duração, é um problema, os excessos de utilização e de ocupação e saturação do espaço público também trazem inconvenientes, um deles é esse, começa a ser difícil, habitação com residentes que a noite precisam de uma certa tranquilidade ou seja eu acho que a revitalização do espaço público passa claramente também pelo problema da porosidade da circulação não é só um problema do misto de usos, mas também de fluidez dentro da cidade, falo sobretudo da fluidez lenta do peão e da bicicleta, que lá ainda não existe mas que mais tarde penso que vá existir e menos do automóvel, o automóvel é um problema, mas se nos pensarmos que não há estacionamento aqui à volta, também a habitação...eu contei-lhe à bocado o caso de não se conseguir comprar aqueles apartamentos por não terem sitio para o carro, hoje em dia não é preciso ter o carro no quarto, mas pelo menos a 50 metros, se há uma política de trazer habitantes para o centro não se pode dizer que o carro é um tontice, esquece isso tudo, cada vez há mais gente que não precisa do carro mas ainda é uma minoria, com os anos vai mudar.

MC: Quais as qualidades/ potencialidades destes espaços em relação aos outros espaços públicos?

GB: Essa é uma boa pergunta, essa e as outras, mas obviamente que são espaços públicos e são próximos dos outros, mas têm características particulares, uma delas é a dimensão, muito importante, este por exemplo e capaz de ter não sei muito bem, 60 por 20, não é uma coisa muito grande, outra é o ambiente, quanto mais pequeno é o espaço a relação com a luz natural é diferente, tem menos luz a relação entre a noite e o dia mas depois tem outra coisa no chiado que é um potencial que uma grande praça não tem que é ou uma rua não tem, a qualidade deste espaço, é completamente diferente da qualidade desta rua e desta rua, esta rua é uma rua barulhenta, que à noite eu não vejo o céu, porque tenho uma poluição luminosa onde todos os candeeiros apontam para baixo e por isso se eu olhar para o céu não vejo um estrela, uma lua não vejo nada não tem arvores e este espaço como já lhe disse que tem arvores, tem pássaros tem som diferente daquele, não tem barulho de buzinas, não tem poluição de escapes, tem um ar muito mais limpo e à noite se estiver naquela esplanada se eles não estragaram a esplanada, porque a iluminação que nós pusemos neste espaço foi toda ela iluminação rasteira, porque eu queria que a noite se pudesse ver as estrelas, porque é uma qualidade de vida incrível, que eu lhe garanto que nem no largo de camões isso é possível. Hoje em dia já começa a ser mais sensível, hoje em dia a Câmara já tem normas para a história da poluição luminosa o que é importante. Nos ali fizemos isso e até achamos que a Câmara não ia aprovar, mas eles nem se aperceberam, depois se os tipos da esplanada quiserem por holofotes, esta tudo estragado outra vez, mas eu julgo que não hoje em dia a tendência é a por um guarda sol e uma velinha, é outro tipo de ambiente, muito mais silencioso, sereno e que eu acho que tem o seu público, que não tem de ser tudo igual, não tem de ser tudo discoteca, não tem de ser tu cervejaria, que também existem noutros sítios. Isto para dizer que são espaços públicos, mas que criam, que têm características diferentes dos outros, uma cidade que tem oferta de espaço público e aquilo que disse à pouco semipúblico que reagem de maneira diferente que têm condições atmosféricas e ambientais diferentes, é muito importante isso é que dá uma grande riqueza à cidade. Conhece Berlim? **MC:** sim **GB:** tem uma série de espaços públicos diferentes, e há uma zona que é o grande bairro judeu de Berlim, que é muito curioso porque sabe que os grandes bairros judeus tinham e têm

espaços que as traseiras são inteiramente interligadas com praticinhas e passagens estreitas, e essa zona de Berlim hoje em dia é fabulosa, esta sempre cheia de gente, de dia porque tem sombra tem plantas tem trepadeiras, tem um ambiente extremamente agradável e à noite então uma coisa impressionante, porque às vezes até tem gente a mais, mas são esse fenómeno que eu lhe dizia, esses sítios meio escondidos da cidade e que têm um encanto imenso, o que não quer dizer que uma praça também não tenha a praça do comercio para mim é uma das praças mais extraordinárias da europa.... Bom pronto.

MC: Obrigada

Parte II

Vertente Prática

Índice

Local de Intervenção.....	88
Memoria Descritiva.....	89
Planta PEDU.....	90
Evolução Histórica.....	92
Levantamento Fotográfico do Território de Intervenção.....	96
Estratégia de Grupo.....	
Planta de Usos.....	98
Planta de Condicionantes.....	100
Planta da Proposta de Grupo.....	102
Proposta Individual.....	
Localização.....	104
Levantamento Fotográfico do Local da Proposta Individual.....	106
Desenvolvimento da proposta.....	108
Proposta Final.....	112
Aglomerado Habitacional.....	
Planta geral	114
Alçados.....	116
Planta de Usos.....	118
Parametros Urbanos.....	120
Tipologias	122
Tipologia T4 detalhada.....	126



Planta de Alenquer com ligação à Zona Ribeirinho 
Redução da escala 1.10 000

O projeto propõe um conjunto habitacional para o lugar da Vala do Carregado, no seguimento de um primeiro estudo, no arranque do ano letivo, onde se analisaram as propostas de vários partidos políticos para o concelho de Alenquer, durante as eleições autárquicas de outubro de 2017. Deste conjunto de propostas, retivemos, entre outras, o desejo de ligar o Carregado à frente ribeirinha do Tejo e, de algum modo, revitalizar a histórica faixa urbana da vala.

Os instrumentos de planeamento do município de Alenquer estão em reestruturação, estando o PDM por rever, no entanto, observando o Plano Estratégico de Desenvolvimento Urbano (PEDU, 2015) do concelho, observamos que não há um entendimento estruturado para o desenvolvimento desta área. No entanto, notamos, que a vala do Carregado divide Alenquer de Vila Franca de Xira, estando, inclusivamente, a histórica estação ferroviária do Carregado no território administrativo de Vila Franca de Xira. Perguntamo-nos se esta situação de fronteira, de margem, não será uma condição que contribuiu para a menor incidência de propostas de planeamento para este local.

A proposta do grupo desenvolve-se ao longo de uma ciclovia proposta pelo PEDU de Alenquer, que pretende perlongar a malha urbana até às margens do Tejo. Devido à importância patrimonial e histórica deste local, o grupo propõe uma hipótese de revitalização urbana de toda esta área, tentando conciliar os valores patrimoniais, edificados e naturais bem como indústria, infraestruturas e habitação.

Para tal, toma-se como princípio a elevação da linha férrea ao longo do Tejo, situação estudada por um grupo de trabalho e aluno do ISCTE-IUL no ano letivo anterior. Esta premissa permite então uma possibilidade de religar o sistema urbano Carregado-Alenquer ao Tejo e, ao mesmo tempo, liberta esta infraestrutura dos problemas associados às temidas cheias do Tejo. Esta decisão permitiria que o sistema urbano alcançasse o rio.

PEDU . Plano Estratégico de Desenvolvimento Urbano

ARU | Alenquer e Carregado

PARU Plano de Ação de Regeneração Urbana

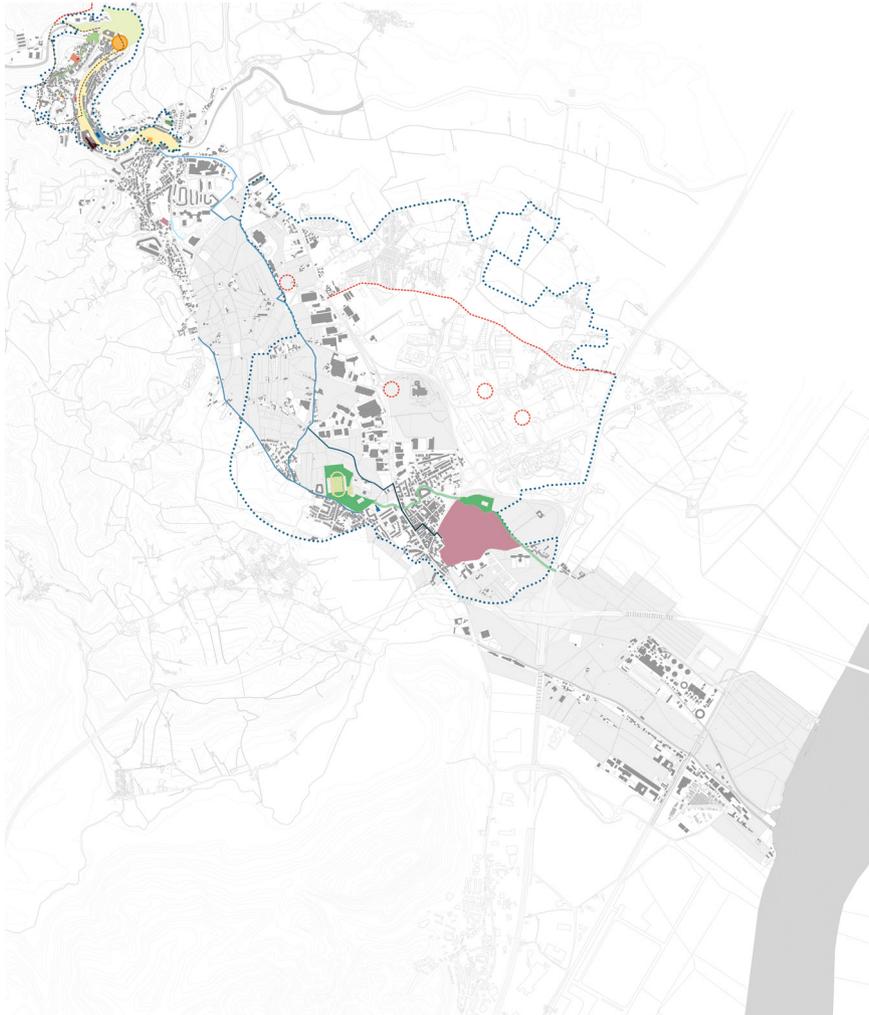
- Requalificação e dinamização da Mata do Areal e do Parque das Tílias
- Promoção de percursos pedonais e turísticos na zona histórica
- Reabilitação do Edifício do bairro Angra do Heroísmo
- Reabilitação e refuncionalização da Escola Conde Ferreira
- Reabilitação do Auditório Damião de Góis
- Reabilitação e refuncionalização do Convento de Nossa Senhora da Conceição
- Reabilitação dos claustros do Convento de Santa Catarina
- Reabilitação do espaço público envolvente ao Castelo de Alenquer e Porta da Conceição
- Reabilitação do espaço público envolvente à Alcáçova - Castelo de Alenquer
- Requalificação urbana do Largo Palmira Bastos
- Reabilitação do espaço público da envolvente à Vila Operária da antiga Romeira
- Requalificação urbana e ambiental da frente ribeirinha do rio Alenquer
- Reabilitação e reconversão do edifício da antiga Fábrica da Chemina e requalificação do espaço público envolvente
- Reabilitação do Mercado Municipal de Alenquer e requalificação urbana do espaço envolvente
- Reabilitação do Mercado Municipal do Carregado
- Criação do Parque verde urbano do Carregado

PAMUS Plano de Ação de Mobilidade Urbana Sustentável

- Adequação do interface de transportes públicos de Alenquer
- Relocalização e melhoria das condições do Parque TIR Carregado-Alenquer (alternativas de localização)
- Criação de circuitos e acessos alternativos para veículos pesados
- Construção de ciclovia e via pedonal de ligação do bairro Calouste Gulbenkian à área de equipamentos
- Construção de ciclovia e via pedonal entre o parque da Romeira, a Quinta de Santa Teresa e a Capela de Santa Catarina
- Construção de ciclovias e via pedonal entre a vila de Alenquer e Carregado
- Construção de ciclovia e via pedonal de ligação da rua Farraguda à EN1
- Construção de ciclovia e via pedonal de ligação da EN1 à urbanização da Barrada

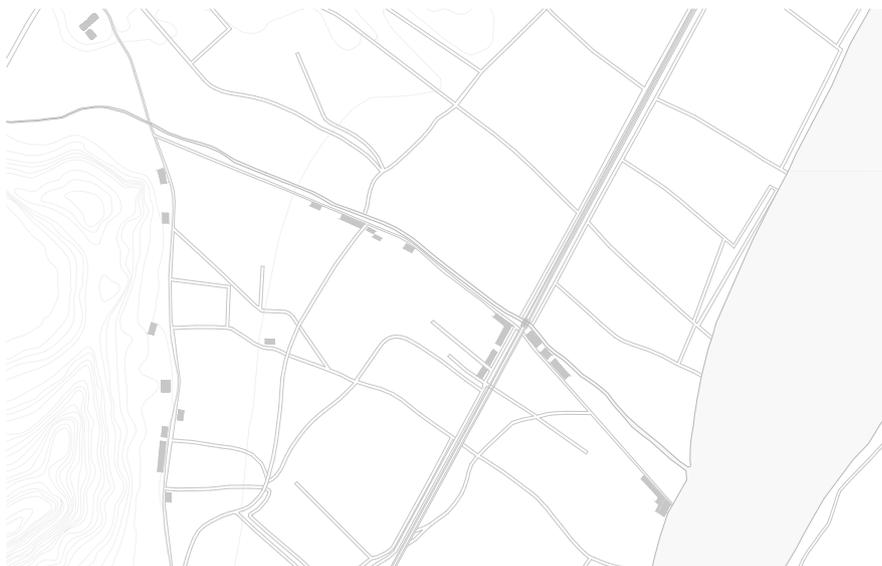
PAICD Plano de Ação e Intervenção nas Comunidades Desfavorecidas

- Bairro da Barrada
 - Reabilitação dos espaços públicos
 - Reabilitação e reconversão do espaço camarário
 - Projecto integrado de inclusão activa da população jovem
 - Projecto integrado de combate ao insucesso e abandono escolar
- Bairro Calouste Gulbenkian
 - Reabilitação dos edifícios
 - Reabilitação dos espaços públicos
 - Projecto integrado de inclusão activa da população residente no bairro

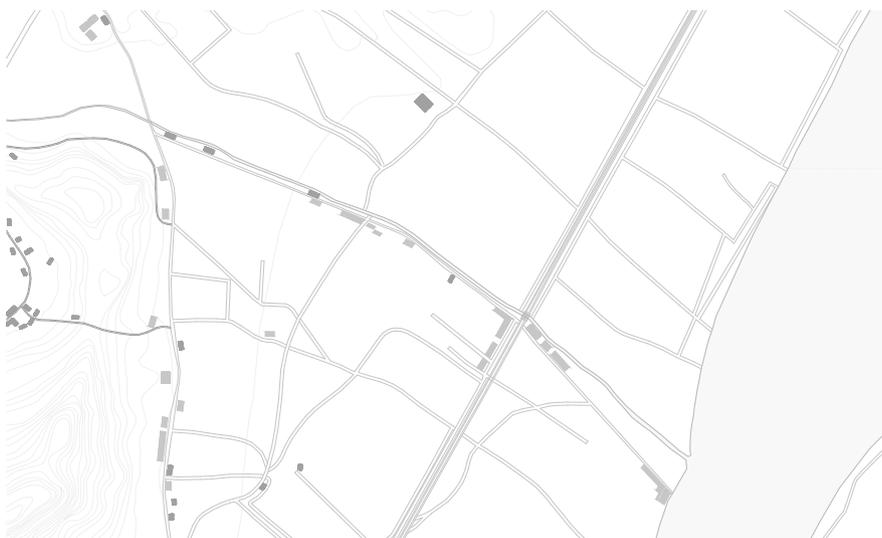


Redução da escala 1.10 000 

Evolução Histórica . Castanheira do Ribatejo



Planta 1937



Planta 1942 



Planta 1965



Planta 1992 



Planta 2009



Planta 2017 

Levantamento fotográfico do território de intervenção



Vala do Carregado . Central Termoelétrica do Ribatejo



Estrada da Vala



Rua da Estação com vista para a Central Termoelétrica



Linha férrea que corta a ligação com a frente ribeirinha



Vala do Carregado com vista para a Sociedade de Vinhos Vitor Matos



Parque de merendas



Antigos armazéns da Fábrica de Cerâmica



Vista sobre o rio Tejo

Planta de Usos

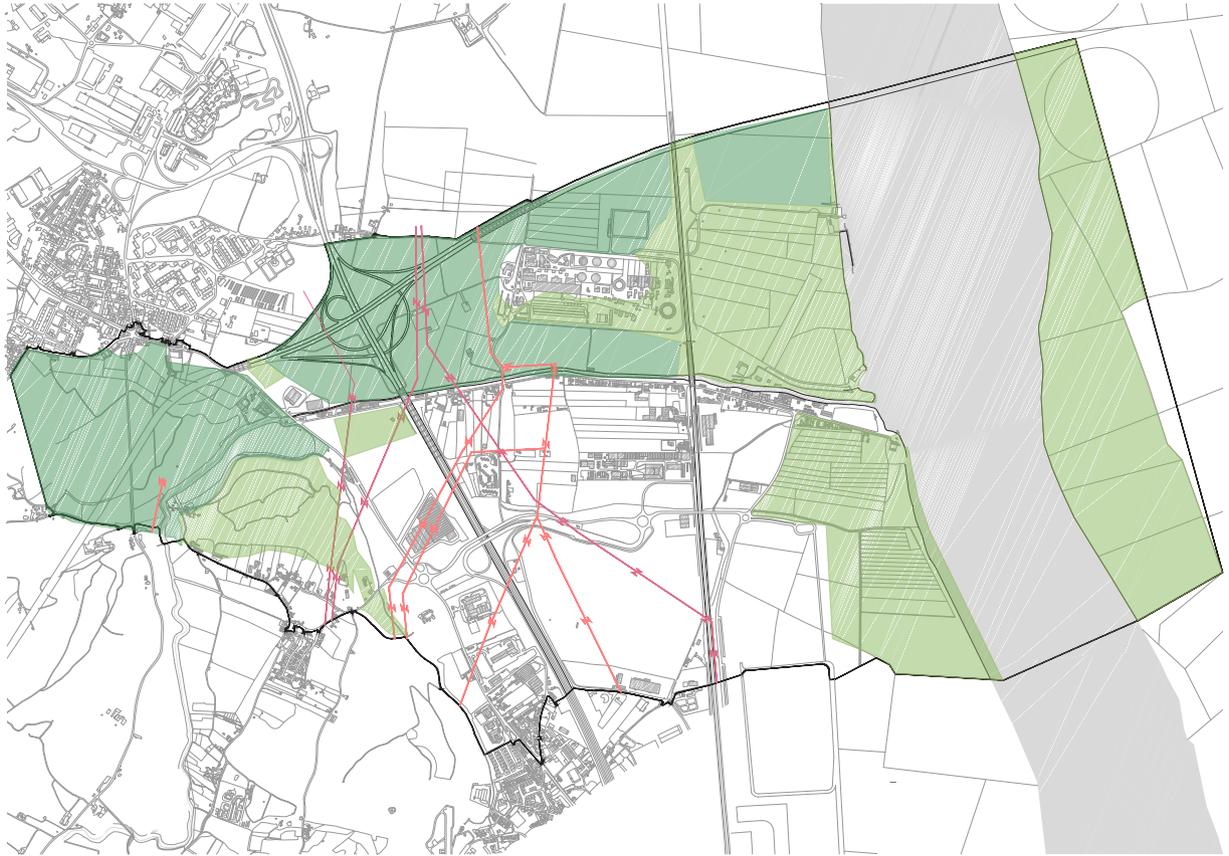




Redução da escala 1.10 000 ☉

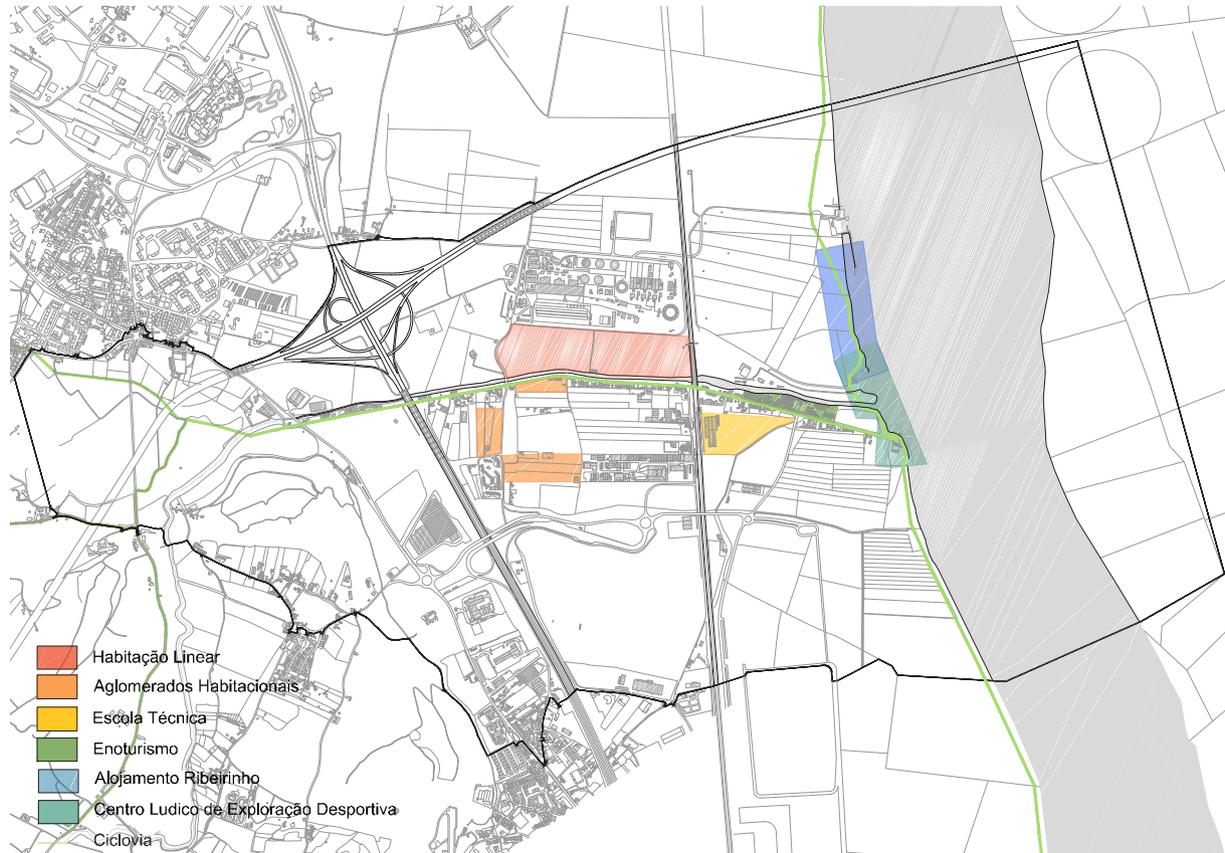
Planta de Condicionantes

-  Reserva Agrícola
-  Reserva Ecológica
-  Alta Tensão
-  Muito Alta Tensão



Redução da escala 1.10 000 ☉

Proposta de Grupo



Redução da escala 1.10 000

O projeto de grupo apresentado trata de definir como poderia ser estruturada uma localidade urbana e para tal, trata igualmente das interligações com a futura Plataforma Logísticas de Lisboa Norte (imediatamente adjacente, a sul, aumentando a pressão urbanística) e da convivência com a Central Elétrica, de Ciclo Combinado, a norte. Estas difíceis ligações, de escala, de função e de ambiente, são, na nossa opinião, apaziguadas pela potencia paisagística do estuário do Tejo.

Pensa-se que o dinamismo logístico e a abundância de acessos rodoviários e ferroviários (menos de uma hora do centro de Lisboa), tornam este local potencialmente atrativo para uso residencial, tendo presente que esta função já existe no local, especialmente ao longo da estada da vala. Fatores como a implantação, a densidade, a tipologia e os afastamentos-distâncias, tornam-se cruciais para viabilizar habitação. Da mesma forma, defendemos que será importante desenvolver outro tipo de oferta, de equipamento e de emprego complementar. Com este sentido, propõe-se a construção de uma escola técnica (industrial e/agrária), junto à futura estação do Carregado, potenciando um novo centro urbano, e de equipamentos de fruição de lazer e/ou turística, estas últimas sobretudo junto ao rio Tejo (ampliação das instalações da Sociedade de Vinhos Vítor Matos, incluindo programa turístico; um clube náutico e um alojamento, unindo as margens da vala, junto ao Tejo).

As áreas habitacionais localizam-se junto da linha férrea e tentam consolidar estruturas habitacionais já existentes. Um núcleo a norte da vala do Carregado, propõe a própria vala como eixo urbano criando uma transição para os territórios agrícolas. O núcleo a sul da vala, implanta-se com o intuito de unir núcleos dispersos, constituindo, no conjunto com estes, uma espécie de grande cintura ou quarteirão, em redor de um núcleo de campos agrícolas.

As novas edificações fecham e ligam estruturas edificadas a sul, a nascente e a poente, confinando, a norte, com as traseiras da linha habitacional edificada ao longo da estrada da vala.

Área de Intervenção . Aglomerados Habitacionais



Planta de localização da proposta individual na área de intervenção 
Redução da escala 10 000



Área da proposta individual 
Redução da escala 1: 2 000

Levantamento Fotográfico do Local da Proposta Individual



Central Termoelétrica do Ribatejo vista do terreno de intervenção



Fábrica Atral Cipan



Fábrica Atral Cipan



Fábrica Atral Cipan vista do terreno de intervenção



Estrada do Bairro, divide o Bairro Atral Cipan da zona intervencionada



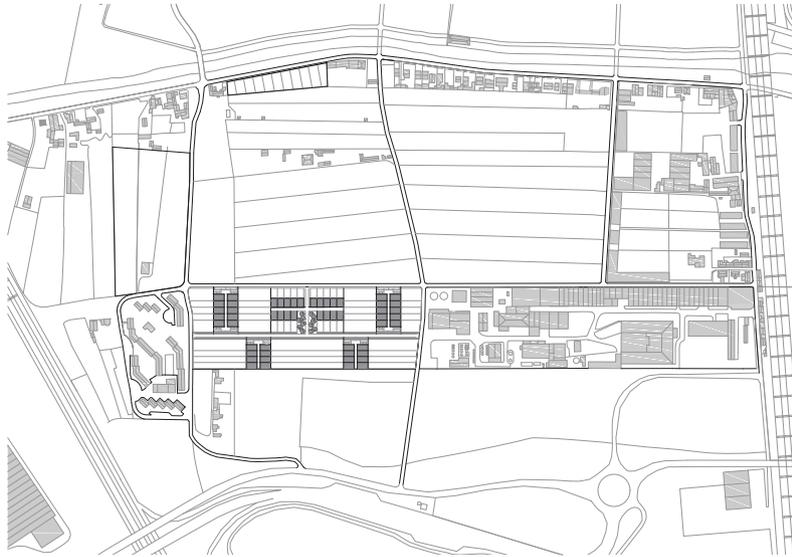
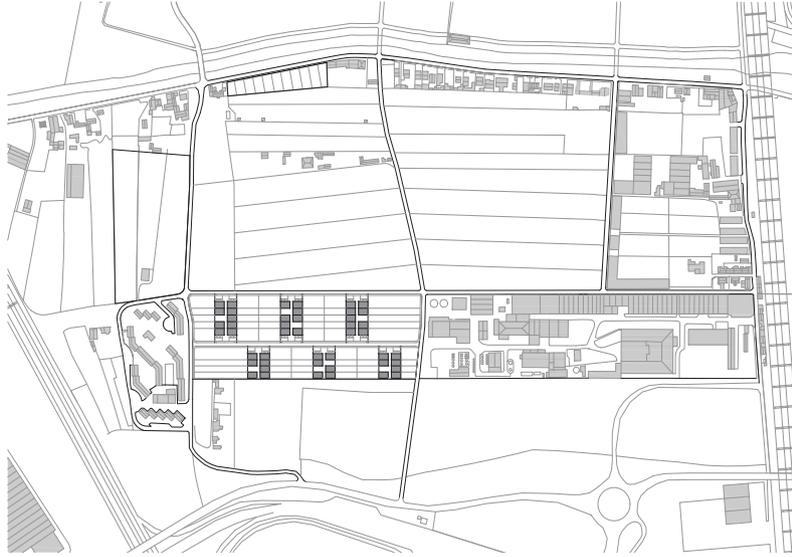
Interior do Bairro Atral Cipan



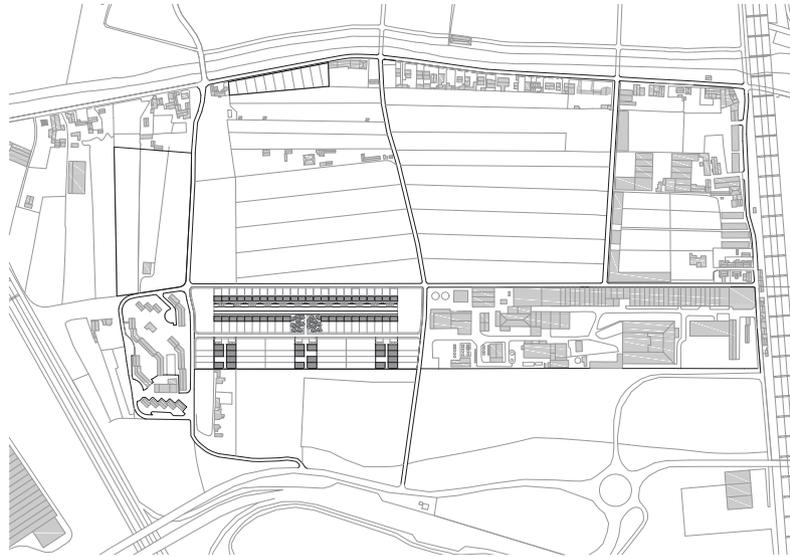
Vista do terreno de intervenção para o Bairro Atral Cipan



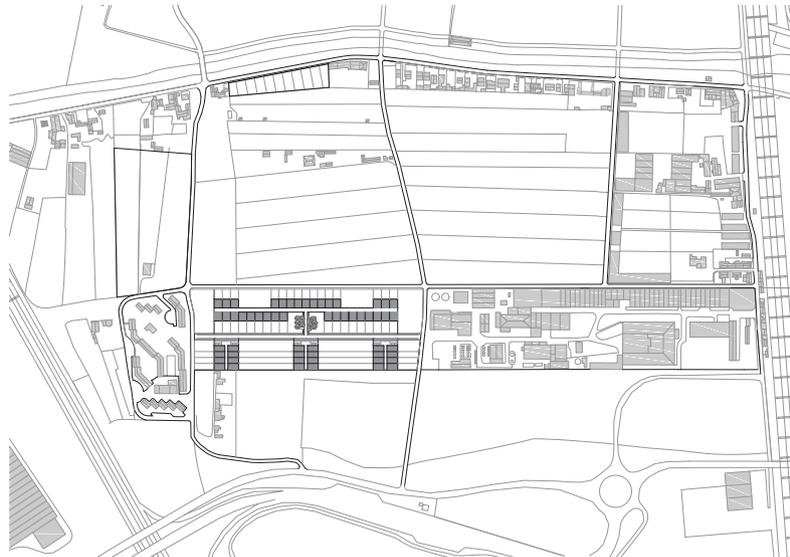
Exterior do Bairro Atral Cipan



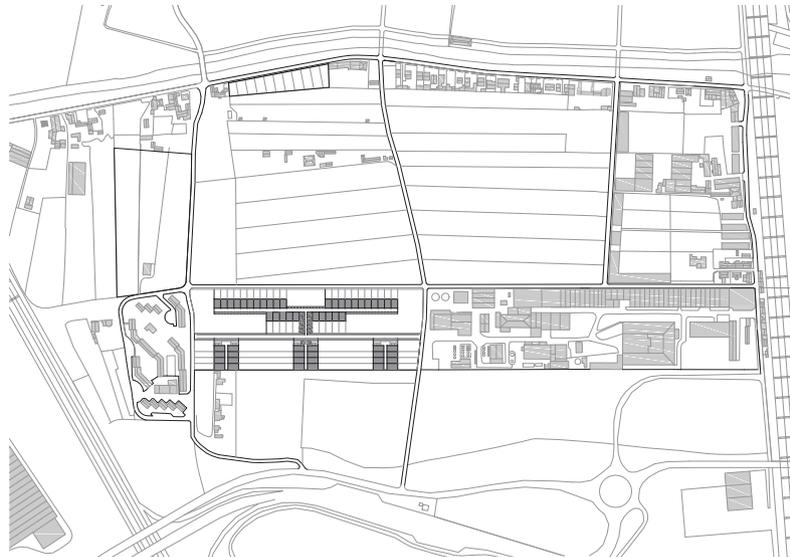
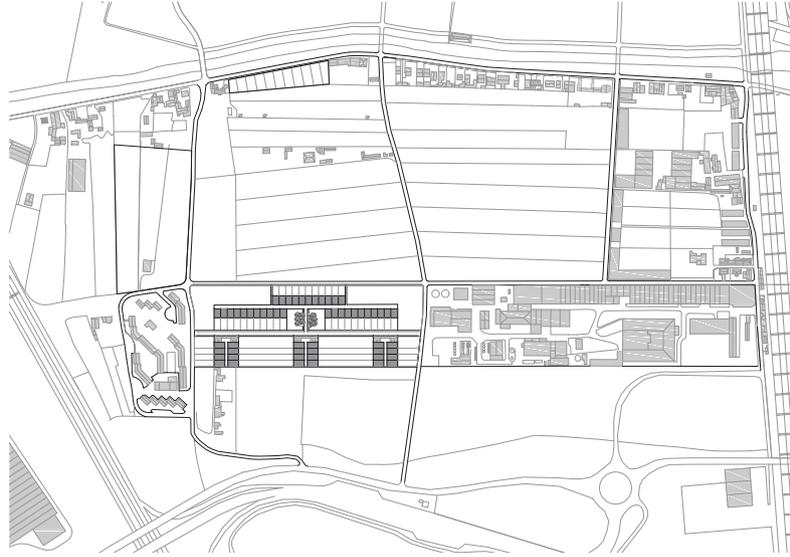
Desenvolvimento da Proposta 



Desenvolvimento da Proposta 



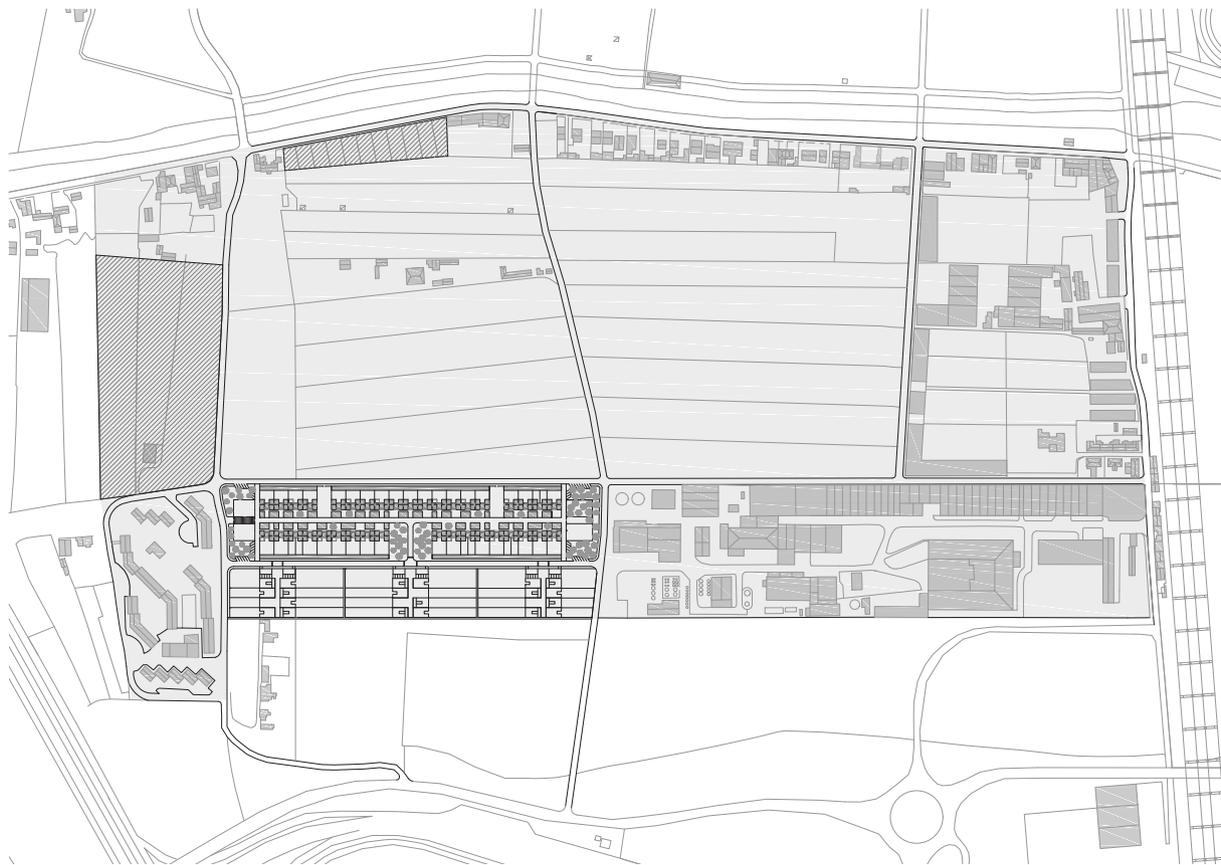
Desenvolvimento da Proposta 



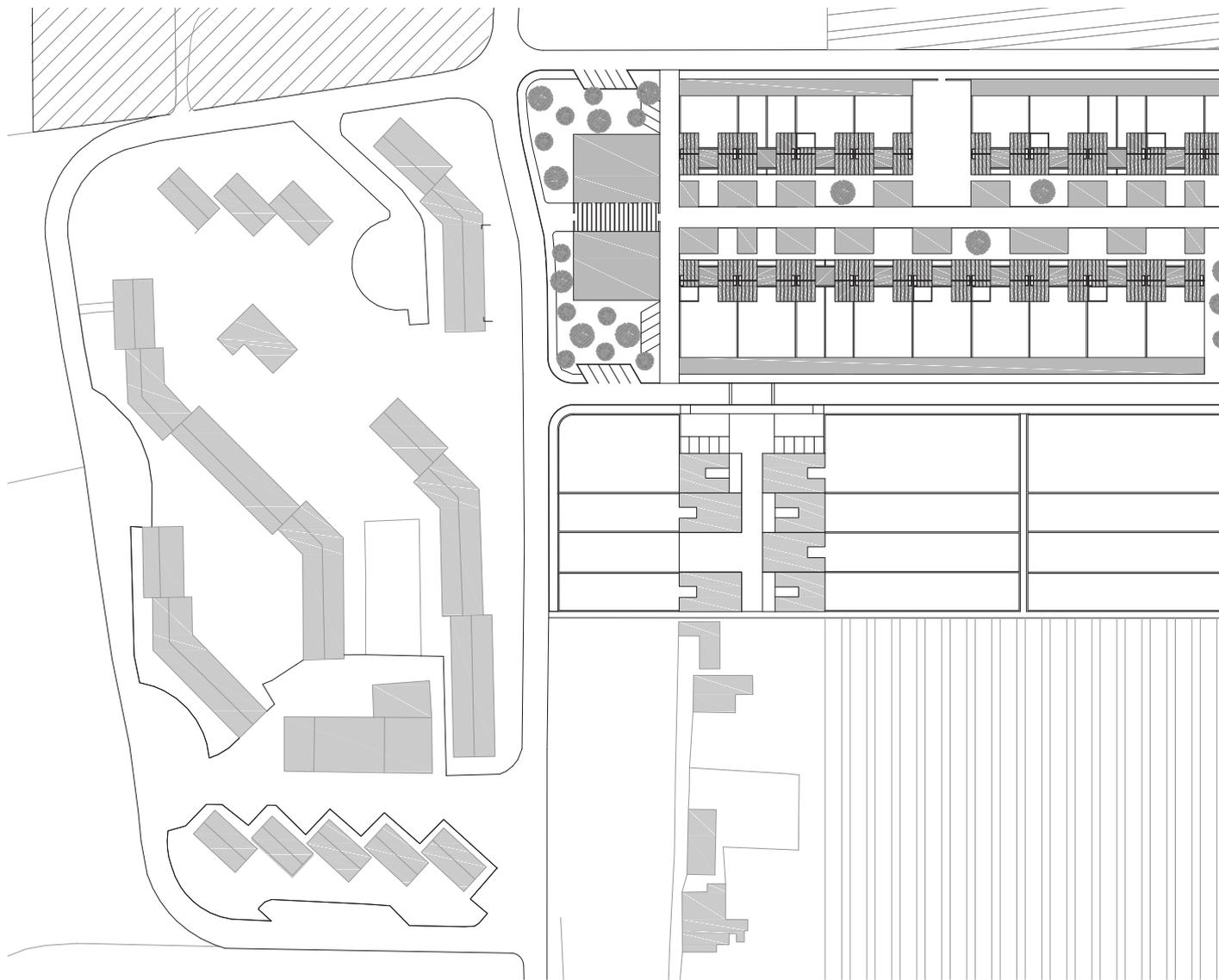
Desenvolvimento da Proposta 

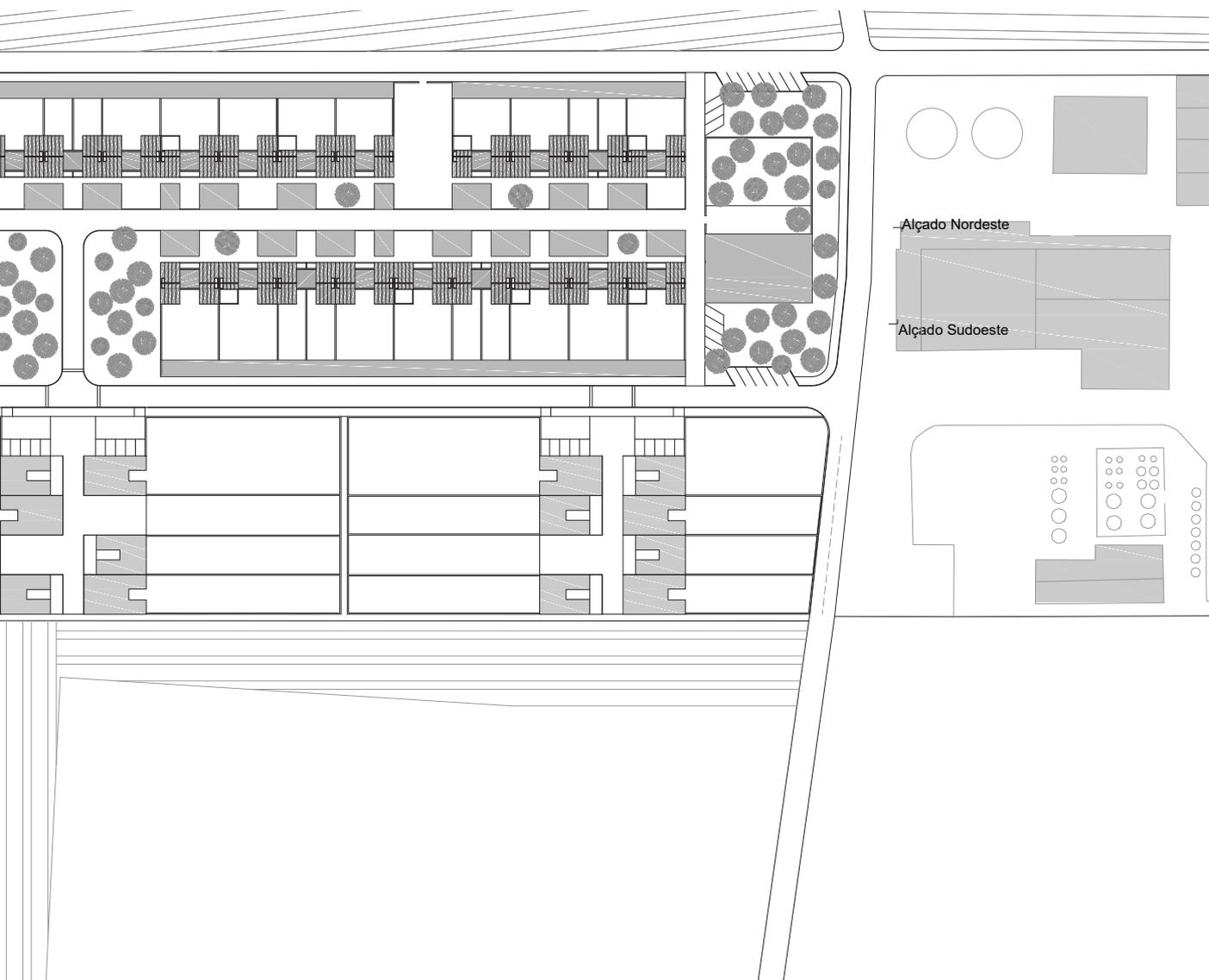
A vertente individual deste trabalho contempla um destes núcleos: o limite sul, que interliga as instalações industriais da Atral-Cipan ao bairro residencial homónimo. A configuração deste bairro procura aproximar os extremos edificados da Atral-Cipan, proporcionando um prolongamento viário e de morfologias edificadas, que tornem natural essa ligação. Ao mesmo tempo, desenvolvem-se tipologias que tenham áreas generosas, de interior e exterior, permitindo uma ligação gradual entre espaço interior doméstico e espaço exterior agrícola. Pensa-se que poderá ser interessante oferecer tipologias habitacionais distintas das disponíveis em Lisboa, que permitam uma vivência em comunidade, dada a disponibilidade de área, a baixa densidade, a possibilidade de interação com o espaço exterior e ainda a qualidade de vida que pode advir de todos estes fatores. Contudo, isto apenas é possível uma vez que este local se encontra longe da pressão dos valores imobiliários do centro, da capital.

As soluções desenhadas, por seu lado, ensaiam alguma domesticidade, não recusando elementos tradicionais, como o telhado a duas águas e os jardins murados. De certo modo, ensaiam-se soluções conhecidas num cenário, urbano e paisagístico, mais arriscado, tentando, no seu todo, criar qualidades reconhecíveis: espaço interior, espaço exterior, rua de pequena escala, pedonalização, árvores, áreas permeáveis, recolhimento, proteção ou vistas.

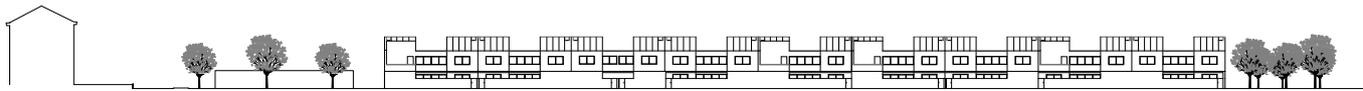
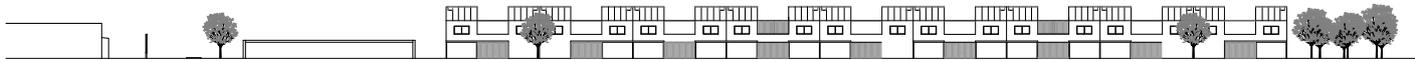


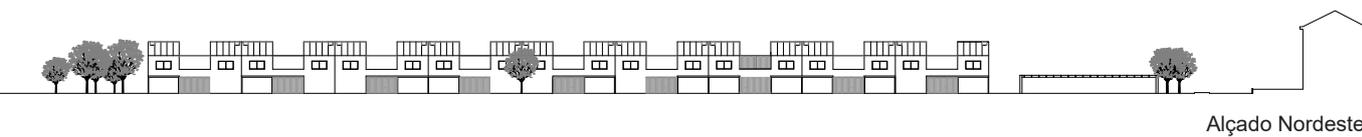
Proposta Final 
Redução da escala 1. 2 000





Planta do Aglomerado Habitacional 
Redução da escala 1. 500



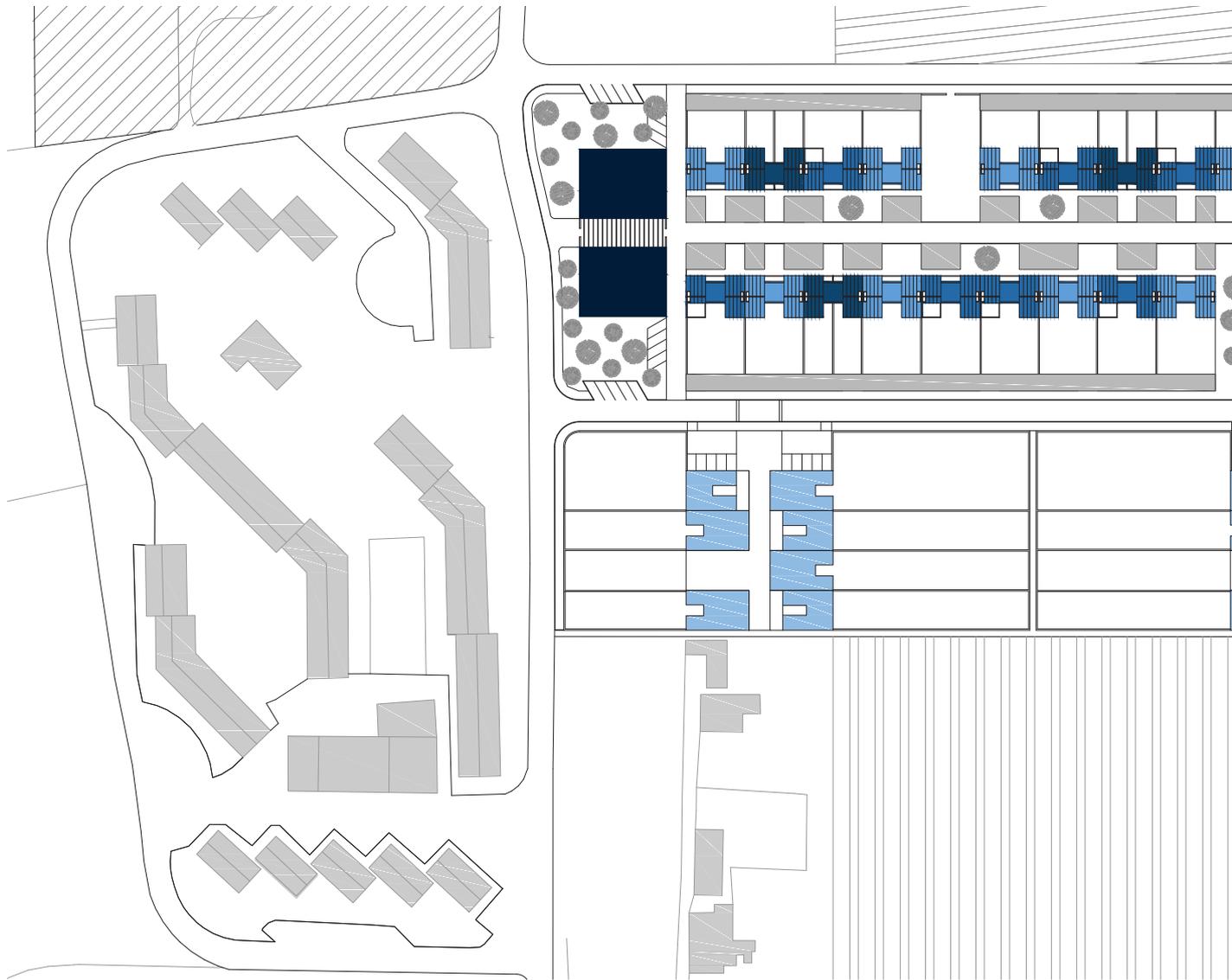


Alçado Nordeste



Alçado Sudoeste

Alçados do Aglomerado Habitacional
Redução da escala 1. 500





Planta de Usos 
 Redução da escala 1. 500

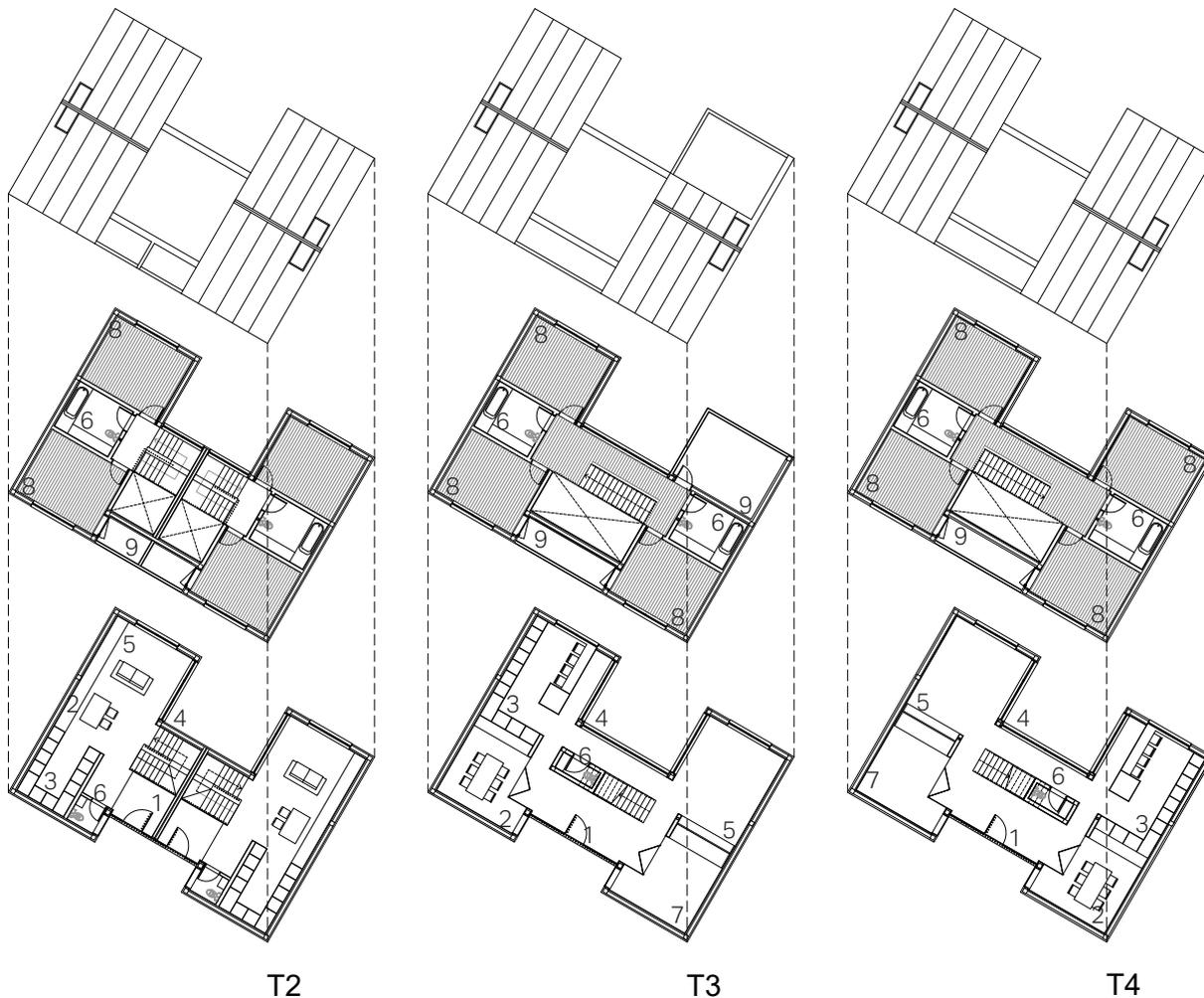
Parâmetros Urbanos

Área Intervencional	47 734.8m ²
Área de Implatação Edificada	7 978m ²
Índice de Ocupação	5.9%
Nº de Fogos	64

Complexo Habitacional superior

	T2	T3	T4
Quantidade	14	15	15
Área de Implantação do lote	58.5m ²	117m ²	117m ²
Área Bruta de Construção	117m ²	217m ²	234m ²
Área de solo permeável	44m ²	178m ²	178m ²
Área Bruta complexos dependentes	14.2 m ²	14.2m ²	14.2m ²

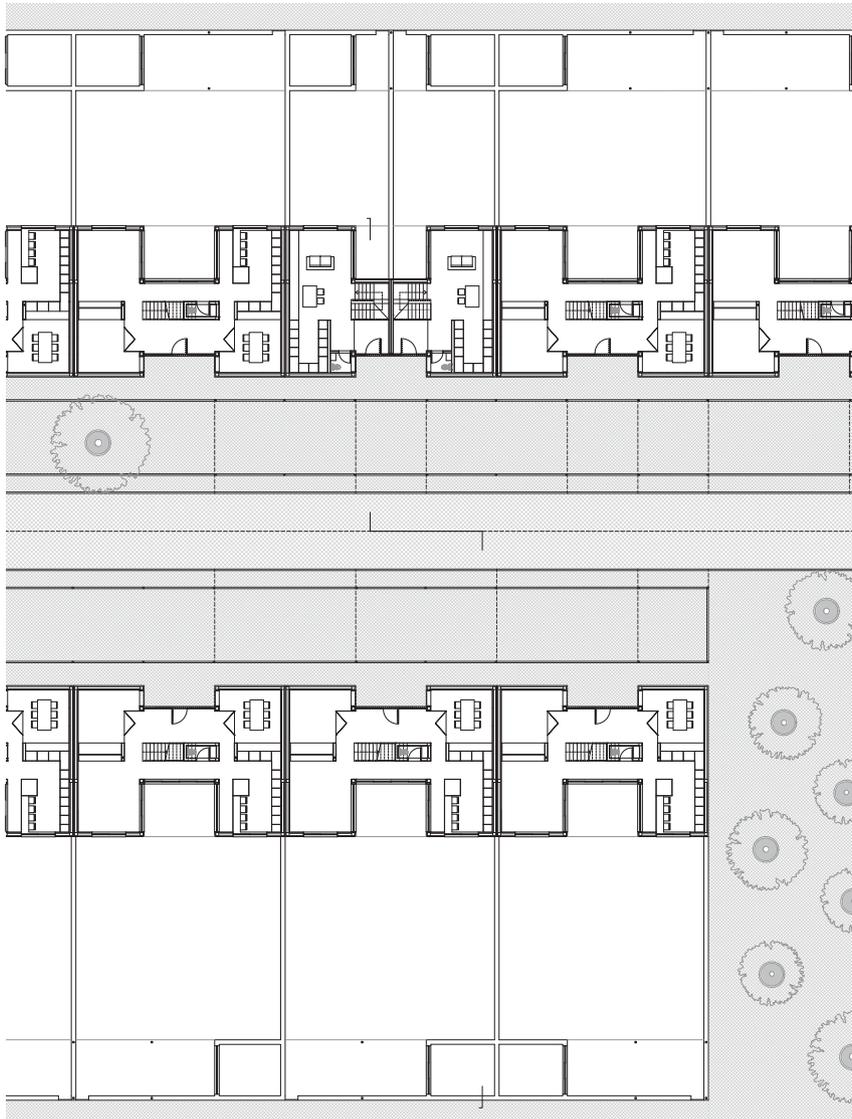
Parâmetros urbanos da intervenção



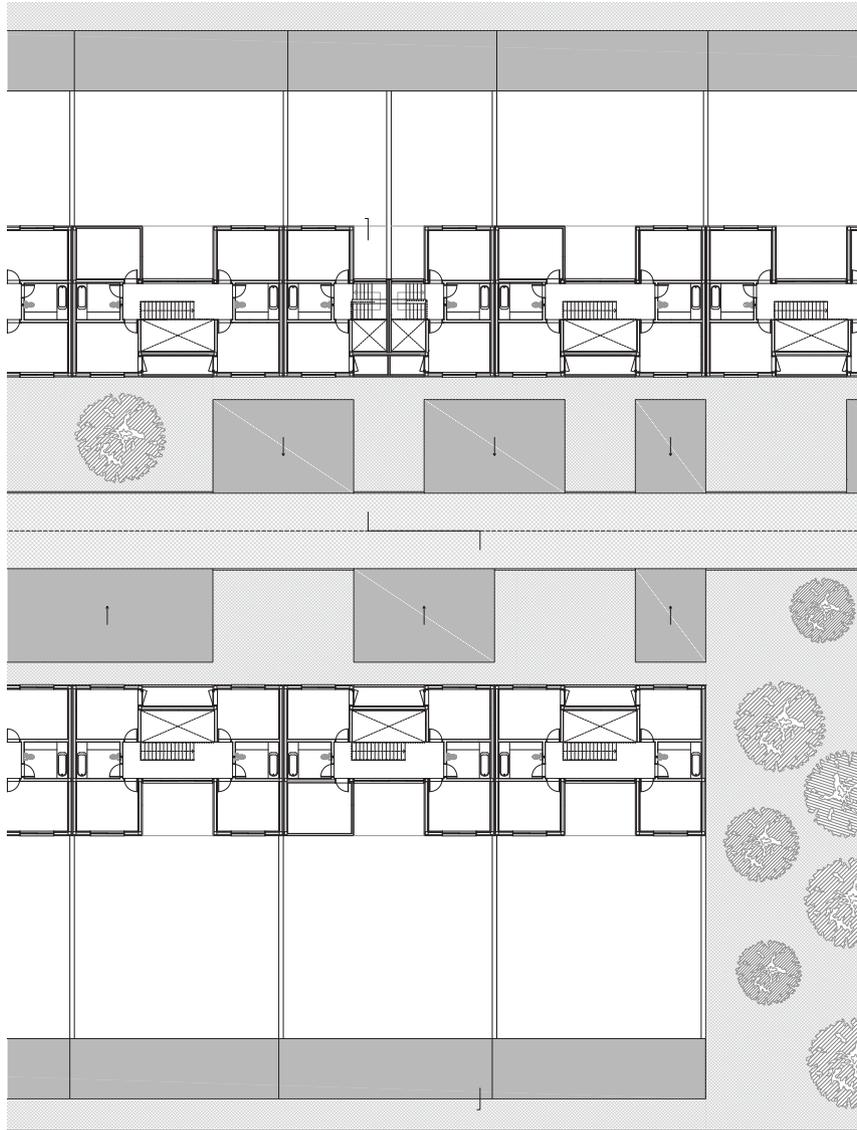
T2. 1. Hall de entrada 2. Sala de Jantar (7.3m²) 3. Cozinha (8.7m²) 4. Pátio 5. Sala de Estar (13m²)
6. Instalação Sanitária 8. Quarto (13.4m²) 9. Varanda

T3. T4. 1. Hall de entrada 2. Sala de Jantar (13.5m²) 3. Cozinha (20.9m²) 4. Pátio 5. Sala de Estar (20.2m²)
6. Instalação Sanitária 7. Escritório 8. Quarto 9. Varanda

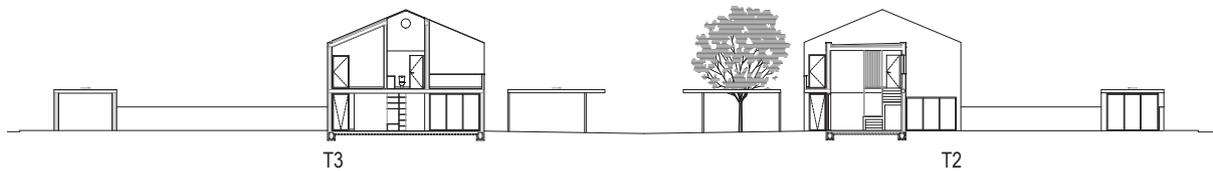
Tipologias



Planta piso 0 
Redução da escala 1. 500



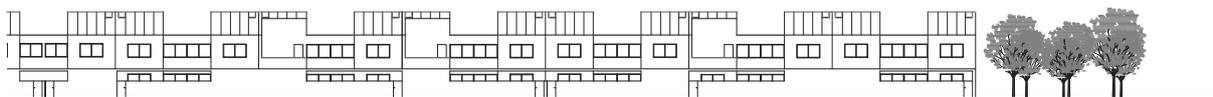
Planta piso 1 
Redução da escala 1. 500



Corte Transversal
Redução da escala 1. 100

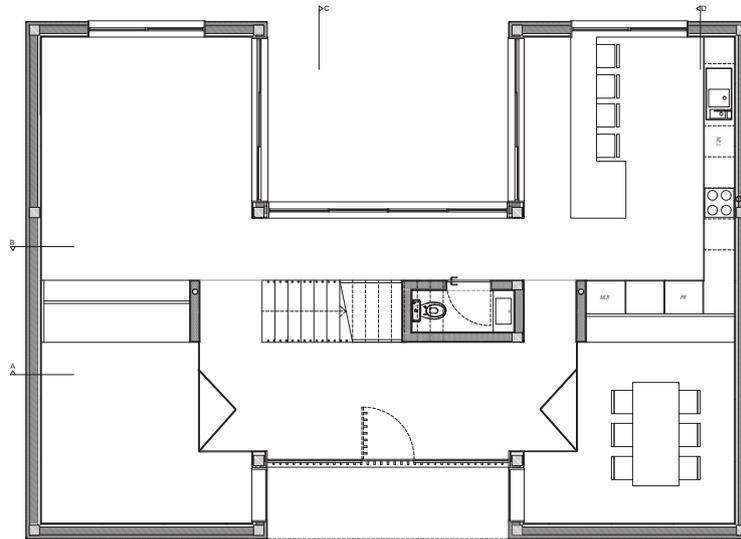


Alçado Sudoeste

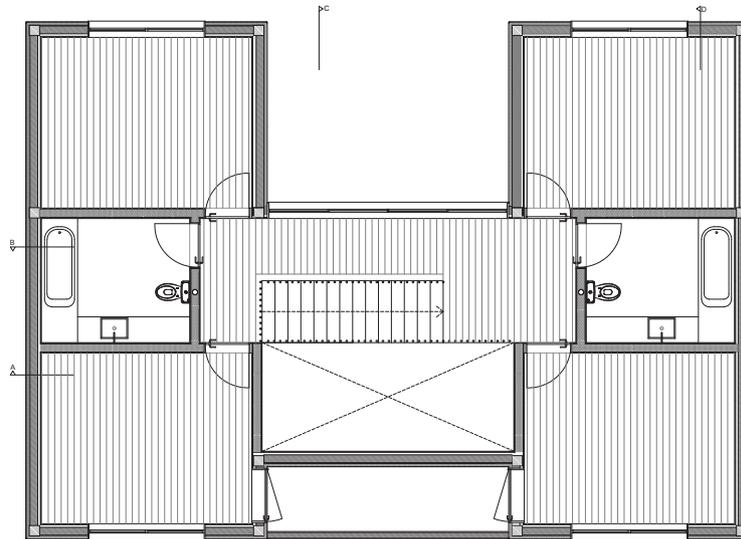


Alçado Nordeste

Alçados
Redução da escala 1. 100

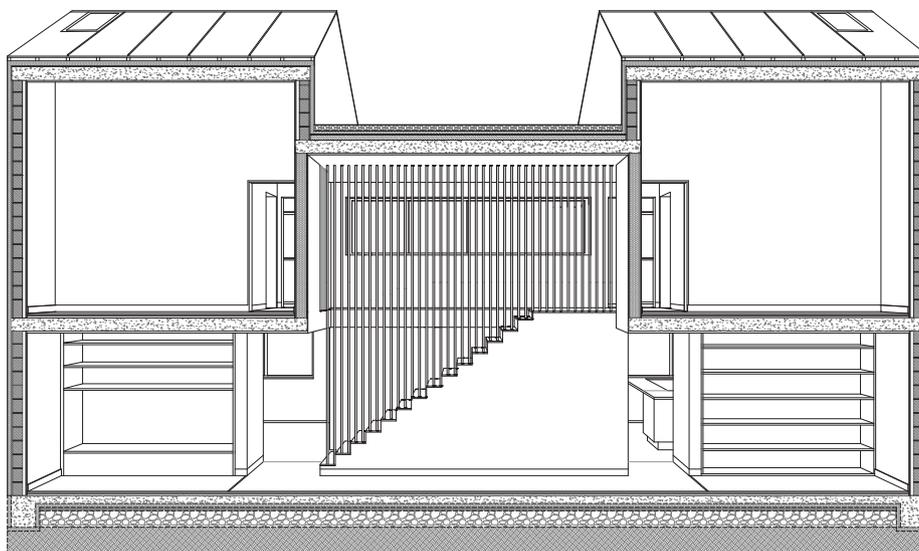


Piso 0

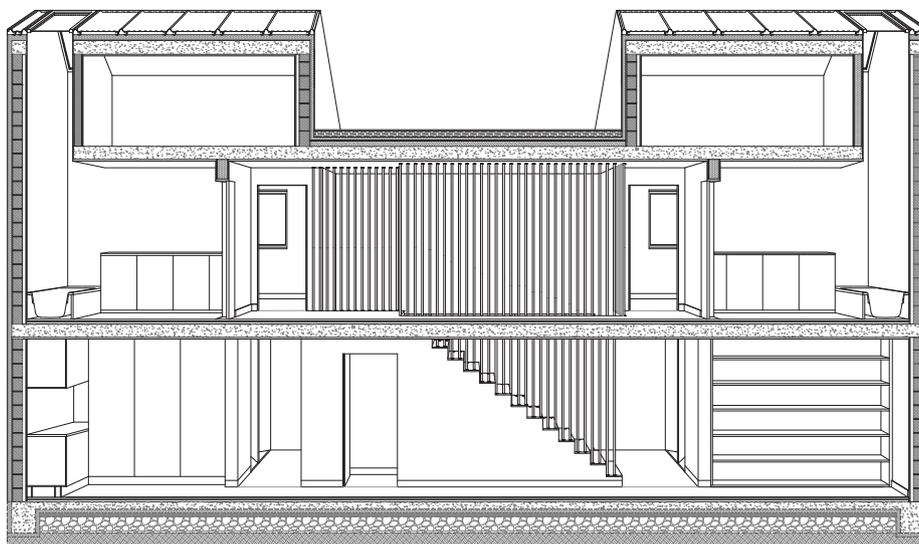


Piso 1

Plantas T4 
 Redução da escala 1. 50



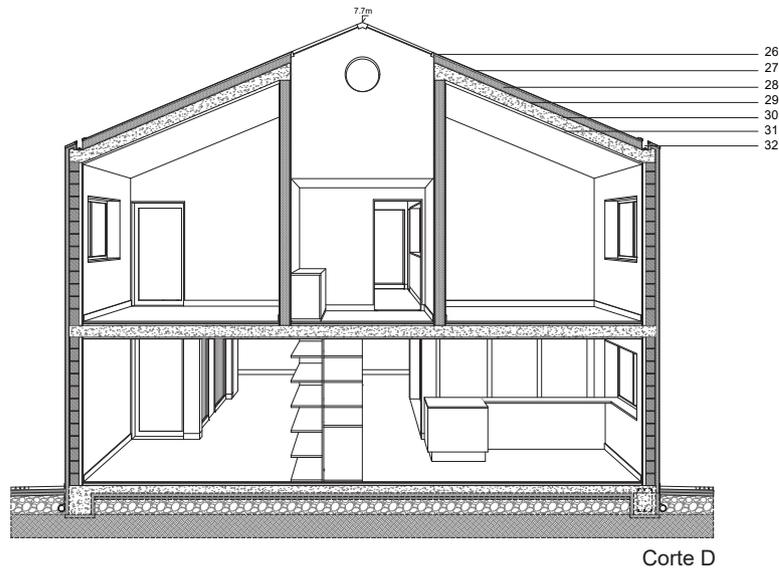
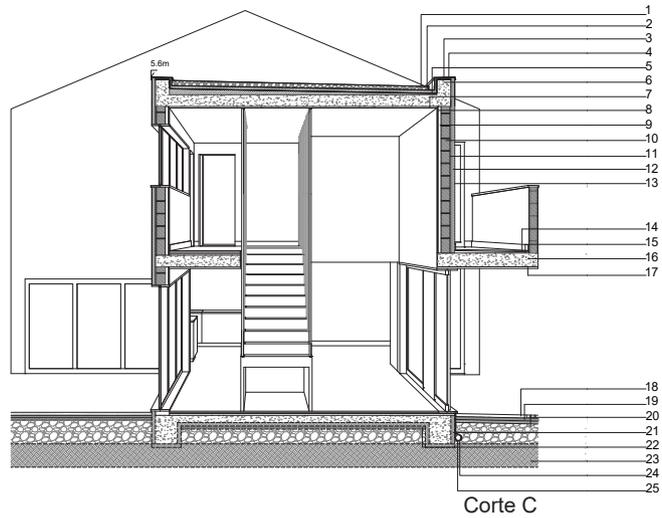
Corte A



Corte B

Cortes
Redução da escala 1. 50

- 1 - Godo Lavado
- 2 - Manta Geotêxtil
- 3 - Isolamento Térmico
- 4 - Impermeabilização
- 5 - Betonilha (formação de pendente 2%)
- 6 - Laje de Betão
- 7 - Reboco Interior
- 8 - Gesso Cartonado
- 9 - Perfis Metálicos
- 10 - Bloco de Alvenaria
- 11 - Barramento Armado com rede de fibra de vidro
- 12 - Isolamento Térmico
- 13 - Reboco Interior
- 14 - Pavimento
- 15 - Betonilha (formação de pendente 2%)
- 16 - Laje de Betão
- 17 - Reboco Exterior
- 18 - Calçada
- 19 - Camada de Assentamento
- 20 - Terreno Bem Compactado
- 21 - Geotêxtil
- 22 - Poliestireno Extrudido
- 23 - Terreno Bem Compactado
- 24 - Dreno
- 25 - Manta geotêxtil
- 26 - Coberura Zinco
- 27 - Perfis Metálicos
- 28 - Isolamento Térmico
- 29 - Tela de Impermeabilização
- 30 - Laje de Betão
- 31 - Reboco Interior
- 32 - Caleira



Cortes
 Redução da escala 1. 50



